UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS
NA FALA DE SERGIPANOS EM SÃO PAULO**

AMANDA DE LIMA SANTANA

Versão corrigida

SÃO PAULO
2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

**AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS
NA FALA DE SERGIPANOS EM SÃO PAULO**

AMANDA DE LIMA SANTANA

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

De acordo:

Orientador: Prof. Dr. Ronald Beline Mendes

SÃO PAULO
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S231v Santana, Amanda de Lima
As vogais médias pretônicas na fala de sergipanos
em São Paulo / Amanda de Lima Santana ; orientador
Ronald Beline Mendes. - São Paulo, 2018.
147 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Linguística. Área de
concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Acomodação dialetal. 2. Sergipe. 3. Migrantes.
4. Vogais médias pretônicas. 5. Redes sociais. I.
Mendes, Ronald Beline, orient. II. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronald Beline Mendes (FFLCH-USP)
Presidente

Profª Drª Livia Oushiro (UNICAMP)
Membro titular

Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza (FFLCH-USP)
Membro titular

Profª Drª Raquel Meister Ko. Freitag (UFS)
Membro titular

Profª Drª Esmeralda Vailati Negrão (FFLCH-USP)
Membro suplente

Profª Drª Flaviane Romani Fernandes-Svartman (FFLCH-USP)
Membro suplente

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP)
Membro suplente

*Para os meus pais, os
sergipanos responsáveis
por tudo isso.*

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pelo financiamento da pesquisa, sem o qual a realização deste estudo seria prejudicada.

Agradeço ao professor Ronald Beline Mendes, meu orientador, por ter me apresentado à Sociolinguística no meu primeiro ano de graduação, pela paciência que teve (e continua tendo) com as minhas inseguranças acadêmicas, pelas orientações que me fizeram pensar além do óbvio e pelos valiosos apontamentos sobre minha escrita. Obrigada pela confiança!

Agradeço à professora, e colega, Livia Oushiro por todo o suporte essencial que me deu desde antes mesmo do início do Mestrado. Obrigada pelos cursos sobre Estatística e R, por literalmente abrir as portas da sua casa para ajudar uma mestrande desesperada, pelos inúmeros e-mails trocados, pelos apontamentos na banca de qualificação e por todas as conversas empolgantes e decisivas sobre a minha pesquisa. Sem a sua incrível ajuda, este estudo não existiria.

Agradeço ao professor Mário Viaro pela orientação na minha iniciação científica, com quem aprendi a dar os primeiros passos no caminho da pesquisa. Agradeço também aos diversos professores que foram responsáveis pela minha formação como bacharela em Letras pelas aulas inspiradoras e por todo o aprendizado transmitido (entre eles, professor Joaquim de Aguiar (em memória), professora Yudith Rosenbaum, professor Jairo Nunes, professora Lilian Jacoto, professor Manoel Corrêa, professora Olga Coelho e professor Marcelo Módolo).

Agradeço ao professor Paulo Chagas por ter participado da minha banca de qualificação, pelas contribuições dadas nessa ocasião e por todo o conhecimento transmitido nas aulas de Fonologia e Morfologia na graduação. Agradeço à professora Flaviane Fernandes-Svartman pelas aulas complexas sobre prosódia, no primeiro semestre do Mestrado, e por me servir como um exemplo de profissional a ser seguido no ambiente acadêmico. Agradeço à professora Raquel Freitag pela pesquisadora enérgica e competente que é e pelo compartilhamento das entrevistas de Sergipe.

Agradeço ao amigo Wendel Santos, presente do GESOL, pela companhia calorosa de um ludovicense cheio de garra e de afeto. Obrigada por me fazer rir inúmeras vezes e por compartilhar as dores e as delícias dessa vida de pós-graduando.

Agradeço ao amigo Dany Gonçalves por ter vivido comigo todas as fases do Mestrado: o ingresso no programa, os vários congressos, as viagens, o período de qualificação, as inseguranças e os momentos de descontração.

Agradeço aos demais colegas do GESOL por amenizar a vida um tanto solitária de uma pós-graduanda. Obrigada, Larissa Soriano, por ouvir meus desabafos e compartilhar de sentimentos parecidos quanto à pós; Monique Amaral, por me servir de exemplo, pela inteligência, pela postura crítica que sempre demonstrou ter sobre diversos assuntos e pelas palavras de consolo sobre a vida acadêmica; Maria Eugênia Barcellos, que chegou faz pouco tempo, mas que já me cativou pela simplicidade, pela esperteza e pela energia linda que tem; Luigi Parrini, pela inteligência em sua face mais despretensiosa; Gustavo Martins, pelos trejeitos únicos e pela humildade acadêmica.

Obrigada também, pelas trocas nos nossos encontros semanais, Júlia França, Pedro Rivellino, Germano Jorge, Luciana Massai e Isabel Pie.

Agradeço ao Wellington da Silva pelas conversas, pelo suporte acadêmico e por me servir como um exemplo de aluno da pós-graduação. Agradeço ao Emerson de Souza e à Joana Figueiredo por me inspirarem com a dedicação que têm aos estudos e pelas trocas que tivemos sobre nossas pesquisas.

Agradeço à minha querida amiga Julia Chiovetto, a Ne, pela amizade desde o nosso segundo ano de graduação, pela companhia em inúmeras disciplinas, pela nota dez em Sintaxe, pela mulher inspiradora que é, pelo amor que tem à Educação, pelo incentivo nos meus momentos de crise e por rir dos meus comentários toscos. Obrigada por tudo.

Agradeço à Alline Evelyn, Jacqueline Harsche, Janaína Lima, Sinalva Fernandes e Yuri Martins por terem colorido os meus anos de graduação. Obrigada pelos momentos de descontração, pelas risadas, pelo companheirismo, pelos incentivos e pelo ombro amigo. A faculdade não teria sido a mesma coisa sem a presença de todos vocês.

Agradeço à Juliana Silveria pela amizade de longa data e por acompanhar a minha trajetória com entusiasmo e carinho.

Agradeço ao Diogo Maciel pelo apoio e pelas palavras de incentivo que me foram importantes em momentos cruciais. Obrigada pela confiança depositada, que eu própria não tinha, na minha capacidade.

Agradeço à Rachel Ferraz pelos aconselhamentos quando mais me senti estagnada e um pouco perdida.

Agradeço à minha família – minha mãe Adeli, meu pai José (ou Doda) e minhas irmãs Josiane e Daiane – pela estrutura que não me deixa desabar e pelo apoio incondicional desde sempre. Obrigada, mãe e pai, pelo suporte em toda a minha vida, sem o qual eu não teria chegado até a Universidade de São Paulo. Obrigada por acreditarem na Educação mesmo sem ter tido acesso a ela. Obrigada, Carlos, cunhado e agregado da família, pelas conversas de incentivo. Obrigada, Lucas, meu cunhado, por ouvir minhas histórias pacientemente. Obrigada, Clarissa, minha sobrinha, por ter chegado a nossas vidas para mostrar que o mais importante da existência é o amor.

Agradeço aos amigos do Luminar – Rubens Lima (meu amigo de infância), Daniela Moreira, Eduarda Brito, David Silva, Alexandre Liber e Auta Narjara – pelas conversas e pelas risadas que me distraem quando preciso. Agradeço também aos meus alunos que me fazem acreditar que estou no caminho certo.

Agradeço ao Jesuel Marques, que apareceu na reta final de todo esse trabalho, mas que conseguiu ser a minha calmaria em meio a tanta ansiedade e inquietação. Obrigada pelo interesse que demonstra ter em relação aos meus estudos, pela companhia carinhosa, pelo olhar afetuoso e pela confiança na minha capacidade.

Agradeço aos vinte e sete sergipanos que abriram suas portas e seus corações para contar suas histórias de vida. Obrigada pelas memórias emocionantes! Sem a contribuição de vocês, este estudo seria inviável.

Resumo

Esta dissertação objetiva estudar a fala de sergipanos migrantes residentes em São Paulo e em sua região metropolitana, com o intuito de verificar suas taxas de acomodação (TRUDGILL, 1986) à fala paulistana, no que concerne ao grau de abertura das vogais médias pretônicas (como em “*negócio*” e “*coragem*”), tratado como uma variável numérica (a partir dos valores de F1). Para tanto, os pressupostos teóricos variacionistas (LABOV, 2008 [1972]), o conceito de redes sociais (MILROY, 1987; MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]) e algumas definições caras à terceira onda (ECKERT, 2012), como o de identidade (KIESLING, 2013), são tomados como norteadores.

O *corpus* da pesquisa é formado por 27 entrevistas sociolinguísticas realizadas com sergipanos migrantes pertencentes a duas redes sociais distintas. A rede 1 é mais fechada (com uma mobilidade geográfica mais limitada e com um contato menos frequente com paulistanos) e é composta por 16 informantes residentes em Taboão da Serra e Cotia, cidades metropolitanas de São Paulo. A rede 2, por sua vez, é mais aberta (tem mais contato com paulistanos) e é formada por 11 sujeitos, moradores de Osasco, Carapicuíba e São Paulo.

Partindo da premissa de que os indivíduos estão se acomodando às pessoas com quem estão conversando rotineiramente, a hipótese central do estudo é que as taxas de acomodação dos migrantes estejam correlacionadas à configuração de suas redes. Dessa maneira, como os sujeitos da rede 2 conversam, com mais frequência, paulistanos, eles tendem a estar mais acomodados à fala paulistana. Além disso, a pesquisa lida com o conceito de identidade com o intuito de testar a hipótese de que o migrante que se identifica mais com Sergipe, do que com São Paulo, tende a estar menos acomodado à nova realidade linguística. Tal teste é realizado com um índice chamado “índice de vínculo com Sergipe”, criado a partir de um questionário respondido pelos próprios informantes depois da entrevista sociolinguística.

O principal resultado das análises é que a hipótese sobre a configuração das redes não se confirma, ou seja, não faz diferença, para as taxas de acomodação, se o informante pertence à rede mais fechada ou à mais aberta. Verificou-se, nesse sentido, que existe uma grande variação entre os indivíduos de uma mesma rede. Ademais, não foi constatada correlação entre o índice de vínculo com Sergipe do migrante e seu grau de acomodação.

A análise mais minuciosa de dois migrantes da rede 2 revela que existe uma concentração de vogal /o/ mais baixa quando os falantes estão avaliando as diferentes pronúncias brasileiras e estão discursando sobre sua origem, sobretudo quando usam a palavra “nordeste” (e suas derivações). Tal descoberta mostra que, em pesquisas sobre acomodação dialetal, é importante voltar-se para a análise do indivíduo e para suas posturas (“stance”).

Palavras-chave: Sergipe. Acomodação dialetal. Migrantes. Vogais médias pretônicas. Redes sociais. Identidade.

Abstract

This master's thesis presents a study of pre-stressed mid-vowels /e/ (*negócio* 'business') and /o/ (*coragem* 'courage') in the speech of 27 speakers who migrated from Sergipe to São Paulo. In their original dialect, speakers born and raised in Sergipe (as in other areas of Northeastern Brazil – Cardoso, 1999; Callou *et al*, 2009) tend to open these vowels, relative to their pronunciation by speakers born and raised in São Paulo. Under the assumption that speakers tend to accommodate their speech (TRUDGILL, 1986) to the variety spoken by those with whom they routinely speak, the central hypothesis is that migrants may have different rates of accommodation in the pronunciation of those vowels, depending on the configuration of their networks. That way, migrants whose networks include more Paulistanos would tend to pronounce these vowels more similarly to these speakers, as opposed to migrants whose networks include more Sergipanos and speakers from other Northeastern areas of Brazil.

The data were extracted from sociolinguistic interviews, recorded with these migrants according to their participation in two social networks. Network 1 is more closed (limited geographical mobility and less frequent contact with Paulistanos) and comprises 16 migrants living in Taboão da Serra and Cotia, metropolitan cities of São Paulo. Network 2 is more open (more contact with Paulistanos) and comprises 11 subjects, residents of Osasco, Carapicuíba and São Paulo. Data collection and analyses were carried out in accordance with Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), the concept of social networks (MILROY, 1987; MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]) and third-wave conceptualizations (ECKERT, 2012), such as stance and identity (KIESLING, 2013). Vowel openness was treated as a numeric variable (measured in Praat – Boersma & Weenink, 2014 – through formant F1, in Hertz).

Results do not confirm the network hypothesis, as the degrees of migrants' accommodation did not significantly differ according to their network. Rather, there is great variability amongst speakers, including those who are members of the same network. Additionally, there is no correlation between the variable and whether the migrants identify themselves more to the new city or to their Northeastern origins (through an index based on answers to an identity questionnaire performed at the end of the sociolinguistic interviews). Moreover, there is also great variability throughout their interviews. By analyzing more closely the speech of two migrants from Network 2, it is noteworthy that there is a concentration of higher-F1 tokens of /o/ in the word *nordeste* (*Nordeste* 'Northeast'), when the speakers are talking about their views on their origins and their original dialect. These findings call for further analysis of individual speech, when it comes to research on dialect accommodation.

Keywords: Sergipe. Dialectal accommodation. Migrants. Pre-stressed mid vowels. Social networks. Identity.

Índice de tabelas

Tabela 1: Informantes sergipanos migrantes das duas redes.....	40
Tabela 2: Informantes sergipanos da amostra parâmetro.....	53
Tabela 3: Informantes da amostra paulistana (SP2010) utilizados para comparação com os migrantes.....	54
Tabela 4: Total de ocorrências das vogais em posição pretônica extraídas	59
Tabela 5: exemplo de conversão (questão 6)	63
Tabela 6: Relação dos valores do índice de vínculo com Sergipe para cada um dos migrantes .	64
Tabela 7: Relação dos valores do índice de integração à rede para cada migrante.....	66
Tabela 8: Relação dos valores de proporção de vida em São Paulo para cada migrante	69
Tabela 9: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica na fala dos migrantes da amostra SESP-2016, de acordo com as variáveis linguísticas (N = 3119).....	73
Tabela 10: Cruzamento entre as variáveis “Contexto fônico precedente” e “Contexto fônico seguinte” em relação à vogal /e/.....	76
Tabela 11: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica na fala dos migrantes da amostra SESP-2016, de acordo com as variáveis linguísticas e com interações (N = 3119).....	76
Tabela 12: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes da amostra SESP-2016 de acordo com as variáveis linguísticas (N = 1926)	78
Tabela 13: Cruzamento entre as variáveis “Contexto fônico precedente” e “Contexto fônico seguinte” em relação à vogal /o/	79
Tabela 14: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica na fala dos migrantes da amostra SESP-2016, de acordo com as variáveis linguísticas e com interações (N = 1926).....	79
Tabela 15: Distribuição dos migrantes de acordo com as variáveis <i>Escolaridade</i> e <i>Faixa Etária</i>	81
Tabela 16: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes de acordo com as variáveis macrosociais (N = 3119).....	82
Tabela 17: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com as variáveis macrosociais (N = 1926).....	82
Tabela 18: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes de acordo com a variável sexo/gênero e a interação entre rede e sexo (N = 3119)....	83
Tabela 19: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com a variável sexo/gênero e a interação entre rede e sexo (N = 1926)....	83
Tabela 20: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica nas três amostras (N = 3952).....	85
Tabela 21: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica nas três amostras (N = 2509).....	87
Tabela 22: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 3454)	89
Tabela 23: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 2272)	89
Tabela 24: Agrupamento dos migrantes de acordo com seu índice de vínculo com Sergipe	92
Tabela 25: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica nas duas redes em relação ao índice de vínculo com Sergipe (N = 3119).....	92

Tabela 26: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica nas duas redes em relação ao índice de vínculo com Sergipe (N = 1926).....	93
Tabela 27: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes de acordo com o índice de vínculo com Sergipe (N = 3119)	93
Tabela 28: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com o índice de vínculo com Sergipe (N = 1926)	94
Tabela 29: Agrupamento dos migrantes de acordo com a pergunta “o quanto se considera paulistano?”	94
Tabela 30: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes de acordo com as notas para paulistano (N = 3454).....	95
Tabela 31: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com as notas para paulistano (N = 2272).....	95
Tabela 32: Agrupamento dos migrantes de acordo com sua “Proporção de vida em São Paulo”	97
Tabela 33: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /e/ pretônica na fala dos migrantes, de acordo com sua proporção de vida em São Paulo (N = 3119)	98
Tabela 34: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /o/ pretônica na fala dos migrantes de acordo com sua proporção de vida em São Paulo (N = 1926)	99
Tabela 35: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes de acordo com a idade de migração (N = 3119).....	100
Tabela 36: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com a idade de migração (N = 1926).....	100
Tabela 37: Reagrupamento dos migrantes de acordo com seu <i>Índice de integração à rede</i>	100
Tabela 38: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogais /e/ pretônicas dos migrantes de acordo com o índice de integração à rede (N = 3119)	101
Tabela 39: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com o índice de integração à rede (N = 1926)	102
Tabela 40: Estimativas (em Hz) de valores médios de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica na fala das mulheres da rede 1 (N = 1118).....	105
Tabela 41: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos homens da rede 1 em comparação com os paulistanos (N = 693)	107
Tabela 42: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica das mulheres da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 789)	107
Tabela 43: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos homens da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 415).....	108
Tabela 44: Resumo dos resultados para os migrantes da rede 1	109
Tabela 45: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica das mulheres da rede 2 em comparação com os paulistanos (N = 495)	111
Tabela 46: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos homens da rede 2 em comparação com os paulistanos (N = 813)	112
Tabela 47: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica das mulheres da rede 2 em comparação com os paulistanos (N = 277)	112
Tabela 48: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos homens da rede 2 em comparação com os paulistanos (N = 445)	113
Tabela 49: Resumo dos resultados dos modelos de regressão linear	113
Tabela 50: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /e/ pretônica nas três amostras (N = 3952)	143

Tabela 51: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica nas três amostras (N = 2509)	143
Tabela 52: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 3454)	143
Tabela 53: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 2272)	143
Tabela 54: Estimativas (em Hz) de valores médios de F1 não normalizados para vogal /e/ pretônica na fala das mulheres da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 1118)	144
Tabela 55: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /e/ pretônica dos homens da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 415)	144
Tabela 56: Estimativas (em Hz) de valores médios de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica na fala das mulheres da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 789)	144
Tabela 57: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica dos homens da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 415)	144
Tabela 58: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /e/ pretônica das mulheres da rede 2 em comparação com SP2010 (N = 495)	145
Tabela 59: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /e/ pretônica dos homens da rede 2 em comparação com SP2010 (N = 813)	145
Tabela 60: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica das mulheres da rede 2 em comparação com SP2010 (N = 277)	145
Tabela 61: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica dos homens da rede 2 em comparação com SP2010 (N = 445)	145

Índice de figuras

Figura 1: Espectograma das vogais [i], [e] e [ɛ] (adaptado de Barbosa & Madureira, 2015: 242)	10
Figura 2: Valores de F1 e F2 de várias realizações das sete vogais orais do português brasileiro (CRISTÓFARO SILVA, 2011: 121)	11
Figura 3: Espaço acústico das vogais pretônicas do português do Brasil por capitais, em que RE se refere a Recife, SA a Salvador, RJ a Rio de Janeiro, SP a São Paulo e PA a Porto Alegre (adaptado de CALLOU <i>et al</i> , 2009: 102)	12
Figura 4: Relação entre estruturas de redes e preservação do vernáculo (extraído de Bortoni-Ricardo, 2011 [1985])	24
Figura 5: Representação do mecanismo de coleta da amostra por rede social	33
Figura 6: Representação da rede 1 de sergipanos residentes em São Paulo	34
Figura 7: Representação da rede 2 de sergipanos residentes em São Paulo	35
Figura 8: Imagem de satélite da região metropolitana de São Paulo	37
Figura 9: Cidades da região metropolitana onde residem os informantes da amostra	38
Figura 10: Localização das cidades de Lagarto e de Itabaiana, em Sergipe	52
Figura 11: Transcrição no Praat após a aplicação do EasyAlign e dos <i>scripts</i>	56
Figura 12: Questionário sobre vínculo com Sergipe	62
Figura 13: Gráfico de efeitos sobre a relação entre os valores normalizados de F1 da vogal pretônica e os da vogal da sílaba seguinte	75
Figura 14: Médias de F1 e de F2 das vogais pretônicas das duas redes e das amostras de Sergipe e de São Paulo	84
Figura 15: Comparação das médias de F1 e de F2 das vogais pretônicas separadas por sexo/gênero e por amostras	88
Figura 16: Organização dos migrantes em relação ao índice de vínculo com Sergipe	91
Figura 17: Médias normalizadas de F1/F2 das mulheres da rede 1	105
Figura 18: Médias normalizadas de F1/F2 das vogais pretônicas para os homens da rede 1 em comparação com a média paulistana	106
Figura 19: Médias normalizadas de F1/F2 das vogais pretônicas das mulheres da rede 2 em comparação com a média paulistana	110
Figura 20: Médias normalizadas de F1/F2 das vogais pretônicas dos homens da rede 2 em comparação com os paulistanos	111
Figura 21: Valores normalizados de F1 das vogais /e/ e /o/ ao longo da entrevista de LeandroB	120
Figura 22: Valores normalizados de F1 das vogais /e/ e /o/ ao longo da entrevista de PedroB	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS.....	5
1. O SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	5
2. ANÁLISE ACÚSTICA DAS VOGAIS	9
3. O TRATAMENTO VARIACIONISTA SOBRE AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS	12
CAPÍTULO 2: ACOMODAÇÃO DIALETAL, REDES SOCIAIS E IDENTIDADE	17
1. O CONCEITO DE ACOMODAÇÃO DIALETAL	17
2. O QUE JÁ REVELARAM ALGUNS TRABALHOS SOBRE ACOMODAÇÃO DIALETAL.....	19
3. O CONCEITO DE REDE SOCIAL E SUA APLICAÇÃO NOS TRABALHOS DE SOCIOLINGÜÍSTICA	23
4. O CONCEITO DE IDENTIDADE.....	28
CAPÍTULO 3: ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	32
1. A CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA DE SERGIPANOS	32
1.1 <i>Os informantes</i>	39
1.1.1 Os informantes da rede 1.....	41
1.1.2 Os informantes da rede 2.....	47
2. REDE ABERTA E REDE FECHADA.....	50
3. A AMOSTRA DO BANCO “FALARES SERGIPANOS”	51
4. A AMOSTRA SP2010	53
5. FERRAMENTAS DE ANÁLISE.....	54
6. EXTRAÇÃO DOS DADOS	57
7. VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS.....	60
8. VARIÁVEIS SOCIAIS	61
8.1 <i>Rede social</i>	61
8.2 <i>Índice de vínculo com Sergipe</i>	61
8.3 <i>Índice de integração à rede</i>	65
8.4 <i>Outras variáveis sociais</i>	67
CAPÍTULO 4: A FALA DE MIGRANTES SERGIPANOS EM SÃO PAULO: ASPECTOS QUANTITATIVOS ACERCA DE SUAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS	71
1. ANÁLISES DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS.....	71
1.2 <i>Sexo/gênero, Faixa etária e Escolaridade</i>	81
2. ANÁLISES COM AS AMOSTRAS PAULISTANA E SERGIPANA.....	84
3. AS REDES	88
4. ÍNDICE DE VÍNCULO COM SERGIPE	90
5. PROPORÇÃO DE VIDA EM SÃO PAULO	97
6. ÍNDICE DE INTEGRAÇÃO À REDE	100
7. SINOPSE DOS RESULTADOS	103
CAPÍTULO 5: ANÁLISES NO NÍVEL DO INDIVÍDUO.....	104
1. OS INFORMANTES DE AMBAS AS REDES	104
2. LEANDROB E PEDROB.....	118

CONCLUSÃO	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132
ANEXOS	139

Introdução

O presente trabalho analisa os graus de acomodação dialetal na fala de sergipanos que se mudaram para a cidade de São Paulo e sua região metropolitana, no que toca à pronúncia das vogais médias pretônicas. As bases gerais para o estudo são definidas pelo conceito de redes sociais (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]), por fundamentos da terceira onda da sociolinguística (ECKERT, 2012) e da teoria da Variação e da Mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]).

Apesar de constituírem um vasto campo de pesquisa fora do Brasil, os processos de acomodação dialetal (no sentido definido por Trudgill (1986), isto é, aquela que se dá a longo prazo¹) ainda são pouco estudados no cenário nacional. Sobre sergipanos residentes em São Paulo, por exemplo, não se tem notícias de um tal estudo até o momento em que este começa a ser desenvolvido. Por conta desse quadro, ainda existem inúmeras perguntas em aberto concernentes ao tema da acomodação (tais como: a idade de chegada do migrante ao novo lugar é relevante? seu tempo de residência na nova localidade é significativo? os contatos por ele estabelecidos dentro de redes sociais são pertinentes?).

Estudar processos de acomodação dialetal na fala de migrantes residentes em São Paulo representa um passo adiante na descrição e compreensão das peculiaridades do português dessa cidade, fortemente caracterizada por migrações, especialmente por parte de nordestinos. Diversos estudos sobre o português paulistano já foram realizados, tais como Oushiro (2011, 2015a), Nascimento (2011), R. Rocha (2013) e Santos (2014), mas pouca atenção foi dada à fala dos migrantes que também fazem parte da realidade linguística de São Paulo. Uma das raras exceções é o trabalho de Gomes da Silva (2014), que desenvolveu uma análise comparativa entre paulistanos e alagoanos residentes na capital paulista, levando em conta padrões de variação da concordância nominal. O autor demonstrou, especificamente no que toca a esta variável, que há mais semelhanças do que diferenças entre os falares dos dois grupos. No entanto, sua pesquisa não se voltou para processos de acomodação dialetal, já que, de fato, este não era seu objetivo.

¹ O conceito de acomodação será melhor discutido no capítulo 2, mais adiante.

As vogais médias pretônicas constituem uma das variáveis mais estudadas no Brasil, uma vez que ela serve como diferenciadora de dialetos (Nascentes, 1953 [1922]; Marroquim, 1945). Nascentes (1953 [1922]), por exemplo, utiliza essa variável para diferenciar os falares brasileiros do norte e do sul, afirmando que naqueles existe predominância de vogais médias abertas ([ɛ] e [ɔ]), enquanto nos últimos predominam as médias vogais fechadas ([e] e [o]). O trabalho de Mota (1979) em Sergipe, o de Bisol (1981) no Rio Grande do Sul, o de Viegas (1987) em Minas Gerais, o de Silva (1989) na Bahia e o de Yaconvenco (1993) no Rio de Janeiro são apenas alguns exemplos da grande quantidade de estudos desenvolvidos sobre essa variável.

A presente pesquisa se aproxima das anteriormente referidas em relação ao objeto; no entanto, diferentemente delas e da grande maioria de trabalhos sociolinguísticos brasileiros sobre vogais, aqui se propõe analisar as vogais médias pretônicas a partir de sua configuração acústica e não de oitiva. Nesse sentido, as análises que aqui se apresentam são desenvolvidas por meio dos valores dos formantes F1 e F2 das vogais, de modo que se toma esta como uma variável numérica e contínua (em vez de discreta, cujas variantes seriam simplesmente “alta”, “média-alta” ou “média-baixa”). Dessa maneira, e é desse modo que este estudo aborda a fala dos migrantes, pode-se falar em diferentes “graus” de acomodação, já que a própria natureza dessa variável assim o permite.

Nos estudos de acomodação dialetal, Giles *et al.* (1973) é a referência mais frequente, pois os pesquisadores buscam verificar se as atitudes de seus informantes em relação a um interlocutor que fala um dialeto distinto favorecem ou não sua acomodação. No entanto, para testar tal teoria, o ideal seria que um mesmo informante fosse entrevistado por, pelo menos, duas pessoas diferentes – um sergipano e um paulistano, no caso da presente pesquisa – para observar se o sujeito apresenta padrões diferentes em sua fala de acordo com seu interlocutor. É por conta disso que o estudo que aqui está se propondo não se define pela proposta de Giles *et al.* (1973), pois todos os informantes da amostra foram entrevistados por uma única documentadora (uma paulistana)². O ponto crucial é que a teoria desenvolvida por Giles e colegas abrange a acomodação de curto prazo (*short-term accommodation*), tema esse de interesse à psicologia social, área em que trabalha Giles. Aos linguistas, interessa mais a

² Uma pesquisa que pode ser tomada como um bom exemplo ao tratar da acomodação do falante a seu interlocutor é aquela desenvolvida por Rickford & McNair-Knox (1994), na qual uma mesma adolescente norte-americana afrodescendente foi entrevistada por pessoas diferentes. O estudo mostrou que os padrões de fala dela não são os mesmos a depender de seus interlocutores.

acomodação de longo prazo (*long-term accomodation*³), cujas análises não são feitas de maneira impressionística (Trudgill, 1986).

Por conta dessas considerações, aqui se propõe como guia o conceito das redes sociais (Milroy & Llamas, 2013 [2002]), pois, em pesquisas sobre acomodação dialetal, faz mais sentido “mapear” as interações sociais dos informantes no sentido de observar quem conversa com quem e de verificar, por exemplo, se o contato de nordestinos migrantes com outros nordestinos (mais frequente ou intenso do que com paulistanos) explica ou não a frequência elevada de vogais mais abertas em sua fala. Em outras palavras, a escolha pelo método das redes se deu porque o estudo parte da premissa de que os migrantes estão se acomodando a quem eles ouvem frequentemente. A pesquisa de Souza (2017) vem ao caso porque nela os migrantes baianos em São Paulo também são estudados a partir do conceito das redes. Seu objetivo é verificar os padrões de covariação de diferentes variáveis linguísticas (pronúncia das vogais médias pretônicas, (-r) em coda, padrão das formas de negação, uso do artigo diante de antropônimos e uso de determinados vocábulos) na fala de baianos estabelecidos em São Paulo. Seus resultados serão significativos para as pesquisas que lidam com a metodologia das redes sociais, como o presente estudo.

Com o objetivo de apresentar um quadro mais geral a respeito das vogais, o capítulo 1 descreve o quadro vocálico do português brasileiro e as propriedades acústicas das vogais, na intenção de compreender o modo como se dá a produção desses fonemas, a depender da sílaba que eles ocupam, do formato da boca e da posição da língua. Além disso, revisam-se também alguns estudos variacionistas sobre a produção das vogais médias pretônicas, de modo que se apresenta um panorama sobre o tema dentro da área da sociolinguística laboviana.

O capítulo 2 aborda os conceitos de rede social, acomodação dialetal e identidade, cruciais para a pesquisa. O trabalho de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) é apresentado como um dos principais exemplos de estudo com a metodologia das redes; o conceito de “acomodação dialetal” desenvolvido por Giles *et al.* (1973) é explicado e contrastado com a visão de Trudgill (1986); e a definição de “identidade” é abordada a partir da chamada terceira onda da sociolinguística (Eckert, 2012).

O capítulo 3 explica o desenvolvimento da metodologia utilizada na pesquisa. Nele, há a descrição de como as entrevistas aconteceram e de que maneira os

³ Os termos “short-term accomodation” e “long-term accomodation” são cunhados por Trudgill (1986: 3).

informantes foram contatados. Além disso, relata-se um breve perfil de cada um dos 27 migrantes, com a intenção de estabelecer uma noção mais clara de quem são esses sujeitos. A amostra paulistana e a dos sergipanos que não migraram são apresentadas ainda nesse capítulo. Explica-se também como se deu a extração dos dados: quais foram as ferramentas computacionais utilizadas e como foi o passo a passo do processo de montagem do *corpus*.

No capítulo 4, apresentam-se e discutem-se as análises quantitativas a partir das médias de F1 de cada amostra e de cada rede; exibem-se os resultados dos modelos estatísticos acerca das variáveis linguísticas e sociais diante das taxas de acomodação dos migrantes. Um dos resultados mostrados é que a acomodação se dá de maneira distinta em relação às vogais, isto é, ambas as redes se acomodaram a /e/, mas não a /o/ (apenas a 1, neste caso).

Finalmente, no capítulo 5, as análises se dirigem ao indivíduo, ou seja, as médias de cada um dos participantes são comparadas estatisticamente com as médias paulistanas para averiguar quais deles estão mais ou menos acomodados à pronúncia dos paulistanos. Os testes indicam que o migrante que está mais acomodado à vogal /e/ não necessariamente está mais acomodado à /o/. Além disso, a fala de dois falantes específicos é analisada mais detalhadamente, num exercício que visa a compreender melhor a importância dos conceitos de identidade e de tomadas de posição para uma análise sociolinguística da acomodação dialetal.

Capítulo 1:

Vogais médias pretônicas

1. O sistema vocálico do português do Brasil

As vogais médias pretônicas são um tema bastante estudado por conta de sua ampla variação entre e nos falares regionais, mas também intraindividuais. Da perspectiva histórica, sabe-se que quando a língua portuguesa chegou ao Brasil, em meados do século XVI, a elevação de tais vogais estava ocorrendo em ritmo lento (quando comparada à elevação das vogais átonas finais), “enquanto que em Portugal [o processo] foi acelerado pela tendência ao ritmo de tempo acentual” (BORTONI-RICARDO, 2011 [1985]: 46).

A variação acima referida é explicada pelos aspectos históricos da língua portuguesa, mais especificamente pela época em que ocorreu sua transplantação para a ex-colônia portuguesa. De acordo com Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), diversos fatores podem ter colaborado para atenuar o processo de elevação das vogais pretônicas no Brasil. Como primeiro aspecto, a autora explica que “a transferência de uma língua de um lugar para outro reduz o ritmo de sua deriva” (p. 46). Desse modo, seria de esperar que, no Brasil, a mudança desses segmentos vocálicos ocorresse mais vagarosamente. Além disso,

“[o]s portugueses vieram de todas as regiões de seu país, inclusive dos arquipélagos. Observe-se que a colonização estendeu-se por um período de três séculos. Considerando que a regra de elevação da vogal pretônica deve ter-se iniciado em certo tempo, em certo lugar, no interior de certos grupos sociais, depreende-se que a regra estava em diferentes estágios de evolução no repertório dos grupos sucessivos de colonizadores que vieram para a colônia.” (pp. 46-7)

Nas palavras de Herculano de Carvalho (1969: 96-97 *apud* Bortoni-Ricardo, 2011 [1985]: 47): “a preservação de vogais médias em posição pretônica em variedades brasileiras e línguas de base portuguesa deve ser considerada como um reflexo mais fiel de pronúncia lusitana antiga”. Isso quer dizer que a pronúncia atual de tais segmentos no Brasil é mais próxima do português falado em séculos passados. Nesse sentido, quanto ao caso das vogais médias pretônicas, pode-se afirmar que o português brasileiro é mais conservador que o português de Portugal.

Quanto à descrição articulatória do sistema vocálico do português brasileiro, Câmara Jr. (1953) estabelece como traços distintivos “a localização articulatória (anterioridade e posterioridade) e a elevação gradual da língua (alta/média/baixa)” (CALLOU *et al.*, 2009: 95). Ademais, ele afirma que os fonemas vocálicos variam em quantidade conforme a tonicidade da sílaba. Isso quer dizer que o português tem, considerando-se apenas as vogais orais e excluindo-se os casos de ditongos e tritongos, “três quadros de vogais, com 7, 5 e 3 fonemas respectivamente” (CÂMARA JR., 1953: 77): i) quadro de vogais tônicas (/a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/ e /u/); ii) quadro de vogais átonas em geral (/a/, /e/, /i/, /o/ e /u/); iii) quadro de vogais átonas em certas posições (/a/, /i/ e /u/).

As sete vogais distintivas do português brasileiro aparecem na sílaba tônica, como pode ser visto nos seguintes vocábulos: s/a/co, s/ɛ/co, s/e/co, s/i/co, s/o/co, s/ɔ/co e s/u/co. Nas outras posições dentro da palavra, as vogais sofrem um processo denominado *neutralização* (CÂMARA JR., 1970 apud MARQUES, 2006: 34), o que resulta numa redução desse quadro. Ou seja, em sílabas átonas, algumas vogais deixam de ser distintivas entre si. É o caso, por exemplo, da sílaba pretônica, para a qual “basta a ausência de tonicidade para anular as oposições distintivas entre /è/ e /e/, de um lado, e, de outro, entre /ò/ e /o/”⁴ (CÂMARA JR., 1953: 76). Desse modo, existe uma pronúncia variável entre /e/ e /ɛ/ (*l[e]var/l[ɛ]var*, por exemplo), bem como entre /o/ e /ɔ/ (*m[o]rar/m[ɔ]rar*). Nesse sentido, a variação divide o Brasil em diferentes áreas dialetais, fenômeno esse abordado por Nascentes (1953 [1922]) quando afirma que os falares do Norte tendem a pronunciar vogais mais abertas, enquanto os falares do Sul optam pela pronúncia de vogais mais fechadas. Esse fenômeno da neutralização está exemplificado no quadro 2 abaixo, em que os arquifonemas /E/ e /O/ indicam que a produção de tais vogais médias pode ser tanto [ɛ] e [ɔ] (médias de 1º grau) quanto [e] e [o] (médias de 2º grau).

⁴ Optou-se por utilizar a convenção do texto original de Câmara Jr.. Desse modo, convém dizer que a transcrição /è/ refere-se a /ɛ/ e /ò/ a /ɔ/.

Contexto tônico		
Altas	/i/	/u/
Médias 2º grau	/e/	/o/
Médias 1º grau	/ɛ/	/ɔ/
Baixa	/a/	

Quadro 1: vogais tônicas

Contexto pretônico		
Altas	/i/	/u/
Médias	/E/	/O/
Baixa	/a/	

Quadro 2: vogais átonas

Em posição postônica final, o quadro se reduz para 3 vogais que, nas palavras de Câmara Jr. (1953), são “abrimento máximo mediano, abrimento mínimo anterior, abrimento mínimo posterior, ou sejam /a/ - /i/ - /u/” (p. 78). Nesse caso, portanto, ocorre o ponto máximo da neutralização, em que se perde a oposição entre as vogais médias e altas, de maneira que se observa apenas o contraste entre as altas /i/ e /u/ e a baixa /a/. As palavras “dente” e “barco”, por exemplo, servem como comprovação desse processo máximo de neutralização, já que as pronúncias média-fechada [e] e [o] e alta reduzida [ɪ] e [ʊ] não implicam alteração de sentido (ROCHA, F., 2013: 22).

Contexto postônico final		
Altas	/i/	/u/
Médias 2º grau	-	-
Médias 1º grau	-	-
Baixa	/a/	

Quadro 3: vogais átonas em posição final

No presente estudo, são as vogais médias em posição de pretonicidade que estão em foco. Desse modo, será dada uma atenção maior para os processos que ocorrem nessas vogais em tal posição dentro da palavra. De acordo com Câmara Jr. (1953), no contexto das sílabas pretônicas, verificam-se os processos de neutralização das vogais médias e de harmonia vocálica, “uma regra de assimilação regressiva que atinge tais vogais em função de uma vogal subsequente” (KLUNCK, 2007: 16). De modo mais preciso, segundo Cristófarro Silva (2011), a harmonia vocálica ocorre, no caso das vogais médias pretônicas, quando tais segmentos “compartilham a mesma propriedade

de abertura vocálica da vogal tônica” (p. 131). Então, por exemplo, se a vogal da sílaba seguinte (seja ela tônica ou não) for média alta, as vogais pretônicas podem também ser média-altas, como em: *pr[o]f[e]ss[o]r* e *p[o]d[e]r[o]so*. Se a vogal tônica for média-baixa, as vogais pretônicas podem, do mesmo modo, ser médias-baixas, como em *p[ɛ]r[ɛ]r[ɛ]ca* e *p[ɔ]d[ɛ]r[ɔ]sa*. A modalização aqui é necessária porque se trata de um contexto que varia: a harmonização pode ocorrer, mas ela não é categórica. Vale esclarecer que apenas as palavras que favorecem a pronúncia de vogais baixas serão analisadas no presente trabalho.

Além dos processos de neutralização e de harmonia vocálica, existe o fato de algumas transformações não serem explicadas por nenhum desses tipos de fenômenos. Pronúncias como *t[u]mate* e *b[u]neca* são exemplos de uma motivação não aparente, tendo esse nome justamente porque o alçamento da vogal média não é explicada pela harmonia vocálica, uma vez que as vogais tônicas são, respectivamente, baixa e média-baixa, alturas que não motivam o alçamento da pretônica (BISOL, 1981). O termo “sem motivação aparente” vai contra a concepção de língua tomada pela sociolinguística, pois como bem esclarece Eckert (2016), é problemático enxergar o sistema linguístico como algo à parte do que é social. Ademais, outros contextos linguísticos, que não foram apreendidos pela análise, podem estar favorecendo determinada pronúncia.

A revisão sobre a literatura estruturalista acima exposta acerca das vogais em posição de pretonicidade mostrou que algumas transformações que ocorrem dentro da palavra não conseguem ser explicadas exclusivamente pelos aspectos linguísticos. As motivações sociais precisam ser levadas em conta nas descrições e explanações dos fenômenos linguísticos, já que a língua está inserida num contexto social. Nesse sentido, é inegável que o modo como as vogais pretônicas são pronunciadas pode variar a partir de numerosos aspectos não abarcados pela teoria estruturalista.

A partir desse desafio de lidar com nuances que não são levadas em conta por teorias como a estruturalista, o presente estudo sobre acomodação dialetal trata as vogais como variáveis contínuas, uma vez que tal processo pode ocorrer de maneira gradual (OUSHIRO, 2016). O migrante que sai do Nordeste, onde certas vogais pretônicas são mais frequentemente pronunciadas como abertas, e segue para o Sudeste, uma região caracterizada pela realização mais fechada de tais vogais, pode passar a pronunciá-las de maneira ainda mais variável, “dentro” (por assim dizer) do gradiente que vai de uma pronúncia mais fechada até uma mais aberta, incluindo-se aí pronúncias que não são nem tão fechadas quanto as paulistanas, nem tão abertas quanto as

nordestinas. Em outras palavras, se um migrante *pode* ir alterando as pronúncias de suas pretônicas (sempre de maneira variável – pois, à luz da teoria variacionista, as pronúncias por parte de um mesmo falante “jamais” são categóricas, isto é, a ausência de variação é uma exceção e não uma regra), na direção de assemelhar-se ao paulistano, nesse processo que se pode chamar de “acomodação” podem constatar-se taxas intermediárias de abertura/fechamento dessas vogais. Nesse sentido, podemos falar em “taxas intermediárias de acomodação”. Faz todo sentido, portanto, refletir sobre esse processo como algo gradativo, de modo que seja preferível uma análise acústica da produção dessas vogais (através dos valores de seus formantes F1 e F2). Nesse sentido, a próxima seção busca apresentar quais são essas propriedades acústicas.

2. Análise acústica das vogais

A respeito da produção do som, Barbosa e Madureira (2015) explicam:

“[c]omo todo som, objeto de estudo da Acústica, o som da fala tem por origem uma fonte sonora. O padrão sonoro gerado por essa fonte em algum ponto do aparelho fonador entre a glote e os lábios é habitualmente modificado por efeito de ressonância no trato vocal e escapa pelos lábios. Ao ganhar o meio exterior, o som da fala assim obtido provoca uma perturbação no meio elástico circundando o falante (normalmente o ar) e estimula o aparelho auditivo do ouvinte.” (p. 53)

O aparelho fonador, mencionado pelos autores, é uma parte específica do corpo humano formada por três sistemas (CRISTÓFARO SILVA, 2014): o respiratório (constituído pelos pulmões, brônquios e traqueia), o fonatório (onde a laringe está localizada) e o articulatório (composto pela faringe, língua, nariz, palato, dentes e lábios). No trato vocal, o padrão sonoro produzido pela passagem de ar através das cordas vocais, especificamente no que tange às vogais, é modificado pelo efeito de ressonância que está relacionado ao formato e ao posicionamento da língua, assim como ao formato e protrusão dos lábios durante a passagem do ar (MIRANDA & MEIRELES, 2011).

Do ponto de vista acústico, as vogais, como qualquer som vozeado, são caracterizadas pelas frequências de seus *formantes* (MIRANDA & MEIRELES, 2011). Estes podem ser definidos como “zonas de frequência intensificadas pelas cavidades de ressonância de acordo com as diferentes configurações assumidas pelo trato vocal” (CRISTÓFARO SILVA, 2011: 120). Em outras palavras, os valores de frequência dos formantes estão intimamente relacionados com os elementos do trato vocal (posição e

formato da língua). São três os formantes necessários para trabalhar com a descrição das vogais: F1, F2 e F3. É importante dizer que cada vogal tem um arranjo diferente e único de formantes (ASHBY, 2011). Visualmente, eles são identificados no espectograma⁵ (na figura 1, obtido no Praat), com barras horizontais escuras:

Figura 1: Espectograma das vogais [i], [e] e [ε] (adaptado de Barbosa & Madureira, 2015: 242)

O primeiro formante (F1) tem relação com a altura da vogal: quanto mais baixa a língua está posicionada, relativamente ao seu eixo vertical, no momento da produção do som, maior é o valor dessa frequência. É por esse motivo que as vogais altas [i] e [u] apresentam valor de F1 menor que a da vogal baixa [a]. Os valores de F1 variam, em média, entre 150 e 850 Hz (CRISTÓFARO SILVA, 2011). Na Figura 1, observa-se um aumento nesses valores, da esquerda para a direita, visto que ocorre um abaixamento da posição da língua na produção de [e] em direção a [ε].

Quanto a F2, a relação que se estabelece é com a posição horizontal da língua, se mais anterior ou mais posterior. Quanto mais anterior é tal configuração, mais alto é o valor de F2. As vogais anteriores [i] e [e], por exemplo, possuem valores de F2 maiores que os das vogais posteriores [u] e [o]. Os valores de F2 variam, em média, entre 500 e 2500 Hz (CRISTÓFARO SILVA, 2011). Na Figura 1, observa-se uma diminuição da frequência de F2 da esquerda para a direita, pois na produção de [i] para [ε] acontece um movimento de posteriorização da língua.

⁵ Um espectograma é um tipo de visualização gráfica dos sons da fala; o eixo horizontal apresenta a duração de determinado elemento (expressa em segundos) e o eixo vertical apresenta sua frequência (expressa em Hertz) (CHRISTÓFARO SILVA, 2011).

Figura 2: Valores de F1 e F2 de várias realizações das sete vogais orais do português brasileiro (CRISTÓFARO SILVA, 2011: 121)

A Figura 2 permite visualizar que os valores de F1 e de F2 de uma mesma vogal pronunciada por diferentes indivíduos⁶ não são exatamente iguais, mas são próximos entre si. Verifica-se também que existe uma sobreposição de valores de formantes entre vogais diferentes (observar [e] e [ɛ], [o] e [ɔ]). Esses valores distintos para uma mesma vogal podem em geral ser explicados por diferenças dialetais (Figura 3) e pelo sexo/gênero do indivíduo (já que o trato vocal dos homens é maior que o das mulheres, com consequência para a ressonância).

⁶ A autora não explicita se esses indivíduos são de ambos os sexos ou não.

Figura 3: Espaço acústico das vogais pretônicas do português do Brasil por capitais, em que RE se refere a Recife, SA a Salvador, RJ a Rio de Janeiro, SP a São Paulo e PA a Porto Alegre (adaptado de CALLOU *et al*, 2009: 102)

A Figura 3 mostra que, referente a F1, São Paulo tem um sistema mais polarizado, dado que a distância acústica entre as vogais [i], [a] e [u] é maior comparada às outras cidades. Chama atenção também a representação das vogais de Salvador, pois aproxima-se mais de São Paulo do que de Recife, principalmente no que concerne às vogais [ɛ] e [a]. Quanto a [i] e [e], os valores de F1 para São Paulo são menores que os de Salvador. Tal figura foi apresentada para evidenciar que, em relação ao aspecto acústico das vogais, existe variabilidade entre as diferentes regiões brasileiras. Em outras palavras, os espaços acústicos das vogais variam a depender da região de origem do falante no país. É objetivo de um trabalho sobre acomodação dialetal, portanto, observar qual “movimento” ocorre na fala de um migrante, se de aproximação ao dialeto-alvo, se de manutenção do dialeto de origem ou, até mesmo, de “exagero” em algum traço do dialeto de origem (talvez para enfatizar seu lugar de pertencimento); é averiguar, neste estudo mais especificamente, se/como o espaço acústico vocálico se altera.

3. O tratamento variacionista sobre as vogais médias pretônicas

A teoria laboviana (Labov, 2008 [1972], 2001) afasta-se da tradição linguística que concebia a língua como um sistema homogêneo, na medida em que a define a partir da concepção de heterogeneidade inerente e regulada. Assim, a mudança linguística é

vista como um processo que tem correlações com os aspectos sociais de uma comunidade. Diferentemente da concepção saussuriana, portanto, Labov esclarece que não há como estudar a língua fora de seu aspecto social e é por conta dessa visão que ele evitou, pelo menos por algum tempo, o próprio termo “sociolinguística” (Labov, 2008 [1972]). Nesse estudo da pronúncia de vogais pretônicas por sergipanos estabelecidos em São Paulo, a variação é analisada em conjunto com a variabilidade social, que por sua vez é essencial para compreender as diferenças nos modos de falar dos indivíduos. Ademais, nos estudos tipicamente variacionistas, “[p]ara desvelar tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social, [deve-se], necessariamente, coletar grande quantidade de dados” (GUY, 2007: 19), etapa essa que também foi realizada neste estudo, pois, como se verá mais adiante, um total de 5045 ocorrências de vogais pretônicas está sendo analisado para compreender o processo da acomodação dialetal.

Chaves (2013, 2014) faz um apanhado das inúmeras pesquisas que se debruçaram sobre a temática das vogais médias pretônicas no cenário brasileiro e mostra, entre outros aspectos, a época em que tais trabalhos foram desenvolvidos, por quais pesquisadores, em quais instituições e dentro de quais linhas de pesquisa (se na fonologia gerativa, se na sociolinguística variacionista, etc.). Dentre os numerosos estudos descritos por tal pesquisadora estão Mota (1979), Bisol (1981), Viegas (1987), Silva (1989), Yaconenco (1983) e Pereira (2010), que descrevem e analisam o padrão das vogais médias pretônicas de Ribeirópolis (cidade do interior de Sergipe), Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro e João Pessoa, respectivamente.

O estudo de Mota (1979) é o inaugural quanto à análise da pronúncia das vogais pretônicas. Ele foi o primeiro a mostrar que existe uma alternância na produção das vogais médias nesse contexto. A partir dos pressupostos da fonologia gerativa, a autora analisa dados do Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA *et al.*, 1987), sem fazer uso de aparatos estatísticos. Suas análises residem na observação de aspectos fonéticos e morfológicos na busca de fatores que expliquem a variação encontrada nas diferentes pronúncias. Entre outras descrições, a autora enfatiza que principalmente [e] se realiza como mais baixa se na mesma sílaba ou no início da sílaba seguinte houver uma soante [-lateral, -nasal] (CHAVES, 2013), como na palavra “perdido”. Quanto aos fatores morfológicos, a autora destaca os sufixos [-dor] e [-eiro] como favoráveis ao abaixamento da vogal, como em “namoradeira” (CHAVES, 2013).

Bisol (1981) averigua os contextos favoráveis e desfavoráveis para a aplicação da regra que eleva a pretônica no dialeto gaúcho, isto é, analisa o fenômeno da

harmônica vocálica. Para tanto, a autora estudou a fala de descendentes dos três principais povos colonizadores da região Sul: açorianos, alemães e italianos. Tais grupos são representados por 8 informantes monolíngues de Porto Alegre, 8 bilíngues de Taquara (português/alemão) e 8 bilíngues de Veranópolis (português/italiano). Esses falantes possuíam, no máximo, ensino fundamental incompleto e, por conta disso, a pesquisadora optou por acrescentar, a sua amostra, doze sujeitos com ensino superior do Projeto da Norma Culta (NURC)⁷. Nesse sentido, a autora categorizou seus informantes como “fala popular” (os descendentes dos colonizadores) e “fala culta” (NURC). Entre outros resultados, a pesquisa mostrou que a vogal da sílaba seguinte e algumas consoantes específicas em contextos precedente e/ou seguinte são alguns dos fatores linguísticos que favorecem o alçamento da vogal média pretônica. Apesar de tal variável não ter estigma social na região, o processo de alçamento revelou-se sensível ao fator etnia porque os informantes monolíngues de Porto Alegre são os que mais aplicam tal regra.

O trabalho de Viegas (1987) é o primeiro acerca da realização das vogais médias pretônicas no dialeto mineiro (CHAVES, 2013). Tal estudo, assim como o de Bisol (1981), serviu como referência para uma série de pesquisas desenvolvidas posteriormente. Ela também discutiu o alçamento vocálico e investigou “a implementação do fenômeno em duas regiões da cidade de Belo Horizonte, com dois grupos diferenciados socioeconomicamente, de ambos os sexos, e de duas faixas etárias (jovens e adultos)” (CHAVES, 2013: 71). Um dos resultados de seu estudo foi que algumas palavras apresentavam um comportamento diferente em relação ao processo de alçamento. Por exemplo, nas palavras “tomate” e “tomada”, a vogal /o/ é precedida e seguida pelos mesmos contextos fonéticos (oclusiva /t/ e labial /m/, respectivamente), no entanto, apenas em “tomate” ocorre alçamento. A partir de casos como esse, Viegas recorre à teoria da difusão lexical para afirmar que “o fenômeno de alçamento vocálico se processa através do léxico e reitera que sua implementação se dá pela frequência da palavra” (CHAVES, 2013).

No contexto nordestino, Silva (1989) examinou a variação entre as vogais altas, médias e baixas ([i] ~ [e] ~ [ɛ] e [u] ~ [o] ~ [ɔ]) na fala culta de Salvador, a qual foi extraída do *corpus* do NURC⁸. A autora conseguiu estabelecer um conjunto de regras (uma do tipo categórica e outra variável) que explica a variação no que diz respeito à

⁷ Hilgert, 1997.

⁸ Mota; Rollemberg, 1994.

pronúncia das vogais médias na fala dos soteropolitanos. As regras do tipo categórica foram subdivididas em quatro: uma de elevação e três de timbre (CHAVES, 2013). As regras variáveis também foram organizadas em quatro tipos: três de elevação e uma de timbre. Essas últimas são concorrentes das categóricas, uma vez que ocorrem num mesmo contexto. Apesar de ter dado conta de explicar a grande variação na pronúncia das vogais médias em posição de pretonicidade na fala culta de Salvador, a pesquisadora não obteve dados da variante popular desse dialeto, o que a impossibilitou de realizar uma comparação entre os dois falares.

No Rio de Janeiro, a primeira pesquisa sobre o tema das vogais foi a desenvolvida por Yacovenko (1993). Assim como Silva (1989), a pesquisadora utilizou os dados do NURC⁹, de modo que 18 indivíduos foram selecionados para o estudo: 9 mulheres e 9 homens, com nível universitário, distribuídos por zona de residência (norte, sul e suburbana) e subdivididos em três faixas etárias (25 a 35 anos, 36 a 50, acima de 50 anos). Seus resultados mostraram que a realização das vogais médias altas ([e] e [o]) é a mais frequente na fala culta carioca. Os dados também indicaram que são as mulheres mais jovens e residentes na zona norte da cidade que mais favorecem a regra de manutenção da vogal (quando contraposta à regra de alteamento). A pesquisadora ainda concluiu que a regra de manutenção da vogal média se refere a um período de estabilização na língua, isto é, não há indícios de mudança, pois a realização de tais vogais é mais frequente na fala de jovens.

Por fim, o estudo de Pereira (2010) foi realizado com 60 informantes de João Pessoa, na Paraíba. A amostra foi estratificada por faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 e 49 anos em diante) e anos de escolarização (analfabetos, Ensino Fundamental 1 (1 a 4 anos de escolaridade), Ensino Fundamental 2 (5 a 8 anos), Ensino Médio (9 a 11 anos) e universitários (mais de 11 anos)). Os dados indicaram que existe uma predominância da pronúncia mais aberta das vogais pretônicas no dialeto pessoense, embora as altas e as fechadas concorrem de forma significativa na variação vocálica (CHAVES, 2013). Ao fazer uma comparação geral com o estudo de Silva (1989), Pereira (2010) constatou que o pessoense eleva e fecha mais frequentemente as vogais, ao mesmo tempo em que abre menos que os falantes de Salvador. Em relação às variáveis sociais que estratificaram a amostra, não foi observada nenhuma correlação significativa.

⁹ Callou, 1991 e Callou; Lopes, 1994.

Com exceção de Mota (1979), todos esses estudos¹⁰ basearam-se nas categorias macrossociais de análise, tais como sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, para descrever e compreender padrões gerais de variação no dialeto de várias regiões do Brasil, no que toca à pronúncia das vogais médias pretônicas. Observou-se também que, a depender da região geográfica, os resultados nem sempre são os mesmos, já que alguns pesquisadores verificam que as variáveis linguísticas explicam melhor o fenômeno, enquanto que em outros casos, são os elementos sociais que mais estão correlacionados à variação. É possível depreender dessas pesquisas que um conjunto amplo de fatores linguísticos e sociais podem estar correlacionados à pronúncia de tais vogais e é esse o maior desafio do pesquisador: conseguir abarcar todos esses elementos.

¹⁰ O estudo variacionista de Oushiro (2016), também referente à pronúncia das vogais médias pretônicas, e a principal referência da presente pesquisa, é apresentado mais adiante, na seção das pesquisas sobre acomodação dialetal.

Capítulo 2: Acomodação dialetal, redes sociais e identidade

1. O conceito de acomodação dialetal

Muitos estudos sobre acomodação dialetal são desenvolvidos à luz da teoria elaborada pelo psicólogo social Howard Giles (1973), que prevê que um indivíduo atenua algumas diferenças entre si e seu interlocutor para que este o avalie de modo mais favorável. Isso quer dizer que a acomodação da fala ocorre por conta de uma busca por aprovação social:

“um indivíduo pode induzir outro a avaliá-lo de forma mais favorável reduzindo certas dessemelhanças entre ambos. O processo de acomodação da fala opera, é claro, a partir desse princípio e, sendo assim, pode ser um reflexo do desejo do indivíduo de ser aprovado socialmente.”¹¹ (GILES *et al.*, 1973: 179)

Giles salienta que os conceitos de “comportamento convergente e divergente”¹² são fundamentais para compreender esse processo de (não) acomodação. De acordo com ele, o comportamento convergente de um sujeito favorece a acomodação a seu interlocutor, enquanto divergência implica justamente o contrário. Trudgill (1986: 3), no entanto, afirma que a preocupação de Giles, e outros psicólogos sociais, estava particularmente na acomodação de curto prazo, com a intenção de explorar aspectos que, num primeiro momento, não interessavam diretamente os linguistas. Ele explica ainda que a acomodação de longo prazo entre indivíduos de diferentes variedades regionais estava fora do escopo da teoria de Giles. Entre os questionamentos relativos a esse tipo de acomodação estão, segundo Trudgill: (i) determinar como os falantes se acomodam; (ii) em que medida eles se acomodam; (iii) e por que algumas situações e alguns indivíduos produzem mais (ou tipos diferentes de) acomodação do que outros. São essas indagações, de acordo com Trudgill, que interessam mais ao linguista. As perguntas (ii) e (iii), de fato, são de interesse para a presente pesquisa com os sergipanos migrantes porque quer se buscar em que medida eles estão se acomodando à fala

¹¹ Tradução própria para “an individual can induce another to evaluate him more favorably by reducing certain dissimilarities between them. The process of speech accommodation of course operates on this principle and as such may be a reflection of an individual’s desire for social approval.”.

¹² Tradução própria para “convergent behaviour” e “divergent behaviour”.

paulistana e compreender melhor o motivo de alguns indivíduos se acomodarem mais que outros, caso os dados apontem realmente para esse direcionamento.

Trudgill (1986) critica a abordagem da psicologia social diante dos dados de fala porque ela se dá impressionisticamente, sem uma quantificação mais objetiva dos dados. Diante disso, o autor faz distinção entre a análise empreendida pela psicologia social e aquela defendida por ele, de modo que a sua forma de analisar os dados é por ele chamada de “análise linguística”. Ele diz também que a análise linguística detalhada apresenta como pontos positivos: (1) a quantificação exata do grau da acomodação linguística; (2) o exame dos traços linguísticos que estão (e que não estão) mudando nesse processo; (3) o estudo sobre como a acomodação se dá (uniformemente ou não?); (4) o estudo sobre os limites de tal processo (por exemplo: é possível se acomodar totalmente a uma nova variedade?).

É relevante relatar aqui que Trudgill (1986) tem como hipótese central a pertinência da saliência nos processos de acomodação, conceito esse bastante expressivo em pesquisas da chamada terceira onda da sociolinguística, que majoritariamente foram desenvolvidos depois de seu estudo. Segundo Trudgill, um traço saliente pode ser assim identificado a partir de imitações. Por exemplo, quando um humorista paulistano pretende imitar um falante nordestino, ele pode se restringir a certos aspectos da fala da região nordeste, aspectos esses que se mostram salientes para ele. É a partir da sua imitação que fica possível identificar quais os traços mais salientes de alguma variedade de fala. No entanto, estudos posteriores ao de Trudgill (1986), como o de Auer *et al.* (1998), por exemplo, mostrarão que identificar variantes salientes requer observar um conjunto maior de fatores (subjetivos e objetivos), pois a saliência depende de uma série de aspectos que vão além do estereótipo.

Trudgill (1986) ainda esclarece que é durante a interação face a face que a acomodação acontece e, nesse sentido, seu ponto de vista serve como uma justificativa para a utilização do método das redes sociais para desenvolver uma pesquisa sobre tal tema, dado que as interações são capturadas com essa metodologia. Posteriormente à acomodação, Trudgill explica que ocorre a chamada difusão dialetal, definida como o momento em que o falante faz uso de uma nova variante (a qual ele se acomodou) na ausência de falantes da variedade que originalmente contém esse traço. Ademais, ele acrescenta que por a difusão dialetal ser produto da acomodação, espera-se que os traços mais salientes sejam difundidos mais rapidamente que os não salientes. Seguindo o raciocínio de Trudgill, os traços mais salientes da fala paulistana, a partir do ponto de

vista dos sergipanos, seriam os mais difundidos na “fala acomodada” dos migrantes. Um questionamento que poderia ser feito sobre isso diz respeito à “consciência linguística” dos falantes: os migrantes têm consciência das diferenças entre uma pronúncia e outra? Será que os sergipanos sabem, por exemplo, que sua produção de vogais pretônicas difere da dos paulistanos? Ou tal difusão se daria abaixo da consciência dos falantes? E mesmo que os falantes tenham consciência de tais diferenças, não poderia ser considerada a possibilidade de eles não se acomodarem a alguns traços linguísticos para manter certa identidade (de migrante sergipano que tem orgulho de sua origem, por exemplo)? Tais indagações não são feitas por Trudgill, mas esses tipos de pergunta fazem parte do escopo da terceira onda da sociolinguística (IRVINE, 2001; PODESVA, 2007; ECKERT, 2012; 2016; entre outros), que está preocupada, entre outros aspectos, com questões de agentividade e de identidade do falante. No último capítulo do presente trabalho, há uma discussão que busca abordar alguns aspectos identitários e de agentividade.

Pelo fato de o conceito de “saliência” estar muito presente nos estudos sobre acomodação, interessaria averiguar o nível de saliência da pronúncia de vogais médias abertas em São Paulo: os paulistanos reconheceriam um nordestino, em geral, mais pela pronúncia de tais vogais ou por algum outro traço fonético? Importaria examinar também como um sergipano reconhece um paulistano: pela pronúncia das vogais pretônicas ou por outra variável? Essas perguntas não são objeto da presente pesquisa, mas, a partir dos resultados e discussões finais, considera-se propor um encaminhamento futuro para o estudo das relações entre saliência e acomodação dialetal.

2. O que já revelaram alguns trabalhos sobre acomodação dialetal

Auer *et al.* (1998) é um exemplo de pesquisa que lida com a questão da saliência no processo de acomodação e mostra que tal conceito precisa ser levado em conta em trabalhos sobre o tema de aquisição (ou perda) de dialeto, tal como Trudgill havia mostrado. A partir de gravações¹³ feitas com falantes do leste alemão que haviam migrado para a parte ocidental do país, por motivos políticos e econômicos, os pesquisadores investigaram 12 variáveis linguísticas com o intuito de verificar os

¹³ 56 falantes, de 12 a 56 anos, foram entrevistados em 8 ocasiões, num estudo longitudinal, entre 1990 e 1992.

padrões de acomodação desses sujeitos, em razão de estes terem passado a conviver com pessoas pertencentes a outra área dialetal. O principal intuito dos autores foi justamente verificar se o papel da saliência é realmente um bom fator para prever a perda ou a aquisição de um certo dialeto num processo de acomodação. Com a observação dos dados, Auer e colegas concluíram, entre outros pontos, que a saliência mostra-se de fato como um aspecto significativo no processo de aquisição ou de perda de um dialeto, pois as variantes que eram categorizadas negativamente - as variantes salientes, naquele caso - tendiam a ser perdidas de maneira mais rápida pelos falantes migrantes.

Embora o trabalho de Auer e colegas se destaque pela atenção dada aos aspectos subjetivos da variação (e não somente aos objetivos), como a questão do estereótipo e do prestígio, eles não explicitam como o dialeto de origem dos migrantes da porção leste é avaliado dentro do próprio grupo de migrantes, se positiva ou negativamente. A pesquisa deixa claro que tal dialeto é visto negativamente pela região ocidental, mas não esclarece se os migrantes também o avaliam desse mesmo modo. Esse aspecto é importante para compreender os padrões de acomodação de determinado grupo de falantes porque Giles e Billings (2004), tendo como base diversos estudos sobre avaliação social de variedades não padrão de uma língua, argumentam que a avaliação positiva ou negativa sobre traços não padrão varia a depender do aspecto que está sendo julgado. Isto é, algumas variantes não padrão podem ser vistas de maneira positiva em relação a noções de solidariedade e benevolência, por exemplo, e, desse modo, tenderiam a permanecer em maior grau, quando comparados a outros traços, na fala dos indivíduos. Transportando essa perspectiva para os migrantes sergipanos, a presente pesquisa apresenta, no capítulo 5, qual a avaliação que alguns entrevistados fazem de sua própria variedade e se tal julgamento influencia as taxas de acomodação.

Marques (2006) estudou dois contextos de acomodação: o paraibano em contato com o dialeto carioca e o brasileiro em contato com o português europeu. O primeiro é de maior interesse aqui, em razão da semelhança com o que se objetiva estudar: analisar a fala de nordestinos que migraram para a região Sudeste. A autora buscou responder: a) como os falantes em situação de contato dialetal modificam, se é que modificam, sua produção fonético-fonológica? b) o contato dialetal, levando em consideração a língua portuguesa, resulta indistinto quando se processa entre variedades inter-regionais ou intercontinentais? Em relação ao grupo dos informantes paraibanos, Marques desenvolveu sua pesquisa a partir de 21 entrevistas, sendo que todos os entrevistados

eram do sexo masculino. Apesar de ter se baseado na teoria laboviana, a pesquisadora não se preocupou em balancear sua amostra em relação ao sexo/gênero, à idade e à escolaridade dos informantes. A variável linguística analisada também foi a realização das vogais médias pretônicas e a autora mostrou que o processo de acomodação está mais correlacionado a fatores extralinguísticos: a variável *tempo de moradia* na nova cidade foi importante para explicar a diminuição da frequência de ocorrência das vogais baixas.

Martins (2008), por sua vez, estudou a realização alveolar ou palatalizada de /t/ e /d/, como em “tia” e “dia”, por 7 paraibanos no Rio de Janeiro. Também com base na sociolinguística variacionista (LABOV, 1972) e na teoria de Giles *et al.* (1973), a autora buscou identificar se os paraibanos entrevistados apresentavam indícios de acomodação linguística ao dialeto carioca e mostrou que tal processo é favorecido quando o falante mostra ter uma atitude positiva em relação à nova situação de contato, atestando a ideia defendida por Giles *et al.* (1973), quando eles afirmam que se o emissor em uma situação dialógica quer ter a aprovação do receptor, ele terá que adaptar seu padrão de fala ao da outra pessoa, procurando reduzir as dessemelhanças. Para chegar a esse resultado, a pesquisadora voltou-se também para uma análise qualitativa dos seus dados, uma vez que deu atenção especial ao discurso dos informantes acerca da nova realidade a que estavam submetidos.

Outro estudo que deu atenção às atitudes linguísticas dos informantes foi desenvolvido por Chacon (2012), que objetivou verificar a presença ou não de um processo de acomodação na palatalização de coda medial (produção dos fones [ʃ, ʒ] antes de /t/ e /d/, como em “combustível” e “desde”) na fala de paulistas que se mudaram para João Pessoa. Em sua análise quantitativa de dados, a pesquisadora também se baseou em Giles *et al.* (1973), bem como nos pressupostos labovianos. A pesquisa foi realizada com 10 informantes (7 mulheres e 3 homens), divididos em duas faixas etárias (19-25 anos e acima de 30 anos). Mais uma vez, o tempo de residência no atual estado mostrou ser um dos fatores mais importantes para explicar a acomodação ao novo dialeto.

O estudo que aqui se delineia se aproxima mais intensamente da pesquisa de Oushiro (2016). Em sua pesquisa de pós-doutorado, a autora analisou a fala de 6 paraibanos residentes na cidade de São Paulo e 6 paraibanos que moram na cidade do Rio de Janeiro, também com foco nas vogais médias pretônicas. Esses falantes são homens e mulheres com diferentes tempos de permanência nas respectivas novas

localidades. Em suas conclusões parciais, a pesquisadora chama atenção para o fato de que a idade com que a pessoa chega ao novo local de moradia tem um papel importante no processo de acomodação, pois ela verificou que aqueles informantes que migraram na sua adolescência apresentam taxas maiores de acomodação. Um aspecto sobre o qual ela não conseguiu obter respostas definitivas diz respeito ao tempo de residência no sudeste, pois há sujeitos, em sua amostra, que aí chegaram há mais de 20 anos e pouco se acomodaram, ao mesmo tempo em que há outros que migraram nesse mesmo intervalo cuja acomodação é notável. Essa diversidade de resultados também se observa entre aqueles paraibanos que migraram para o sudeste há menos de 20 anos. A autora esclarece que resultados mais gerais ainda não foram possíveis devido ao tamanho de sua amostra. A principal contribuição dessa pesquisa reside na constatação de que há muitas variáveis agindo em conjunto no processo de acomodação dialetal e de que tratar as vogais como uma variável contínua permite alcançar resultados mais precisos.

Santos (2017) desenvolveu um estudo sobre paraibanos em São Paulo, dentro do quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), quanto ao uso do artigo definido diante de pronomes possessivos (por exemplo, *meu irmão* vs. *o meu irmão*). As análises dos dados mostraram que a fala dos migrantes apresenta um padrão de uso próximo do que se verifica entre os paulistanos. O trabalho também revela que tais indivíduos adquiriram as regras variáveis da comunidade paulistana, isto é, o favorecimento e o desfavorecimento do artigo definido na fala dos migrantes seguem as mesmas regras daquelas utilizadas pelos paulistanos. Em outras palavras, significa dizer que a acomodação dialetal, nesse caso, também se deu em um nível mais abstrato. A autora ainda verificou que as redes de relações (MILROY, 1980) dos indivíduos influenciam as taxas de acomodação, de modo que os migrantes que têm contatos próximos e constantes com paulistanos (e outros falantes das regiões Sudeste e Sul) tendem a utilizar, mais frequentemente, a variante paulistana.

Fica claro nesses estudos que os fatores sociais são bastante relevantes para compreender melhor o processo de acomodação dialetal, como: idade em que ocorreu a migração, o tempo de residência no novo lugar e, até mesmo, a avaliação social de determinada variante (se é considerada prestigiada ou não). Nesse sentido, a presente pesquisa atentará para tais aspectos no intuito de lograr uma explicação para os diferentes graus de acomodação na fala dos sergipanos que se estabeleceram em São Paulo.

3. O conceito de rede social e sua aplicação nos trabalhos de sociolinguística

Embora a pesquisa parta de premissas essencialmente labovianas, o método proposto por Labov para analisar a variação não se mostra como o mais adequado para o estudo da acomodação dialetal de migrantes. Tipicamente, os trabalhos sociolinguísticos lidam com *corpora* construídos a partir de categorias censitárias, como sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e classe social, de modo que se busque um número equilibrado de entrevistas com homens e mulheres, mais pobres e mais ricos, mais jovens e mais velhos, e assim por diante. Tal método se justifica na medida em que se buscam padrões gerais na fala de uma comunidade. Em pesquisas sobre acomodação dialetal, a construção de uma amostra aleatória pode não ser o mais apropriado, pois para compreender esse processo faz sentido observar com quem os migrantes estão conversando, já que eles estão se acomodando justamente ao que estão ouvindo. Nesse sentido, o método das redes sociais pode ser mais eficiente.

Análises de redes sociais, do modo como são feitas hoje em dia pelos sociolinguistas, foram desenvolvidas pelos antropólogos sociais principalmente durante as décadas de 1960 e de 1970 (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]). Até os dias atuais, tal método não é exclusivo dos estudos linguísticos, pois é comum ver esse tipo de metodologia em outras ciências sociais (BATTISTI, 2014).

Uma rede social pode ser vista como uma teia infinita de laços que se estendem a toda a sociedade, ligando as pessoas entre si. Tais laços podem ser fortes ou fracos, sendo que os mais fortes são aqueles que conectam familiares e amigos, em oposição aos fracos que interligam apenas conhecidos (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]). Uma rede pode ainda ser classificada pela sua plexidade e densidade¹⁴. A plexidade de uma rede está relacionada com os tipos de conexões que ligam os sujeitos (na rede uniplexa, os indivíduos são vizinhos, por exemplo, e na multiplexa, os indivíduos, além de vizinhos, podem ser também colegas de trabalho). A densidade de uma rede envolve sua estrutura: quanto maior o número de pessoas em rede que se conhecem, maior sua densidade (BATTISTI, 2014). Os conceitos de plexidade e densidade são importantes para compreender a relação entre os processos de acomodação dialetal ou de manutenção e a estrutura das redes dos indivíduos. Com base nas análises empreendidas por sociolinguistas, antropólogos e psicólogos sociais, Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) elabora um quadro que descreve as relações que se podem estabelecer entre a

¹⁴ *Plexity* e *density*, respectivamente, do inglês.

manutenção do vernáculo (pronúncia de origem do falante) e a estrutura de redes em ambientes urbanos:

Figura 4: Relação entre estruturas de redes e preservação do vernáculo (extraído de Bortoni-Ricardo, 2011 [1985])

O esquema da Figura 4 mostra que a “mobilidade social” desempenha um papel crucial em relação às orientações para o prestígio e para a identidade. Em outras palavras, isso quer dizer que quanto maior a ascensão social do sujeito de uma rede, em sua nova localidade, maior será a probabilidade de ele se acomodar à variedade de prestígio, que, no caso dos sergipanos migrantes, significa assimilar a pronúncia paulistana, por esta ser a prototípica da cidade. Milroy (1980, p. 196, apud Bortoni-Ricardo, 2011 [1985], p. 113) explica que

“a generalização correta parece ser a de que pessoas com redes esparsas e uniplex estão relativamente mais expostas à influência das normas de prestígio e, conseqüentemente, mais propensas a mudar seus hábitos de fala na direção do código padrão”.

O estudo de Milroy (1987 [1980]) é o mais lembrado entre os sociolinguistas e se mostra como um parâmetro para aqueles que o sucederam. Ele foi desenvolvido em três bairros de classe trabalhadora de Belfast, cidade da Irlanda do Norte. Oito variáveis

fonológicas foram analisadas na fala de 46 informantes. Tais variáveis, é importante destacar, são consideradas marcas da comunidade urbana de Belfast¹⁵. A análise dessas variáveis foi realizada a partir da relação com a estrutura das redes dos indivíduos entrevistados. A hipótese de Milroy era a de que os padrões de variação estariam relacionados à estrutura da rede social de cada sujeito. Um exemplo disso é a diferença verificada na fala dos homens e das mulheres de Belfast, explicada pelas características distintas de suas redes: os homens geralmente têm laços em redes mais densas e mais multiplexas em comparação às mulheres e tal configuração está correlacionada aos diferentes padrões de língua verificados entre os dois gêneros¹⁶.

Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) desenvolveu um trabalho na região administrativa de Brazlândia, em Brasília, onde analisou a fala de migrantes de regiões rurais. Seu objetivo foi analisar quatro variáveis linguísticas: a vocalização do fonema alveopalatal lateral em posição intervocálica (como em “filha” e “trabalho”); a redução dos ditongos crescentes em finais de palavras (como em “polícia” e “gêmeo”); a concordância verbal variável na 1ª e na 3ª pessoa do plural. A intenção da autora foi verificar uma “tendência evolutiva do dialeto dos migrantes” (p. 16), observando a mudança de um dialeto rural (ou caipira) para um falar considerado urbano. Sua metodologia de acesso à comunidade foi a das redes sociais: ela mapeou a frequência das interações entre os informantes de sua amostra. A pesquisadora desenvolveu ainda dois índices – o de integração nas redes sociais e o de urbanização:

“o objetivo era que eles refletissem duas condições consideradas cruciais na análise da transição do rural para o urbano, a saber, o número de vínculos contraídos pelo migrante no ambiente urbano (índice de integração) e o grau de exposição das pessoas que compunham a rede do migrante à influência urbana (índice de urbanização)”. (BORTONI-RICARDO, 2011 [1985]: 267)

Ela partiu da hipótese de que quanto mais alto o índice de urbanização, mais adiantado o migrante estaria no processo de transição rural/urbana e, desse modo, produziria mais variantes características do “novo” dialeto. O índice de integração, por

¹⁵ “Eight phonological variables, all of which were clearly indexical of the Belfast urban speech community, were analyzed (...)” (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]: 412). Essas variáveis são: grau de retração da vogal [æ] em palavras como “hat” e “man”; grau de anteriorização e de alteamento do primeiro elemento do ditongo /ai/ em sílabas fechadas como em “pipe” e “life”; grau de abaixamento e de centralização do segmento /ɪ/ em casos como “hit” e “kill”; apagamento do segmento intervocálico [ð] em palavras pequenas como “mother” e “brother”; arredondamento do segmento /ʌ/ em palavras como “hut” e “mud”; alternância de [ʌ] e [ɐ] em casos como “pull” e “took”; frequência de uma vogal baixa (em oposição às médias) em itens monossílabos como “bet” e “peck”; e frequência de vogais baixas em dissílabos e polissílabos.

¹⁶ “Men in the Belfast neighborhoods generally contracted denser and more multiplex localized network ties than women, and network structure correlated with language use patterns differently for men and women” (MILROY & LLAMAS, 2013 [2002]: 413).

sua vez, também mostra a importância da análise dos contatos estabelecidos pelos sujeitos de uma rede, já que tais conexões podem explicar o uso recorrente de algumas variantes em detrimento de outras. A principal contribuição desse estudo está na constatação de que existe “uma relação consistente entre estrutura de redes sociais e comportamento linguístico em uma situação muito fluida de contato dialetal submetida a rápidas mudanças” (p. 270). Bortoni-Ricardo, com esse trabalho, mostrou que alguns padrões de variação analisados por ela não seriam possíveis de ser explicados levando-se em conta as categorias macrosociais de Labov (sexo/gênero, classe, etc.), pois existia uma homogeneidade característica daquela comunidade em específico (ou seja, não generalizável), que estava inserida em um contexto particular.

Adant (1989) analisou a fala de alagoanos que migraram para Brasília, num período em que a capital brasileira passava por um intenso fluxo migratório. A autora preocupou-se com duas variáveis em específico: a manutenção (ou não) das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/ e a pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/. A amostragem das redes sociais ocorreu tanto em Brasília quanto em Alagoas, já que ela tinha a intenção de comparar a fala dos migrantes com aqueles que não haviam deixado o estado nordestino. A pesquisadora buscou verificar se (i) havia diferença nos padrões de acomodação entre os habitantes da área rural e os da área urbana; (ii) se as mulheres tendiam a se acomodar mais à pronúncia brasiliense¹⁷, em comparação aos homens; e (iii) se a estrutura das redes dos indivíduos era decisiva nesse processo de acomodação.

Os dados de Adant mostraram que os indivíduos da área rural apresentavam taxas menores de acomodação, justamente porque suas redes eram mais fechadas, já que eles não tinham muito contato com as pessoas da área urbana. Além disso, verificou-se que as mulheres submetidas à difusão dialetal apresentaram um maior distanciamento da pronúncia prototípica de Alagoas. Um aspecto bastante importante que merece destaque aqui é que “as oclusivas alveolares /t/ e /d/ apresentaram mudanças mais significativas que as outras variáveis” (p. 196) e, diante desse resultado, Adant conjectura que a pronúncia das oclusivas alveolares é mais saliente que as vogais médias pretônicas. Desse modo, a autora infere que o conceito de saliência é significativo para compreender o processo de acomodação dialetal, fazendo coro a Trudgill (1986) e Auer *et al.* (1998).

¹⁷ Vale dizer aqui que a autora chama atenção para o fato de que, naquela época, o que se observava em Brasília, no que toca à fala dos migrantes nessa cidade-satélite, é a presença de pronúncias diversas: “esta diversidade de pronúncia em Brasília é o resultado de um grande fluxo migratório, notadamente dos estados do Nordeste” (ADANT, 1989: 181).

Battisti e colegas (2007) desenvolveram uma pesquisa em Antônio Prado, no Rio Grande do Sul, com o intuito de analisar a frequência da palatalização das oclusivas alveolares (como em “tipo” e “dica”) na fala de indivíduos de diferentes redes sociais, uma rural e outra urbana. O estudo foi realizado com 48 participantes, divididos entre homens e mulheres, de quatro faixas etárias (15 a 30 anos, 31 a 50 anos, 51 a 70 anos, 70 ou mais anos) e de duas zonas de localidade (rural e urbana). Os dados mostraram que a palatalização ocorreu em 29% dos casos, sendo que as variáveis sociais *idade* e *local de residência* foram selecionadas como as mais significativas. Além disso, ocorreu mais na zona urbana da cidade, onde os laços estabelecidos entre os sujeitos “não fortalecem um vernáculo local” (p. 23). O vernáculo local caracteriza-se justamente pela não palatalização, variante essa que se mostra como conservadora e que está presente massivamente na fala dos mais idosos. A palatalização, por sua vez, é a variante inovadora, pronunciada majoritariamente pelos habitantes mais jovens. Além disso, as próprias redes dessas duas faixas etárias se mostraram significativas para compreender as diferentes taxas de palatalização:

“em termos gerais, informantes que palatalizam interagem (menos intimamente) em rede com informantes que também palatalizam, sendo esses informantes jovens. Os usuários das formas não-palatalizadas são idosos que, em rede, conectam-se (com grau maior de intimidade) a informantes que tampouco palatalizam, geralmente idosos.” (BATTISTI *et al*, 2007: 26)

Em resumo, os estudos acima descritos mostram que há justificativas sobre a importância de se estudar a variação, sobretudo na fala de migrantes, a partir do método de redes. Eles revelam que a pronúncia variável entre diferentes gêneros e distintas faixas etárias, por exemplo, não é explicada só pelas categorias macrosociais largamente estudadas em análises labovianas, mas também pelos tipos de laços existentes entre os membros de diferentes redes sociais. A importância de um estudo realizado sob tal perspectiva reside propriamente no fato de ser possível observar quais são as características das pessoas que falam de um determinado modo (e não de outro) e quais os tipos de relações que elas estabelecem com os indivíduos de seu entorno social. É desse modo também que os significados sociais das variantes de uma variável podem ser explicitados e entendidos dentro de um contexto particular. Nessa perspectiva, o presente trabalho objetiva compreender o fenômeno da acomodação a partir da fala coletada de diferentes redes, de modo a compreender se o processo ocorre do mesmo modo nas duas e, se não, verificar se existe uma relação entre suas configurações e as diferentes taxas de acomodação.

4. O conceito de identidade

A partir das considerações de Eckert (2012), os estudos da sociolinguística podem ser vislumbrados a partir de três diferentes perspectivas ou, na metáfora proposta pela autora, três “ondas”. A primeira onda sociolinguística, segundo Eckert (2012), engloba estudos que buscam correlacionar padrões de variação a categorias macrossociais dos falantes, como sexo/gênero, faixa etária e classe social. O trabalho seminal da primeira onda é *Social Stratification of English in New York City*, empreendido por Labov, em 1966 [2006]. Em trabalhos dessa vertente, os falantes não são tomados como agentes, mas sim como membros de determinadas categorias macrossociológicas. Nesse sentido, afirmações do tipo “mulheres tendem a utilizar, com maior frequência, as variantes mais prestigiadas” são típicas desses trabalhos, pois as generalizações em larga escala estão em foco nesses estudos.

Nos trabalhos de segunda onda, por sua vez, o olhar para correlações de uma variável linguística e categorias sociais é definido de maneira mais local. Sendo assim, faz-se uma abordagem etnográfica da variação, num esforço de observar diretamente os indivíduos se relacionando dentro de sua comunidade, em grupos localmente significativos, nas suas práticas sociais. O exemplo mais prototípico desse tipo de estudo é o desenvolvido por Eckert (2000). Nele, a autora analisou jovens de uma escola norte-americana de ensino médio, situada na periferia de Detroit, que faziam parte de dois subgrupos: os *jocks* (alunos pertencentes à classe média) e os *burnouts* (geralmente oriundos da classe trabalhadora). Em linhas gerais, a pesquisadora objetivou averiguar as práticas, crenças e normas compartilhadas entre os jovens dos diferentes grupos, com destaque para as práticas linguísticas em conjunção a outras práticas (como vestimentas, estilo de cabelo e atividades escolares, por exemplo). O conceito de categorias macrossociais também se faz necessário nesse tipo de estudo, mas elas são pensadas dentro de grupos menores. Por exemplo, nesse estudo Eckert mostra que

“certas formas linguísticas geralmente desprestigiadas (tais como a dupla negação, entre outras), por serem “vernaculares” (no sentido de “proscritas pela escola” e que, portanto, tenderiam a não ocorrer nos momentos em que o estilo é mais cuidadoso, numa entrevista sociolinguística), são formas que têm valor positivo entre os *burnouts*. Assim, tais formas linguísticas não funcionariam direta e simplesmente como índices de macrocategorias (tais como classe), mas sim de características sociais definidas na interação desses grupos localmente constituídos.” (MENDES, 2016: 105)

Para a terceira onda, o que está em evidência é a capacidade que os falantes têm de se posicionar socialmente, ou seja, sua agentividade (KIESLING, 2013). A variação

deixa de ser vista como um reflexo de categorias macrosociais e passa a ser interpretada como algo correlacionado a identidades sociais construídas na prática linguística. Nesse tipo de pesquisa, por exemplo, apenas um falante pode ser analisado (diferentemente da prática analítica, típica da primeira onda, de amostrar uma grande quantidade de indivíduos), justamente porque o foco está no estilo do sujeito, ou seja, na maneira como ele se coloca no mundo social, no modo como combina diferentes variantes, de múltiplas variáveis, na sua performance sociolinguística. Os pesquisadores dessa linha buscam compreender, portanto, o papel da agentividade e das práticas estilísticas dos falantes na variação linguística.

O conceito de identidade, a partir da revisão acima, é crucial para a segunda e para a terceira onda. Levar em consideração a afiliação (ou identificação) que o migrante tem em relação a um ou a outro lugar é atentar para suas atitudes e seu posicionamento perante e no mundo. É nesse sentido que a presente pesquisa faz uso de certos conceitos caros à terceira onda. O termo *identidade*, mais especificamente, é tomado aqui de modo semelhante como foi desenvolvido nas pesquisas de Carmichael (2014) e Bieler da Silva (2015).

Carmichael (2014) analisa o padrão de variação na fala de 57 informantes precedentes da região da Grande Nova Orleans, área atingida pelo furacão Katrina, em 2005. Tal amostra é estratificada quanto a sexo/gênero dos falantes, à faixa etária e a seu *status* (se retornaram ou não à região depois do furacão). A autora se concentra em três variáveis linguísticas localmente salientes - (oh), (r) e (æ) – e uma não muito frequente na região estudada – elevação e anteriorização de /aw/ quando precede consoantes surdas. Quanto às variáveis sociais, Carmichael averigua a correlação entre o padrão de variação de tais falantes com os fatores que estratificam a amostra e com o grau de identificação dos indivíduos em relação a seu lugar de origem. Seus resultados revelaram que nenhuma dessas variáveis apresenta correlação com o fato de o indivíduo ter retornado ou não à região depois do furacão. Entretanto, para a variável (r), as análises mostram que é relevante o grau de identificação do sujeito com seu lugar de origem: os falantes que apresentam uma identificação maior tendem a utilizar com mais frequência a variante comumente relacionada a seu lugar de origem¹⁸. Ou seja, o padrão de variação dos indivíduos entrevistados não está correlacionado à sua atual localização geográfica, mas sim à identificação que eles têm com os lugares.

¹⁸ Esse resultado foi obtido entre as pessoas de Chalmette, uma das regiões às quais a autora se dedicou em sua pesquisa.

O trabalho de Bieler da Silva (2015), apesar de não pertencer à terceira onda da sociolinguística, desenvolve uma discussão acerca das posturas que os falantes têm ante os acontecimentos rotineiros da vida e “diante de fatos da realidade linguística da comunidade de fala em que se inserem” (BIELER DA SILVA, 2015: 6). Seu estudo faz uma análise sistemática sobre o contraste entre *Identidade e Tempo Fora da Cidade* a partir de 36 entrevistas sociolinguísticas realizadas com itanhanduenses (falantes nascidos em Itanhandu, cidade mineira localizada em uma região de tríplice fronteira entre os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro). A autora identifica três pronúncias diferentes para o (-r) em coda na fala de tais sujeitos, a saber, tepe, aspirado e retroflexo, sendo que as duas primeiras variantes são comumente relacionadas às capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente. Em um primeiro momento, aventou-se a hipótese de que a pronúncia dessa variável estaria relacionada a dois grupos de identificação presentes na cidade: a) itanhanduenses que gostam de morar na cidade e que não desejam sair de lá ou, se estão fora, querem retornar um dia; b) sujeitos que querem sair da cidade ou, caso já tenham saído, não desejam retornar para ela. Entretanto, o que se revelou mais relevante para o padrão verificado na comunidade foi a variável *Tempo Fora da Cidade*, de modo que ficou claro que os falantes tendiam a produzir mais uma variante do que outra a depender do tempo que ficaram expostos a outro dialeto (se ao mineiro, ao paulista ou ao carioca).

Bieler da Silva (2015) ainda desenvolve uma discussão pertinente quanto ao conceito de “lugar” para os estudos sociolinguísticos. Ela esclarece, a partir do trabalho de Johnstone (2004), que “lugar” pode ser tomado a partir de duas perspectivas: i) do ponto de vista geográfico (uma região no mapa) ou ii) do ponto de vista social (uma realidade entendida por meio do viés das pessoas). Em outras palavras, é possível afirmar que “lugar” pode ser tanto uma localização física, passível de ser descrita objetivamente, quanto uma construção social, sobre a qual os falantes têm lembranças e fazem narrações (JOHNSTONE, 2004 apud BIELER DA SILVA, 2015). É essa segunda definição que mais interessa às discussões das pesquisas de sociolinguística. O próprio estudo de Carmichael (2014) mostra que a concepção social sobre “lugar” importa mais para os padrões de variação dos falantes entrevistados do que seu aspecto geográfico. No caso da presente pesquisa, portanto, e seguindo a mesma linha teórica de Bieler da Silva (2015), a identidade do migrante é entendida como algo relacionada à concepção social de espaço, a qual é arquitetada por meio de narrações, lembranças e representações empreendidas pelos sujeitos.

Estudos como os de Carmichael (2014) e Bieler da Silva (2015) não enxergam o falante como mero reflexo de categorias sociais, pois as tomadas de posição dos indivíduos são levadas em conta nas análises empreendidas. Apesar de tais trabalhos não ser considerados efetivamente pertencentes à terceira onda, eles permitem vislumbrar a complexidade por trás de padrões de variação na fala dos sujeitos. Suas análises servem de influência para esta pesquisa no sentido de inspirar a análise do discurso dos migrantes, na tentativa de vislumbrar possíveis respostas para as taxas de acomodação dos diferentes indivíduos.

Capítulo 3: Aspectos metodológicos

1. A construção da amostra de sergipanos

Para analisar a fala de migrantes sergipanos, quanto às taxas de acomodação dialetal referentes à pronúncia das vogais médias pretônicas, gravaram-se indivíduos de duas redes sociais distintas entre os meses de janeiro e maio de 2016. A escolha por duas redes, e não apenas por uma, justifica-se pela intenção de verificar se os padrões de variação de cada uma delas seriam mais semelhantes ou mais diferentes justamente pelo fato de os informantes pertencerem a redes distintas.

Tal como desenvolve Santana (2017), as duas redes de sergipanos foram construídas a partir de um informante âncora. No presente estudo, não se está tomando o significado de “ancoragem” como fazem vários trabalhos cujo método também é o de redes, como o de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), que diz que determinados falantes foram escolhidos como “grupos de ancoragem” porque havia um comportamento específico nos mesmos que era de interesse para a pesquisa. A partir de Mitchell (1969: 13), ela define ancoragem como “o(s) indivíduo(s) específico(s) cujo comportamento o pesquisador deseja estudar” (p. 147). No caso da amostra que se descreve a seguir, o âncora não é uma pessoa cujo comportamento é de interesse principal para a pesquisa, mas um ponto de partida para o contato de informantes da sua rede e para a gravação das entrevistas.

O único critério estabelecido antes de “amostrar” as duas redes foi que os sujeitos de uma não conhecessem os da outra e vice-versa. Essa única exigência na fase de pré-coleta visa justamente a verificar se existem mais semelhanças ou diferenças entre redes distintas que não têm contato entre si.

Na rede 1, o ponto de partida foi uma mulher, que a pesquisadora já conhecia, mas com a qual não mantêm laços fortes, ou seja, seus encontros são raros. O início da coleta da rede 2, por seu turno, ocorreu com um homem conhecido de uma pessoa próxima da pesquisadora. Ao final dessas duas primeiras entrevistas, solicitou-se ao âncora que indicasse as dez pessoas com as quais ela e ele mais convivessem diariamente (inclusive membros da família). Os indicados sergipanos foram entrevistados e indicaram outras dez pessoas que fizessem parte de sua rotina – e assim

sucessivamente, conforme ilustra a Figura 5 abaixo¹⁹.

Figura 5: Representação do mecanismo de coleta da amostra por rede social

Dentre os indicados, foram entrevistados apenas os sergipanos, mas os demais foram “anotados”, no intuito de quantificar as indicações feitas por cada um dos informantes e obter uma noção objetiva do círculo social de cada sujeito da amostra. Essa medida objetiva será calculada a exemplo do que foi feito por Battisti *et al.* (2007) com os falantes de diferentes redes sociais de Antônio Prado (cf. capítulo 2). Nesse trabalho, os pesquisadores “mediram” os diferentes tipos de relacionamento entre os informantes a partir de 3 graus distintos, do mais ao menos íntimo. Assim como Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) elaborou um “índice de integração” para cada um dos indivíduos da rede, com o objetivo de verificar em que nível eles estavam inseridos no contexto urbano, aqui se criou um índice para medir a “força” da relação entre os sergipanos migrantes e as pessoas que eles indicaram. Tal índice deverá mostrar qual é a relação mais forte que eles estabelecem: se é uma relação com sergipanos e outros nordestinos ou se é uma relação com os paulistanos (ou paulistas e aqueles de outras naturalidades).

¹⁹ Esse esquema é mera ilustração de como funcionou a construção da amostra, já que houve sobreposição de indicações (por exemplo, assim como “a” indicou “b”, “b” indicou “a” como uma das pessoas com quem ele mais conversa). Além disso, a imagem mostra apenas três indicações feitas por cada pessoa.

Figura 6: Representação da rede 1 de sergipanos residentes em São Paulo

Figura 7: Representação da rede 2 de sergipanos residentes em São Paulo

Nas Figuras 6 e 7, observa-se que alguns indivíduos recebem muitas flechas²⁰, o que indica uma intensa conexão entre eles com o resto da rede. Veja-se, por exemplo, o

²⁰ Nem todos os integrantes de uma mesma rede estabelecem laços fortes entre si, ou seja, todos se conhecem, mas não necessariamente interagem com muita frequência. Além disso, há informantes, na rede 1, que são familiares e que se encontram quase diariamente e há informantes que são apenas vizinhos e que conversam com uma frequência menor. Os migrantes da rede 2, por sua vez, são todos de uma mesma família, mas alguns deles têm menos contato com o restante das pessoas por morar em bairros mais distantes, por exemplo.

caso da rede 2 (Figura 7): EleonorB mostra-se como alguém que estabelece contato com a grande maioria dos indivíduos. Um dos objetivos do estudo, portanto, é analisar a possível relação entre esse número alto de interações com o processo de acomodação dialetal, ou seja, a pergunta que se faz é: a informante que tem bastante contato com outros sergipanos apresenta menores taxas de acomodação em relação às outras pessoas que têm menos interação com outros indivíduos da mesma rede?

O conteúdo das entrevistas, que duraram entre 40 minutos a 1 hora e 30 minutos, envolve perguntas sobre a infância no estado natal, a vinda para São Paulo, o contato com paulistanos e nordestinos, as preferências linguísticas (de qual pronúncia mais gosta e de quais não gosta, no sentido de verificar atitudes por parte dos migrantes em relação ao modo de falar do paulistano e do sergipano), sobre a relação com a região Nordeste (se tem vontade de retornar), etc.. O roteiro²¹ para as entrevistas foi elaborado com o intuito de identificar o grau de aproximação afetiva do informante com seu estado natal.

Os sergipanos entrevistados residem em cinco cidades diferentes: Taboão da Serra e Cotia (informantes da rede 1) e São Paulo, Osasco e Carapicuíba (informantes da rede 2). Optou-se por montar uma amostra com sujeitos residentes na região metropolitana São Paulo e não apenas da capital porque aqueles que moram na região metropolitana se consideram paulistanos e não veem diferenças entre eles próprios e os residentes na capital. As fronteiras entre essas cidades, de fato, não são bem delimitadas, por conta do aglomerado urbano. A Figura 8 ilustra esse argumento: a região metropolitana de São Paulo (a mancha cinza), vista de cima, não apresenta divisões claras e distintas.

²¹ Ver Anexo A.

Figura 8: Imagem de satélite da região metropolitana de São Paulo²²

A Figura 9 mostra a localização das cidades onde habitam os sujeitos da amostra. Percebe-se que todas as cidades fazem divisa com São Paulo e apenas Osasco e Taboão da Serra não fazem fronteira entre si.

²² Imagem de satélite fornecida pela Google. Acesso em: 16/07/2017.

Figura 9: Cidades da região metropolitana onde residem os informantes da amostra²³

Uma das vantagens de se construir uma amostra a partir de redes é que se consegue criar um vínculo com os informantes, em virtude de que o contato entre pesquisador e os participantes pode acontecer mais de uma vez. Tal aproximação é importante porque, nas entrevistas sociolinguísticas, o estilo de fala que se busca é o mais espontâneo possível, dado o intuito sociolinguístico de estudar o modo como as pessoas falam quando não estão preocupadas com o que estão falando e com o modo como o fazem – ou seja, seu *vernáculo*²⁴ (LABOV, 2008 [1972]). É importante criar vínculos com o objetivo de minimizar a assimetria social entre o pesquisador e os sujeitos entrevistados. O gravador e microfones já contribuem, pelo menos num primeiro momento, para a criação de uma atmosfera mais formal do que se pretende. Desse modo, desconstruir essa impressão de formalidade é essencial para se obter uma entrevista mais espontânea.

Outra estratégia utilizada para reduzir o paradoxo do observador (LABOV, 2008 [1972]) foi fazer as gravações na casa dos próprios informantes, justamente para que eles se sentissem mais à vontade. Apenas um integrante da amostra preferiu ser

²³ Retirado de: <https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSP>. Acesso em: 18/03/2017.

²⁴ Segundo Labov (2008 [1972]: 244), “vernáculo” é “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística”.

entrevistado num local público perto do seu trabalho, por conta de seus vários compromissos.

Ao final da entrevista sociolinguística, o informante foi levado a responder algumas questões pontuais, com vistas a permitir definir seu índice de vínculo com Sergipe, isto é, o grau de envolvimento entre ele e seu estado natal. Para cada pergunta, o indivíduo se autoavalia com uma pontuação que oscila entre 1 e 10: quanto maior o valor, maior seu envolvimento com Sergipe²⁵. A partir desses valores, cada informante obtém uma pontuação que norteia certas análises estatísticas inferenciais (cf. capítulo 4). A intenção é testar a hipótese de que quanto maior o valor do índice de vínculo, menor é o grau de acomodação dialetal do informante ao falar paulistano e vice-versa.

É nesse sentido que vem ao caso a referência às pesquisas da chamada “terceira onda” da sociolinguística (ECKERT, 2012; IRVINE, 2001), pois um dos seus interesses é analisar a construção e expressão da identidade dos sujeitos, que devem ter alguma agentividade ao dizer algo da maneira como dizem. No caso dos migrantes sergipanos em São Paulo, significa considerar que eles possam falar de determinada maneira porque se afiliam a alguma noção de identidade sergipana (ou nordestina), ou, diferentemente, porque “desejam” parecer paulistanos (ou paulistas) na sua interação social.

Os sergipanos entrevistados demonstraram uma boa disposição em contribuir para a pesquisa e foram bastante cordiais. Vários deles fizeram questão, por exemplo, de oferecer um café da tarde, indicando que a presença da pesquisadora não era importuna. Em muitos momentos, era visível que os entrevistados estavam alegres por poder compartilhar suas histórias. Até mesmo depois de algumas entrevistas, os informantes continuavam a relatar partes de sua história ou, ainda, a mostrar fotos de familiares citados durante a gravação.

1.1 Os informantes

A Tabela 1 mostra as características de cada um dos informantes entrevistados. Os âncoras estão identificados com um asterisco.

²⁵ Ver Anexo B.

Tabela 1: Informantes sergipanos migrantes das duas redes

	Informante	Idade	Sexo	Escolaridade	Idade de migração	Tempo em SP	Ocupação
Rede 1	ElianaL	53	F	Fundamental I	17	37	Desempregada
	JoanaT	56	F	Fundamental I	21	35	Operadora de máquina de tecido
	JoaquimS	61	M	Fundamental I	23	38	Metalúrgico
	JonasS	50	M	Fundamental I	25	25	Aposentado
	JorgeN	49	M	Fundamental I	18	31	Mecânico industrial
	JulioL	55	M	Fundamental I	20	33	Operador de máquina injetora
	MartaL	47	F	Médio	19	29	Auxiliar de berçário
	NilsaL	55	F	Médio	30	25	Pensionista
	ReginaL*	49	F	Fundamental II	18	31	Cozinheira
	RitaL	46	F	Fundamental II	17	29	Dona de casa
	RobertoS	55	M	Fundamental I	30	25	Ajudante geral
	RodrigoL	44	M	Médio	19	25	Encostado pelo INSS
	RoseS	50	F	Fundamental I	25	25	Dona de casa
	RuthT	44	F	Fundamental I	14	29	Empregada doméstica
	TelmaN	64	F	Fundamental I	22	42	Costureira
Rede 2	VivianeS	49	F	Fundamental II	12	37	Dona de casa
	AlexandreS	32	M	Médio	18	14	Motorista de pet shop
	CarlaB	40	F	Superior	24	16	Professora
	EleonorB	73	F	Fundamental II	29	45	Aposentada
	EmersonS	23	M	Médio incompleto	7	16	Funcionário de uma empresa de transporte
	JoãoS*	44	M	Fundamental II	26	18	Funcionário de uma transportadora
	LeandroB	48	M	Médio	5	43	Funcionário público
	LucasB	49	M	Fundamental I	14	35	Metalúrgico
	LucianaM ²⁶	54	F	Fundamental I	16	36	Dona de casa
	PedroB	45	M	Fundamental II incompleto	10	35	Taxista
	ReinaldoB	46	M	Fundamental II	24	22	Zelador e atleta
	VandaR	62	F	Fundamental I	17	44	Aposentada

²⁶ Ela chegou a morar por 2 dois anos no Paraná, por isso que seu tempo em São Paulo é de 36 anos (e não 38).

Na rede 1, observa-se certa homogeneidade quanto ao tempo de residência em São Paulo: os informantes estão na atual cidade, em média, há 30 anos. Por outro lado, a rede 2 apresenta uma variação maior quanto a esse tempo de residência, já que há um integrante que está em São Paulo há apenas 16 anos e outro há 45. Quanto ao sexo dos migrantes, a rede 1 tem mais mulheres que homens (11 e 6, respectivamente), ao contrário da rede 2 que tem mais homens (4 mulheres em um grupo de 11 pessoas). Em relação à escolaridade, percebe-se que a rede 2 tem uma migrante com ensino superior completo, diferentemente do que se vê na rede 1, em que os mais escolarizados são os que concluíram o ensino médio. Levando em consideração ambas as redes, vê-se que a grande maioria dos sujeitos não foi além do ensino fundamental, pois muitos deles tiveram que trabalhar desde cedo com os pais e não puderam continuar indo para a escola.

1.1.1 Os informantes da rede 1

Alguns aspectos sobre a vida dos informantes de cada uma das redes precisam ser explicitados no sentido de compreender sua trajetória. A grande maioria deles mudou-se para São Paulo em busca de melhores condições de vida e é um denominador comum na vida desses sujeitos o fato de que eles começaram a trabalhar muito cedo, pois precisavam ajudar os pais no sustento da casa. Tal trabalho envolvia sempre a roça, já que a maioria deles morava na área rural. Com exceção de RobertoS e de NilsaL, que nasceram no interior de São Paulo e foram para Sergipe com poucos meses de vida, os demais nasceram no interior de Sergipe. Vale esclarecer ainda que todos se conheciam antes das migrações, mesmo os que não são familiares. Em Sergipe, eles moravam em uma cidade chamada Nossa Senhora da Glória.

ReginaL, a informante âncora da rede 1, migrou para o Sudeste para viver junto com o marido, JulioL. Na entrevista, ela relatou que demorou cerca de três meses para se acostumar com a nova cidade de residência. Hoje, ela sente que está acostumada com São Paulo. ReginaL frequenta a igreja evangélica pelo menos duas vezes por semana e por lá mantém contato com algumas amigas paulistanas. No trabalho, onde atua como cozinheira, tem contato diário com seus dois chefes (um paranaense e um paulistano). Em alguns momentos da entrevista ela exprime o orgulho que sente de seu lugar de origem e que não se importa quando alguém diz que ela fala de modo diferente do paulista. Além disso, ela relatou que não sente vontade de voltar a morar em Sergipe.

(1)

S1²⁷: “não tenho essas coisa de estar... falando igual paulista não... sou nordestina mesmo e... não consigo mudar não sei por quê...”²⁸ (SESP-2015-F49-ReginaL²⁹)

JulioL, marido de ReginaL, veio para São Paulo na década de 1980 e, nesse meio tempo, já morou em Franca, cidade do interior paulista. Além disso, ele também viveu aproximadamente por 3 meses no Paraná. Hoje, ele trabalha numa fábrica de potes, como operador de injetora e tem vários colegas nordestinos, principalmente piauienses. Ele tem quatro filhos e todos nasceram em São Paulo: o mais velho tem 26 anos enquanto os outros têm 24, 15 e 7 anos. JulioL sente vontade de voltar a morar em Sergipe, mas com a condição de ficar visitando São Paulo com bastante frequência. Durante a entrevista, ele chama atenção para o fato de que moram muitos nordestinos no seu bairro:

(2)

S1: “você vê aqui nesse bairro aqui é tudo então é Bahia é se/... Bahia Sergipe... Piauí... Alagoas é tudo Norte³⁰...” (SESP-2016-M55-JulioL)

MartaL, RuthT, RitaL e ElianaL são irmãs³¹ e moram muito próximas umas das outras (MartaL e RitaL moram na mesma rua, de frente uma à outra). O contato entre elas é praticamente diário e sempre se encontram aos finais de semana. ElianaL veio primeiro para São Paulo, seguida pelas demais irmãs, de modo que uma foi recebendo a outra que chegava. MartaL e RuthT, a propósito, começaram a morar em São Paulo sem planejamento, uma vez que as duas vieram para participar do casamento de ElianaL e decidiram permanecer por ali. Esse modo de vir para o sudeste é muito comum entre os migrantes: primeiro, alguém da família migra e depois os outros integrantes seguem o mesmo caminho, de modo que se estabelecem em um mesmo bairro ou até numa

²⁷ Nos excertos de entrevistas, D1 e S1 referem-se, respectivamente, a documentador e informante.

²⁸ Os exemplos são transcritos de acordo com as convenções do projeto SP2010, que utiliza reticências para indicar pausa e ponto de interrogação para indicar pergunta. Somente nomes próprios são transcritos com letra maiúscula (MENDES & OUSHIRO, 2013). Informações sobre a amostra paulistana: <http://projetosp2010.fflch.usp.br/corpus>.

²⁹ A sigla SESP é o nome da amostra composta pelos sergipanos migrantes; 2016 corresponde ao ano em que a entrevista foi feita; F e M referem-se ao sexo do informante (feminino e masculino, respectivamente) e os números indicam sua idade.

³⁰ É bastante comum os migrantes dizerem “Norte” quando querem se referir mais especificamente ao Nordeste.

³¹ E são irmãs de JulioL também.

mesma rua. Tal tipo de migração é citado por Adant (1989) (cf. capítulo 2), que estudou alagoanos residentes em Brasília, numa época de intenso fluxo migratório (década de 1980). Ela mostrou que os migrantes de origem rural tendiam a fazer parte de uma “classe de migrantes integrados em redes de parentescos nos quais um parente veio primeiro e foi chamando os outros” (p.183-4). Guardadas as devidas proporções, tal cenário também pode ser observado entre os migrantes sergipanos entrevistados.

ElianaL, na época da entrevista, estava desempregada. Anteriormente, ela trabalhava de maneira informal entregando panfletos no semáforo, em Taboão da Serra mesmo. Ela é casada com um paraibano há mais de 25 anos e tem dois filhos que nasceram em Taboão da Serra. Ela deseja envelhecer em Sergipe, mas acredita que o marido não aceitará essa ideia. Ela faz um comentário interessante sobre o modo de falar do paulistano, ao dizer que este fala elegantemente, diferente do que o nordestino faz:

(3)

S1: “não vou puxar erre que eu não sou paulista né? querer falar elegante se eu não sou/ se eu sou do Norte né?... e todo mundo sabe quando você está conversando “ah da/ é do Norte né? você é do Norte”” (SESP-2016-F53-ElianaL)

MartaL trabalha em uma creche como auxiliar de berçário. Seu local de trabalho, assim como sua residência, ficam no Taboão. Ela é casada com um cearense há mais de 10 anos e tem três filhos, todos nascidos em Taboão. Ela não quer voltar a morar em Sergipe, pois acredita que não se acostumará novamente com o modo de vida de lá:

(4)

D1: “você v/ pensa em voltar pra Sergipe pra morar?”

S1: “não... penso não... pra morar não”

D1: “por quê?”

S1: “ah... no/ pra morar acho que não acostumava mais não”

D1: “não?”

S1: “só passeio... pra passeio” (SESP-2016-F47-MartaL)

RitaL, por sua vez, está desempregada para cuidar do filho que sofreu um acidente de automóvel. Ela saiu do emprego para acompanhá-lo nas frequentes consultas ao médico. Seu marido é do Piauí e trabalha na mesma empresa de JulioL. Durante a entrevista, ela exprimiu seu desejo de retornar para Sergipe e ainda não o fez porque não tem condições econômicas.

RuthT saiu de Sergipe com 15 anos de idade, na ocasião do casamento da irmã ElianaL que já estava morando em São Paulo. Ela é casada com um alagoano e tem uma filha de 10 anos. Ela trabalha como empregada doméstica numa casa de descendentes de japoneses. O local de trabalho é bastante próximo de sua residência, de modo que ela consegue ir a pé – o que mostra a reduzida mobilidade geográfica de RuthT durante a semana.

RoseS é vizinha de MartaL e de RitaL e as conhece (assim como conhece RuthT) desde sua infância em Sergipe. Ela não trabalha fora de casa atualmente, é casada com um sergipano (RobertoS) e tem seis filhos, dois deles nascidos no Paraná, onde morou por dois anos. Hoje, ela sente muita vontade de voltar a morar em Sergipe:

(5)

D1: “e por que que você tem vontade de voltar pra Sergipe pra morar?”

S1: “ai eu tenho eu tenho vontade de ir pra lá porque eu quero... eu quero ficar perto de meu do meus dois velhinho de lá e de minhas filha também né?” (SESP-2016-F50-RoseS)

RodrigoL é irmão de ReginaL e também veio para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Trabalhou por vários anos em uma metalúrgica (onde manteve contato com muitos nordestinos) e hoje está afastado do emprego por conta de um problema de saúde. Sua esposa é do Paraná e trabalha com encomenda de salgados. Ele a ajuda na entrega desses alimentos. Ele mora na mesma rua que MartaL e suas irmãs.

RobertoS, o marido de RoseS, atua como ajudante geral em construções civis. Atualmente, ele tem trabalhado no Rio de Janeiro, já que a empresa que o contratou presta serviços em várias partes do país. Ele retorna para Taboão da Serra de quinze em quinze dias e fica em casa por três dias. Durante a entrevista, ele informou que a grande maioria dos seus colegas do emprego é nordestina. Ademais, e assim como sua esposa, ele deseja retornar para Sergipe um dia.

(6)

D1: “senhor deseja voltar pra Sergipe pra morar?”

S1: “com certeza não vejo a hora menina”

D1: “por quê?”

S1: “ah já chega... o cantinho consegui/ consegui agora... viver um resto de vida que me falta... aproveitar o que eu não... (xxx)... aproveitar... coisas que eu não aproveitei na minha infância né...”

D1: “uhum”

S1: “é viver tranquilo” (SESP-2016-M55-RobertoS)

JonasS é vizinho de MartaL e de RoseS. Antes de vir para São Paulo, morou no Paraná por 15 anos, onde se dedicou em plantações de algodão e de milho. Já em São Paulo, trabalhou como operador de injetora. Ele teve que se aposentar por problemas de saúde. JonasS é casado com uma pernambucana e tem duas filhas nascidas em Taboão da Serra. Na entrevista, ele confessa que sente saudades do sossego de Sergipe e que se tivesse condições financeiras, retornaria para lá. No entanto, ele diz que não se arrepende de ter saído do Nordeste, pois sente muito orgulho da casa própria que conquistou em São Paulo.

JoaquimS, por sua vez, reside em uma casa localizada atrás da rua de MartaL e de RoseS. É ele quem está há mais tempo morando em São Paulo (37 anos) e é casado com uma baiana. Tem dois filhos, nascidos em Taboão da Serra, um de 25 e outro de 22 anos. Ninguém mais da sua família mora em São Paulo (além dos filhos e da esposa). Ele diz que conversa bastante com seus vizinhos, os quais, majoritariamente, são nordestinos (nascidos no Ceará, em Alagoas, em Pernambuco, etc.). Diferentemente de seu amigo RobertoS, ele não tem vontade de retornar para Sergipe, pois foi aqui que ele conquistou seus bens.

JoanaT é irmã de MartaL, RitaL, RuthT e ElianaL, mas não mora na mesma cidade que elas. Frequentemente, ela visita suas irmãs em Taboão da Serra. JoanaT reside em Cotia, junto com seu marido paraibano e seu filho paulista (de 21 anos). Ela tem mais uma filha (26 anos), também paulista, que já é casada e que mora em outro bairro de Cotia. JoanaT veio para São Paulo com 21 anos de idade e aqui permanece há 36 anos. Ela procura visitar Sergipe todo ano, mas não tem um forte desejo de retornar para lá, pois acredita que não voltaria a se acostumar com o ritmo de vida mais pacato de lá. Além disso, vale dizer que, apesar de estar há mais de três décadas em São Paulo, ela considera que seu modo de falar ainda continua sendo o mesmo de sempre, ou seja, com uma forte pronúncia sergipana.

(7)

D1: “você acha que você mudou seu jeito de falar desde que você chegou?... de Sergipe?... ou você acha que fala do mesmo jeito?”

S1: “ah às vezes eu falo do mesmo jeito se a pessoa estiver conversando com”

D1: “uhn”

S1: “com a pessoa de lá que está chegando agora eu acho que eu falo igual eu não mudei não”

D1: “é?”

S1: “assim mudei um pouquinho né mas dizer assim pra mudar cem por cento... eu não mudei”
(SESP-2016-F56-JoanaT)

Já TelmaN é prima de JoanaT (e de suas irmãs) e mora em Taboão da Serra, porém em outro bairro, que não o de MartaL. Ela tem uma filha paulista e é casada com um baiano. Está em São Paulo há 43 anos e migrou com 22. Durante a entrevista, ela afirmou que não deseja retornar em definitivo para Sergipe, pois quando viaja para lá a passeio, rapidamente fica com vontade de voltar para São Paulo. Apesar de ter migrado há muitos anos, ela não acha que seu modo de falar mudou desde que chegou aqui. TelmaN trabalha como costureira em uma área nobre de São Paulo e disse, na entrevista, que tem vários amigos famosos. Nesse sentido, é notório que seu círculo social é amplo.

VivianeS é irmã de TelmaN, também mora em Taboão da Serra, mas não no mesmo bairro de sua irmã. Chegou a São Paulo ainda pré-adolescente, com 12 anos de idade, quando veio para fazer um passeio. Tem dois filhos, uma nascida em Sergipe, mas que veio para São Paulo ainda bebê. Ela afirma que só tem saudades da família que ficou em Sergipe e que não sente vontade de voltar a morar lá.

JorgeN é casado com VivianeS e chegou a São Paulo em 1985, quando tinha 18 anos. Ele afirma que migrou em busca de crescimento financeiro, mas percebeu que estava iludido. Sua vinda para cá não foi algo planejado: ele pegou os poucos pertences que tinha na época e se mudou. No início, ele teve dificuldades para se adaptar com a nova cidade, contudo, com o apoio de familiares e com o bom desempenho no primeiro emprego que arranhou, decidiu permanecer em São Paulo. Hoje, ele não sente falta de seu estado natal, apenas de dois familiares. Além disso, ele não pensa em retornar para Sergipe, porém, deseja morar em alguma cidade do interior de São Paulo, em busca de um lugar mais calmo para descansar.

NilsaL é irmã de JorgeN e ambos moram no mesmo sobrado: ela mora no andar superior e ele no inferior. Ela nasceu em Presidente Prudente, cidade do interior paulista, mas se mudou para Sergipe ainda recém-nascida. Antes de morar em São Paulo, já adulta, NilsaL ficou 12 anos e meio em Curitiba, cidade de que gosta bastante. Ela diz que saiu de Curitiba contra a sua vontade, pois apreciava a educação das pessoas de lá e achava que São Paulo era muito diferente do que já estava acostumada. Sua vinda para São Paulo se deu por conta da insistência de seu marido (já falecido). Hoje ela tem um forte desejo de retornar para Sergipe, lugar onde ela foi criada.

1.1.2 Os informantes da rede 2

A grande parte dos integrantes da rede 2 é de uma cidade litorânea chamada Estância (localizada a 70 quilômetros da capital sergipana), enquanto a outra parte é de Lagarto, cidade do interior, que fica a 80 quilômetros de Aracaju. PedroB, diferentemente do restante da rede, nasceu em Aracaju, mas sua criação se deu em Estância. Todos esses migrantes fazem parte de uma mesma família e já se conheciam antes da migração.

JoãoS é o âncora da rede e mora em Osasco, assim como a maioria dos integrantes dessa rede. Ele trabalha em uma transportadora, tem três filhos e é viúvo (porém atualmente namora uma mulher paulistana). Seus filhos³² nasceram em Sergipe, mas vieram ainda crianças para São Paulo. Ele tem orgulho da casa que conseguiu construir e, por conta dessa conquista, gosta bastante de São Paulo. Quando chegou à sua nova cidade, ficou morando na residência de sua tia EleonorB, que atualmente mora em frente a sua casa.

EleonorB é uma senhora aposentada, de 73 anos de idade, e foi a primeira da família a sair de Sergipe. Ela era a pessoa que acolhia os parentes que faziam a mesma escolha que ela: sair do Nordeste em busca de melhores condições econômicas. EleonorB morou na capital paulistana por aproximadamente 30 anos e mudou-se para Osasco porque conseguiu comprar um terreno, junto com seu filho LucasB.

LucasB é metalúrgico e casado com CarlaB. Os dois têm uma filha juntos, já nascida em São Paulo. Ele chegou com 14 anos de idade para morar com sua mãe, já que EleonorB veio para o Sudeste alguns anos antes dele. Ele se emocionou algumas vezes durante a entrevista por sentir saudades da época de infância, pois ele gostava do contato que tinha por lá com a natureza. LucasB não descarta a possibilidade de retornar para seu estado natal depois que se aposentar porque gosta mais do modo de vida rural.

CarlaB, por sua vez, atua como professora da rede municipal de Barueri, cidade localizada na região metropolitana de São Paulo, e é a única com ensino superior completo dentre os 27 migrantes. Ela veio para São Paulo com o objetivo de morar com o marido, que já havia migrado anos antes. Por enquanto, ela não sente vontade de retornar para Sergipe, pois conseguiu um emprego estável. Em determinado momento

³² Apenas o filho mais velho, EmersonS, também foi entrevistado.

da entrevista ela diz que gosta bastante da agitação cultural que São Paulo oferece e que por isso está satisfeita com sua vida atualmente:

(8)

D1: “você se identifica mais com lá³³ ou com aqui?”

S1: “eu acho que aqui”

D1: “é?”

S1: “apesar de/ de viver muito pouco aqui né?... tenho dezesseis anos aqui que eu vim com vinte e quatro ano... então mas acho que a cultura daqui eu me identifiquei mais”

(SESP-2016-F40-CarlaB)

Interessa destacar ainda que EleonorB, LucasB e CarlaB moram na mesma casa, mas em andares diferentes. EleonorB mora com o filho mais novo, que também é sergipano (LeandroB, descrito mais à frente), no andar inferior; LucasB e CarlaB moram com a filha no andar superior da casa.

VandaR é irmã de EleonorB, tem 62 anos e, quando saiu de Sergipe em 1972 (com 17 anos), ficou morando com a irmã num primeiro momento. Ela tem 3 filhos e um deles também é sergipano (PedroB, descrito a seguir), enquanto os outros dois nasceram em Osasco. Desde que chegou a São Paulo, foram raras as vezes em que teve a oportunidade de visitar os familiares que ficaram no Nordeste. Além disso, ela mantém pouco contato com tais parentes e é a irmã que transmite as notícias que recebe sobre eles.

PedroB é o filho mais velho de VandaR e migrou ainda criança, com apenas 10 anos de idade, para São Paulo (em 1980). Assim como a mãe, ele mora em Osasco, mas passa a maior parte do seu dia em São Paulo, onde trabalha como taxista. Ele já foi casado com uma cearense e teve um filho (hoje com 20 anos de idade) com ela, nascido em São Paulo. Em relação a voltar para Sergipe, ele esclarece que voltaria se tivesse boas condições financeiras e uma casa própria. Contudo, ele retornaria somente se fosse para residir na capital, Aracaju, ou, ainda, em outras capitais nordestinas. Ele também diz que não sente muita falta de Sergipe, justamente porque viveu pouco tempo por lá. PedroB só menciona que a vida no sítio era mais agradável (onde morava em Sergipe), pois tinha mais contato com a natureza e era possível colher frutas diretamente do pé.

LeandroB é o integrante da rede 2 que tem a maior proporção de vida em São Paulo, uma vez que migrou com apenas 5 anos de idade. Hoje, com 48 anos, trabalha como segurança em um museu de São Paulo. A maioria dos seus amigos é paulistana e

³³ “Lá” refere-se a Sergipe e “aqui” a São Paulo.

ele costuma fazer diversos tipos de passeio pela cidade. Ele costuma viajar para Sergipe todo ano (desde 2010), assim como para Maceió, onde mora um grande amigo. Ele diz, na entrevista, que gosta muito de participar das festas juninas do Nordeste, porque são eventos grandiosos. Sua vontade é de morar em Maceió quando se aposentar por conta da qualidade de vida de lá.

Já AlexandreS é o que está há menos tempo em São Paulo, pois chegou aqui no final do ano de 2001, quando tinha 18 anos. Assim como a grande maioria dos migrantes, sua vinda para o Sudeste foi motivada pela oferta de empregos melhores. Em Sergipe, a única possibilidade que ele tinha de trabalho era na roça. Hoje ele é casado com uma baiana e mora em Carapicuíba. Ele diz que gostaria de voltar para Sergipe caso tivesse um negócio próprio, pois não quer trabalhar para alguém lá. No entanto, seu discurso não deixa muito claro se existe um desejo realmente forte de sair de São Paulo um dia, já que ele afirma que acredita que não consegue se acostumar novamente com o ritmo mais lento de Sergipe.

(9)

D1: “mas você tem vontade de morar em Sergipe?”

S1: “é... vontade eu tenho... (xxx)...”

D1: “uhn”

S1: “porque eu só quero ir pra lá se for pra trabalhar pra mim mesmo abrir um comércio pra mim... pra mim ir pra lá pra trabalhar na roça... não me acostumo mais não porque... quando eu saio de férias não pa/ não passo mais de quinze dia não... (só passo um mês mesmo)³⁴” (SESP-2016-M32-AlexandreS)

LucianaM, por seu turno, migrou para São Paulo, pela primeira vez, com 10 anos de idade, para vir morar com sua mãe EleonorB. Aos 13, voltou para Sergipe para morar com o pai. Com seus 16, retornou para São Paulo. Hoje é casada com um paranaense e já chegou a morar no Paraná, onde permaneceu por 2 anos. Ela tem dois filhos paulistanos e mora com um deles, enquanto a menina é casada. LucianaM reside em São Paulo, em uma casa bastante simples. Toda semana, ela telefona para sua mãe; seu irmão LucasB também liga para ela frequentemente. Na entrevista, ela afirmou que sente vontade de morar em Salvador ou em Fortaleza, e que deseja visitar Sergipe um dia. Ela tem pouco contato com seus vizinhos e fica a maior parte dos dias dentro de casa, pois tem um grave problema de obesidade.

Finalmente, ReinaldoB é sobrinho de EleonorB, chegou a São Paulo com 24 anos de idade, em 1994, e migrou em busca de melhores condições de vida. Hoje, mora

³⁴ Os parênteses indicam que o trecho não foi compreendido perfeitamente.

com a esposa, também sergipana³⁵, e com cinco filhos, todos paulistanos (com exceção do mais velho, que veio para São Paulo com poucos meses de vida). Ele afirmou na entrevista que não sente falta de Sergipe, pois acredita que está se sentindo completo em São Paulo. ReinaldoB é zelador e atleta, treina na Universidade de São Paulo e se relaciona com pessoas de diversos lugares (não só com nordestinos). Ele se autocaracteriza como uma pessoa bastante comunicativa e, no bairro onde mora, conhece a grande maioria das pessoas.

(10)

D1: “agora o que que você mais sente falta de lá?... de Sergipe”

S1: “olha”

D1: “ou não sente falta?”

S1: “eu não sinto falta... eu não sinto falta... eu acho que São Paulo pra mim está completo”

(SESP-2016-M46-ReinaldoB)

2. Rede aberta e rede fechada

Com as considerações da seção anterior, entende-se que a rede 1 configura-se como uma rede mais fechada, dado que seus integrantes têm uma mobilidade geográfica menor que aqueles da rede 2. A rede 1, como vimos, é caracterizada por mulheres que ficam mais em casa (caso da RitaL, RoseS e RuthT, quando esta não está em horário de serviço), diferentemente daquelas da rede 2, pois CarlaB procura sair com sua filha e fazer passeios em São Paulo e EleonorB viaja com certa frequência para alguns lugares do Brasil (em grupos de turismo). EleonorB e VandaR frequentam a academia e lá interagem com pessoas que não são nordestinas. Além da mobilidade geográfica, as próprias interações dos integrantes das duas redes permitem classificar a rede 1 como mais fechada e a 2 como mais aberta. Por exemplo, JoãoS, âncora da rede 2, namora uma paulistana, mora com sua nora também paulistana e tem três filhos que cresceram em São Paulo. VandaR tem três filhos e dois deles são nascidos e criados na região metropolitana de São Paulo. CarlaB, que, como também vimos, trabalha numa escola de Barueri, interage frequentemente com os colegas de profissão, com os alunos e seus pais, que não são majoritariamente nascidos fora da região Sudeste. Na rede 1, observa-se que as interações ocorrem mais entre conterrâneos: JulioL trabalha numa fábrica que emprega muitos nordestinos; RodrigoL está afastado do trabalho por conta de seu problema de saúde e fica mais recluso no bairro, interagindo em grande parte com seus

³⁵ Ela não foi entrevistada porque é muito tímida e optou por não participar da pesquisa.

vizinhos nordestinos; JoaquimS trabalha em uma empresa de metalurgia onde se relaciona com outros nordestinos (assim como no seu bairro); JonasS é aposentado e passa a maior parte do tempo em seu bairro, onde convive com nordestinos.

O conceito de rede fechada aqui está sendo tomado num sentido próximo ao de “rede isolada”, tal como definido por Bortoni-Ricardo (2011 [1985]):

“[a]s redes isoladas tendem a favorecer a manutenção da cultura rural e, portanto, a focalização do vernáculo. Exibem um alto grau de densidade consensual ou moral que funciona como um mecanismo de resistência à mudança. Tal resistência não opera necessariamente ao nível da consciência (...), [p]elo contrário, é consequência do próprio estado de isolamento.” (p. 135)

A partir dessa definição, aventou-se a hipótese de que os sergipanos da rede 1 mostrarão maior resistência a alterações no seu modo de falar, ou seja, tenderão a apresentar maiores graus de abaixamento de vogais pretônicas. Já a rede 2, mais aberta, encaixa-se na definição de “rede integrada” (BORTONI-RICARDO, 2011 [1985]: 135):

“[a]s redes integradas são territorialmente dispersas e mais heterogêneas no que concerne às oportunidades de estabelecimento de vínculos. Esses são constituídos e implementados em uma gama mais ampla de contextos sociais”.

Diferentemente dos sergipanos da rede 1, para os integrantes da rede 2, a hipótese é que eles tenderão a apresentar graus menores de abaixamento de pretônicas, indicando, assim, maior acomodação à pronúncia paulistana.

3. A amostra do banco “Falares Sergipanos”

Como base comparativa para a fala dos sergipanos residentes em São Paulo, buscou-se uma amostra coletada no estado de Sergipe, constituída por nativos dali que não saíram de seu local de nascimento. Algumas amostras do banco de dados “Falares Sergipanos” (FREITAG, 2013) foram cordialmente cedidas pela professora Raquel Freitag, da Universidade Federal de Sergipe.

Tal banco é formado por variados tipos de entrevista e, para os objetivos da presente pesquisa, a melhor subamostra que poderia ser utilizada como parâmetro de comparação aos sergipanos migrantes é aquela que foi coletada no povoado chamado Açuzinho, localizado na cidade de Lagarto, que fica no centro sul de Sergipe, situada a 75 quilômetros da capital do estado, cuja população é de cerca de 1020 habitantes (FREITAG; SANTANA; ANDRADE, 2014).

Figura 10: Localização das cidades de Lagarto e de Itabaiana, em Sergipe³⁶

As entrevistas utilizadas na análise comparativa foram coletadas segundo o critério de “comunidade de práticas” (ECKERT, 2000 *apud* FREITAG, 2013), cujo foco é voltado a um grupo de indivíduos engajados em torno de algum “interesse que os leva a buscar o aprimoramento das habilidades” (FREITAG; SANTANA; ANDRADE, 2014: 197). No caso de Açuzinho, os informantes entrevistados fazem parte de um grupo religioso chamado Legião de Maria. Dentre as atividades realizadas por seus membros estão a visita a pessoas doentes na comunidade, a reza do terço de Nossa Senhora e a participação em eventos religiosos da comunidade.

A amostra coletada entre os membros de tal comunidade de práticas é formada por 12 entrevistas, sendo que 11 delas foram realizadas com mulheres. Devido ao tempo limitado para extrair os dados de todas elas, optou-se por fazer uso de apenas 6 entrevistas: 3 informantes femininas e 3 masculinos, uma vez que ainda seria necessário fazer sua transcrição no programa ELAN³⁷. No entanto, a amostra de Açuzinho não disponibilizava os 2 homens necessários e, por conta disso, foi preciso utilizar uma entrevista que compõe outra subamostra do banco de dados “Falares Sergipanos”. Tal banco conta também com entrevistas realizadas com estudantes universitários (ou já formados) de Itabaiana, cidade localizada no agreste sergipano, situada a 54 quilômetros

³⁶ Fonte: Google Maps (adaptado).

³⁷ Para mais informações sobre o ELAN, ver a seção 5 (“Ferramentas de análise”) mais a frente.

de Aracaju. Na amostra de Itabaiana, há um total de 20 entrevistas, equilibradas quanto ao sexo dos informantes. Em um primeiro momento, tal amostra não foi escolhida para formar o parâmetro comparativo porque os sergipanos migrantes das redes coletadas em São Paulo não têm formação superior³⁸. Os informantes de Açuzinho, por sua vez, apresentam níveis de escolarização bastante semelhantes aos dos migrantes entrevistados.

Para a presente análise, as entrevistas do banco “Falares Sergipanos” selecionadas para servir como parâmetro aos migrantes residentes em São Paulo foram:

Tabela 2: Informantes sergipanos da amostra parâmetro

Amostra	Informante	Sexo	Idade	Escolaridade
Açuzinho	EleonoraC ³⁹	F	43	Fundamental I
Açuzinho	MariaF	F	60	Médio
Açuzinho	MarisaL	F	70	Fundamental I
Açuzinho	EdmundoC	M	71	Fundamental I
Itabaiana	JosiasC	M	32	Superior
Itabaiana	TomasT	M	35	Superior

Daqui em diante, essa amostra-parâmetro será referida como “SE-2012”, em que a sigla SE refere-se ao estado de Sergipe e 2012 indica o ano em que as entrevistas foram coletadas.

4. A amostra SP2010

A amostra SP2010 – Amostra da Fala Paulistana (Mendes & Oushiro, 2012)⁴⁰ foi construída entre 2011 e 2013 pelos integrantes do Grupo de Estudos em Sociolinguística da Universidade de São Paulo, o GESOL. Ela foi desenvolvida com o intuito de colaborar para a disseminação de trabalhos sociolinguísticos sobre a variedade de fala paulistana. Tal banco de dados é constituído de 60 entrevistas sociolinguísticas, realizadas com homens e mulheres, pertencentes a uma extensa faixa

³⁸ Não se quer dizer que a pronúncia das vogais médias pretônicas varia em relação ao nível de escolaridade dos falantes, pois tal correlação não foi comprovada, mas buscou-se uma amostra mais semelhante com a dos migrantes de modo a evitar algum tipo de enviesamento dos dados.

³⁹ Optou-se por criar nomes fictícios para cada um dos informantes. Seguindo a mesma lógica daquela utilizada com os sergipanos migrantes, a letra maiúscula final refere-se à primeira letra do sobrenome verdadeiro.

⁴⁰ Disponível em <http://projetosp2010.fflch.usp.br/corpus>. Último acesso em 26/07/2017.

etária (dos 19 aos 89 anos), com diferentes níveis de escolaridade e residentes de zonas variadas da cidade. Em resumo, trata-se de um *corpus* abrangente que contempla os variados aspectos característicos da cidade de São Paulo.

Para a presente pesquisa, apenas as entrevistas de 7 informantes foram selecionadas, em virtude de tais dados já terem sido extraídos por Oushiro (2016), para o desenvolvimento de sua pesquisa de pós-doutorado. A seguir, apresenta-se a tabela com as informações desses informantes:

Tabela 3: Informantes da amostra paulistana (SP2010) utilizados para comparação com os migrantes

Informante	Sexo	Idade	Escolaridade
AliceM	F	30	Médio
AnaS	F	32	Médio
RenataC	F	35	Médio
RobsonF	M	31	Médio
NelsonF	M	37	Médio
MauricioB	M	36	Médio
LucianoT	M	39	Médio

Percebe-se que todos os sujeitos têm ensino médio e pertencem à faixa dos 30 anos de idade. Oushiro (2016) selecionou esses informantes porque os migrantes que ela estava estudando também não tinham uma escolarização muito alta. Nesse sentido, foi preferível selecionar apenas indivíduos com uma escolaridade mais baixa.

Daqui por diante, essa amostra paulistana será referida como SP2010.

5. Ferramentas de análise

Todas as entrevistas sociolinguísticas que compõem o *corpus* (das três amostras) foram transcritas no programa ELAN⁴¹ (HELLWIG & GEERTS, 2013), uma vez que tal ferramenta (ver figura 10) proporciona diversos recursos que facilitam as análises, tais como: alinhamento entre transcrição e áudio (muito útil para verificar o tempo inicial e final de determinado segmento de fala); criação de diferentes trilhas para separar as falas de documentador e de entrevistado, mas também para codificar dados; possibilidade de importar e exportar arquivos de diferentes formatos (como .TextGrid do Praat, .txt, .csv, etc.) (OUSHIRO, 2016). Vale dizer que para a coleta das entrevistas da amostra SESP, usaram-se o gravador TASCAM DR-100 e microfones Sennheiser.

⁴¹ Ver Anexo C.

As análises descritivas apresentadas no próximo capítulo⁴² foram desenvolvidas na plataforma R (R CORE TEAM, 2017), pois ela permite manipular variáveis contínuas, como é o caso dos valores dos formantes das vogais. Oushiro (2014) explica que

“o R é uma linguagem de programação voltada à análise de dados, que pode ser utilizada para realizar computações estatísticas e gráficas, compilar e anotar *corpora*, produzir listas de frequências, entre diversas outras tarefas” (p. 134).

A autora chama atenção também para o fato de que o R ainda é pouco utilizado pelos sociolinguistas brasileiros, apesar de apresentar várias vantagens, pois “permite que o usuário customize uma série de tarefas que deseja executar e, conseqüentemente, tenha maior controle sobre os resultados obtidos” (OUSHIRO, 2014: 134).

Para a presente pesquisa, cinco *scripts*⁴³ foram utilizados para o tratamento das vogais médias pretônicas: EasyAlign (Goldman, 2011), silac (Oushiro, 2015b), silacpret (Oushiro, 2016), Vowel Analyzer (Riebold, 2013) e o *script* para a codificação das variáveis independentes (Oushiro, 2016). O *plugin* EasyAlign é instalado dentro do programa Praat e executa três funções, a partir de um arquivo de áudio e de um arquivo de texto com sua transcrição: (i) alinhamento de transcrição de texto com áudio, de modo que ele reconhece o ponto em que uma sentença se inicia e o ponto em que termina; (ii) transcrição fonológica a partir da transcrição ortográfica; (iii) divisão dos segmentos fonéticos. A tarefa (i) não foi necessária porque o programa ELAN já cumpre esse papel, pois sua função é exatamente alinhar transcrição e áudio, e todas as entrevistas utilizadas aqui foram transcritas nele. A função (ii), por sua vez, também não foi utilizada porque se utilizou o *script* silacpret, que é descrito mais adiante. Apenas a tarefa (iii) do EasyAlign foi útil aqui, em razão da necessidade de saber os pontos em que as vogais pretônicas se iniciavam e terminavam.

O *script* silac (OUSHIRO, 2018), desenvolvido por Oushiro (2015b) na plataforma R, tem como funções fazer a silabificação, a acentuação e a transcrição fonológica de textos transcritos em ortografia padrão do português brasileiro (OUSHIRO, 2016). A principal vantagem dessa ferramenta é o fato de que ela

⁴² As análises inferenciais também serão desenvolvidas na plataforma R.

⁴³ Os métodos empregados para extração dos valores dos formantes são uma replicação do que foi feito por Oushiro (2016) em seus dados. Seu estudo foi descrito no capítulo 2. Como parte da sua pesquisa de pós-doutorado, a pesquisadora desenvolveu os *scripts* silac, silacpret e pos-VowelAnalyzer para otimizar a etapa metodológica de tratamento dos dados. Grande parte do que será detalhado nessa seção é baseada nas etapas descritas por Oushiro no seu relatório de pós-doutorado. Os *scripts* foram cordialmente cedidos por ela.

possibilita uma identificação rápida das ocorrências da variável dependente (no presente caso, as vogais médias pretônicas), de maneira que essa etapa metodológica ocorre mais rapidamente.

O *script* silacpret, por sua vez, foi criado também por Oushiro (2016) especificamente para o trato das vogais pretônicas. Ele é rodado na plataforma R após a transcrição fonológica (ou seja, após o *script* silac) para identificar e marcar as ocorrências das vogais com os símbolos “< >”. Desse modo, “palavras como “morar” e “telefone”, por exemplo, são transcritas como “m<o>-’Rar” e “t<e>-l<e>-’fo-ne”, respectivamente” (OUSHIRO, 2016: 26).

Figura 11: Transcrição no Praat após a aplicação do EasyAlign e dos *scripts*

A Figura 11 mostra a transcrição no Praat depois que o *plugin* EasyAlign e os *scripts* silac e silacpret são rodados. As trilhas *S1*, *phono*, *words*, *syll* e *phones* são criadas pelo EasyAlign. A trilha *marc.pretonicas* foi criada pelo *script* silacpret, na plataforma R, com o intuito de localizar os segmentos de vogais pretônicas. É por esse motivo que a vogal [e] da palavra “segunda” aparece entre os símbolos “< >”. Foi por meio dessa trilha, portanto, que “<e>” e “<o>” foram buscadas, para que na trilha *fones.pretonicas* fosse feita a marcação manual de tais segmentos. Esse trabalho manual foi necessário porque o EasyAlign, apesar de ter a função de localizar o tempo inicial e final de cada segmento fônico, muitas vezes erra na marcação das fronteiras – em razão de sobreposição de vozes, de falas mais rápidas e de ruídos do ambiente.

O *script* Vowel Analyzer (RIEBOLD, 2013) é utilizado dentro do Praat depois que as vogais pretônicas são devidamente segmentadas. Com ele se extraem automaticamente os valores de F1 e F2, a duração em milissegundos dos segmentos e dos itens lexicais correspondentes. Esse *script* gera uma planilha de dados que engloba:

- i) o nome do arquivo;
- ii) a palavra (extraída a partir da trilha *words*);
- iii) a transcrição fonológica (obtida pela trilha *marc.pretonicas*);
- iv) a vogal (correspondente às pretônicas, extraídas da trilha *fones.pretonicas*);
- v) o tempo inicial, final e a duração de cada segmento vocálico;
- vi) as medidas de F1 e de F2, em 30%, 50% e 70% de cada vogal⁴⁴.

Finalmente, a aplicação do *script* para a codificação das variáveis independentes justificou-se pelo fato de ele codificar automaticamente algumas variáveis independentes que normalmente são incluídas em trabalhos sobre vogais pretônicas (MOTA, 1979; MARQUES, 2006; PEREIRA, 2010; OUSHIRO, 2016: 31):

- Contexto fônico precedente;
- Contexto fônico seguinte;
- Vogal da sílaba seguinte (/a/, /e/, /i/, etc.);
- F1 e F2, em Hz, da vogal da sílaba seguinte;
- Vogal tônica;
- Distância da vogal tônica (a partir do número de sílabas);
- Tipo da sílaba pretônica (CV, CCV, etc.).

Além dessas variáveis, o *script* também codifica as seguintes:

- Amostra (SESP, SE-2012 e SP2010);
- Informante;
- Sexo (F, M);
- Idade (em anos).

Outras variáveis sociais, a saber, *idade de migração*, *proporção de vida em São Paulo* e *rede* também foram codificadas, mas manualmente.

6. Extração dos dados

Como o intuito central dessa pesquisa é verificar se está ocorrendo acomodação na fala de sergipanos em São Paulo em direção à pronúncia paulistana, decidiu-se

⁴⁴ Tais medições podem ser em pontos diferentes da vogal (25%, 50% e 75% ou 20%, 50% e 80%).

analisar apenas aquelas palavras em que mais há favorecimento ao abaixamento da vogal, porque há contextos, na variedade sergipana, nos quais os falantes podem alçar a vogal pretônica (como no caso de “menino”) ou realizá-la como média (em “depois”, por exemplo). De acordo com Mota (1979), sobre a comunidade sergipana de Ribeirópolis, favorecem o abaixamento da vogal pretônica: vogal baixa /a, ε, ɔ/ na sílaba contígua à pretônica (como em “memória” e “coragem”); uma vogal nasal que não seja alta (como em “dezembro”); a presença da fricativa velar /x/ em coda silábica ou no ataque⁴⁵ (como em “mercado” e “relógio”). Além disso, evitou-se incluir palavras em que a média pretônica ocorria em casos de ditongo, por conta da dificuldade de segmentar as vogais nesses casos, já que é difícil verificar onde uma vogal termina e outra começa, tanto visualmente (olhando para a onda sonora) quanto de oitiva (como em “doação”, por exemplo). As vogais pretônicas em posição de ataque também não foram consideradas. Todas as realizações que se encaixavam nas condições anteriormente descritas foram extraídas, mas alguns dados foram excluídos porque apresentavam algum tipo de alteração causada por ruídos do ambiente⁴⁶. Ainda vale ressaltar que as vogais pronunciadas como altas, mesmo em contexto que favorecia seu abaixamento, foram excluídas do banco de dados, para que as médias dos falantes não fossem influenciadas por valores atípicos.

Além das vogais médias, também foi feita a extração de 20⁴⁷ dados de cada uma das vogais /a/, /i/ e /u/ em sílaba pretônica. Nesse caso, as únicas exigências eram que a vogal não poderia ocorrer em sílaba sem ataque silábico e nem em ditongo.

⁴⁵ No ataque da mesma sílaba a qual pertence a vogal pretônica ou o ataque da sílaba seguinte. No caso do ataque da sílaba seguinte, pode ocorrer um tepe (como em “coragem”).

⁴⁶ Mesmo tendo cuidado na escolha do ambiente de gravação, alguns ruídos foram inevitáveis (como barulho de telefone, de conversas ao fundo, etc.).

⁴⁷ Em alguns casos, como pode ser visto na tabela 3, esse número pode variar. As vogais com menos de 20 dados, devem-se ao fato de que algumas ocorrências visivelmente apresentavam um valor equivocado de F1 e optou-se por excluí-las. Aquelas vogais que têm mais de 20 ocorrências devem-se ao fato de, por segurança, ter-se extraído um número pouco acima do estipulado para o caso de ser necessário excluir alguma ocorrência posteriormente. Quando não houve necessidade de exclusão, porque os valores estavam dentro do intervalo esperado, optou-se por ficar com mais de 20 ocorrências, pois isso não faria muita diferença na medição das médias.

Tabela 4: Total de ocorrências das vogais em posição pretônica extraídas

Amostra	Informantes	(a)	(e)	(i)	(o)	(u)	Total
SESP- 2016	AlexandreS	17	26	20	11	20	94
	CarlaB	20	219	21	106	21	387
	EleonorB	20	133	21	94	20	288
	ElianaL	18	91	20	94	20	243
	EmersonS	20	63	20	44	20	167
	JoanaT	20	74	20	23	20	157
	JoãoS	21	155	21	118	23	338
	JoaquimS	20	100	20	46	19	205
	JonasS	20	110	20	59	20	229
	JorgeN	20	115	21	60	20	236
	JulioL	20	98	19	63	16	216
	LeandroB	20	97	20	54	20	211
	LucasB	21	151	20	59	20	271
	LucianaM	20	90	20	100	20	250
	MartaL	20	72	20	91	20	223
	NilsaL	20	157	20	72	20	289
	PedroB	20	116	20	88	20	264
	ReginaL	21	124	19	72	20	256
	ReinaldoB	20	205	20	71	20	336
	RitaL	20	104	20	78	20	242
	RobertoS	17	40	20	27	20	124
	RodrigoL	20	230	20	160	15	445
	RoseS	20	120	20	43	20	223
	RuthT	20	133	20	120	20	313
	TelmaN	20	61	20	45	20	166
	VandaR	21	143	20	77	20	281
	VivianeS	20	92	20	51	20	203
	Total	536	3119	541	1926	534	6657
SE-2012	EdmundoC	21	96	20	40	19	196
	EleonoraC	21	92	22	42	18	195
	JosiasC	20	91	20	42	20	193
	MariaF	21	76	21	38	21	177
	MarisaL	20	33	21	16	13	103
	TomasT	20	110	21	59	20	230
	Total	123	498	125	237	111	1094
SP2010	AliceM	30	50	30	51	30	191
	AnaS	30	50	30	51	30	191
	LucianoT	30	50	30	50	30	190
	MauricioB	30	50	30	49	30	189
	NelsonF	30	50	30	49	30	189
	RenataC	30	50	30	50	30	190
	RobsonF	30	50	30	50	30	190
	Total	210	350	210	350	210	1330

A partir dos critérios estabelecidos, obteve-se um total de 3119 vogais pretônicas /e/ e 1926 /o/, da amostra SESP. Da amostra SE-2012, obtiveram-se 498 dados de /e/ e 237 de /o/. Finalmente, da amostra paulistana, foram extraídos 350 ocorrências de /e/ e também 350 de /o/.

No capítulo 5, os gráficos apresentados mostram dois tipos de medida: a média a partir das frequências não normalizadas e a média das frequências normalizadas. É desejável que os valores de frequência de formantes, numa pesquisa como esta, sejam normalizados porque o trato vocal de cada indivíduo tem efeito na produção dos segmentos fônicos. Na tentativa de minimizar possíveis enviesamentos, usa-se a normalização de Lobanov (1971), que é considerada pelos foneticistas como o melhor procedimento, de acordo com Barbosa & Madureira (2015), que explicam que tal técnica

“altera os valores brutos das frequências de formantes para valores normalizados por *z-score*, que são relativos aos valores de média e de desvio padrão de todas as vogais de cada falante. O *z-score* é a distância em relação à média em unidades de desvio padrão de todas as vogais de cada falante.”
(p. 269)

Adank *et al* (2004), a partir de um estudo sobre os diferentes métodos de normalização, também mostram que a normalização de Lobanov se apresenta como a que melhor mantém os aspectos relacionais entre as vogais com a diminuição da interferência das diferenças anatômicas dos falantes.

7. Variáveis linguísticas

A pesquisa leva em conta as variáveis linguísticas eleitas em outros estudos sobre acomodação dialetal como potenciais fatores que estão correlacionados ao abaixamento da vogal média pretônica, no contexto da fala nordestina (sendo tomada em um sentido mais amplo). Pereira (2010) e Oushiro (2016) incluíram em suas análises:

- (a) contexto fônico precedente à vogal pretônica: codificado de acordo com o ponto de articulação dental-alveolar, labial, velar, palatal, sibilante e vibrante;
- (b) contexto fônico seguinte: também codificado a partir do ponto de articulação;
- (c) F1 da vogal da sílaba seguinte (variável tratada como contínua, portanto);
- (d) distância da vogal tônica (1 a 5 sílabas de distância);
- (e) estrutura da sílaba pretônica (CV, CVr, CVs, CCV e CCVs).

Oushiro (2016) concluiu que apenas o F1 da vogal da sílaba seguinte e o contexto fônico precedente se mostram como significativamente correlacionados com a altura da vogal média pretônica na fala de migrantes paraibanos em São Paulo e no Rio de Janeiro e também na fala de paulistanos e cariocas. Em Pereira (2010), a altura da vogal da sílaba seguinte apareceu como um dos principais fatores correlacionados ao abaixamento da vogal pretônica.

Diante desses resultados, espera-se que as variáveis F1 da vogal seguinte e contexto fônico precedente estejam entre as principais correlacionadas ao abaixamento da pretônica na fala dos migrantes sergipanos em São Paulo.

8. Variáveis sociais

8.1 Rede social

O principal objetivo da pesquisa é verificar se os migrantes da rede aberta apresentam mais semelhanças ou diferenças em relação aos que pertencem a uma mais fechada. A rede social, portanto, é a principal variável social a ser analisada neste trabalho. Como já foi dito, espera-se que os integrantes da rede aberta apresentem estimativas de F1 mais próximas às dos paulistanos, enquanto que os da rede fechada tenderão a estar menos acomodados.

8.2 Índice de vínculo com Sergipe

Outra variável social incluída nas análises estatísticas é o índice de vínculo com Sergipe dos migrantes. A partir do questionário respondido por cada um dos informantes, foi criado um índice que tenta “medir” sua identidade. Ele varia de 2,17 a 10 e quanto mais próximo de 10, maior identificação com Sergipe o sujeito tem. Sendo assim, espera-se que os migrantes com os maiores índices de vínculo estejam menos acomodados à fala paulistana. A criação de tal medida justifica-se pelo fato de que os discursos dos indivíduos acerca de suas afiliações a certas identidades se mostram, muitas vezes, ambíguos, uma vez que tratar de identidade não é algo muito bem definido e claro (IRVINE, 2001 apud BIELER DA SILVA, 2015). Diante da necessidade de se ter uma medida mais objetiva para que fosse possível lidar com testes estatísticos, pensou-se no desenvolvimento de tal índice. A partir de um questionário

(Figura 12) realizado depois da entrevista sociolinguística, os informantes deviam dar notas a si mesmos para cada uma das perguntas.

QUESTIONÁRIO PARA OBTENÇÃO DO ÍNDICE DE VÍNCULO COM SERGIPE

- 01) Numa escala de 1 a 10, o quanto você se considera sergipano(a)?
1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9() 10()
- 02) Numa escala de 1 a 10, o quanto você se considera paulista?
1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9() 10()
- 03) Numa escala de 1 a 10, o quanto você acha que o nordestino é diferente do paulista?
1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9() 10()
- 04) Numa escala de 1 a 10, o quanto você acha que seu jeito de falar é diferente das pessoas que nasceram em São Paulo?
1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9() 10()
- 05) Numa escala de 1 a 10, o quanto você acha que o jeito de falar do sergipano é diferente comparado ao jeito de falar do paulista?
1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9() 10()
- 06) A maioria dos seus amigos é sergipana?
1() nenhum amigo é sergipano
2() poucos são sergipanos
3() metade é
4() a maioria é sergipana
- 07) Você tem vizinhos sergipanos?
1() não
2() sim
- 08) As pessoas com quem você trabalha são sergipanas?
1() não 2() sim, algumas 3() sim, várias
- 09) As pessoas com quem você trabalha são nordestinas (as que não são sergipanas)?
1() não 2() sim, algumas 3() sim, várias
- 10) Numa escala de 1 a 10, o quanto você acha que o sergipano sofre de preconceito em São Paulo?
1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9() 10()
- 11) Numa escala de 1 a 10, o quanto você acha que o nordestino em geral sofre de preconceito em São Paulo?
1() 2() 3() 4() 5() 6() 7() 8() 9() 10()

Figura 12: Questionário sobre vínculo com Sergipe

Além das questões que aparecem na Figura 12, outras três foram utilizadas para medir o índice. Elas haviam sido feitas para os migrantes durante a entrevista sociolinguística e são perguntas pertinentes para compreender o vínculo (mais forte ou mais fraco) entre o migrante e sua terra natal. Tais questões são: “12) você pretende voltar a morar em Sergipe?” (valendo 5 para a resposta “não” e 10 para a resposta “sim”), “13) com que frequência você visita Sergipe?” (valendo 3 para “pouco ou nunca”, 6 para “a cada 5 anos, em média” e 10 para “muita frequência”) e “14) com que frequência você conversa com seus familiares que ficaram em Sergipe?” (valendo 3 para “raramente ou não tem contato”, 6 para “mensalmente, em média” e 10 para “muita frequência”).

A medição foi obtida a partir dos seguintes passos: as perguntas que não possuíam uma escala que ia de 1 a 10, como as questões 6, 7 e 8, por exemplo, foram transformadas em uma escala equivalente. Observa-se que a questão 6 (“a maioria dos seus amigos é sergipana?”) apresenta 4 possíveis respostas, dessa forma, decidiu-se dividir o valor 10 (que é o valor máximo na escala de 1 a 10) em 4 partes:

Tabela 5: exemplo de conversão (questão 6)

Escala de 1 a 4		Escala de 1 a 10
1() nenhum amigo é sergipano	→	2
2() poucos amigos são sergipanos	→	4
3() metade é sergipana	→	6
4() a maioria é sergipana	→	10

Portanto, o migrante que marcava a primeira alternativa (“nenhum amigo é sergipano”) como resposta, para a questão 6, recebia 2 pontos; aquele que marcava a segunda alternativa (“poucos amigos são sergipanos”), recebia 4 pontos, e assim sucessivamente. Nas questões em que havia apenas duas repostas possíveis, como a 7 (“você tem vizinhos sergipanos?”), a conversão se deu do seguinte modo: a resposta 1 (“não”) passou a corresponder a 5 e a resposta 2 (“sim”) passou a ser 10. Já nas perguntas em que três respostas eram possíveis, como a de número 8 (“as pessoas com quem você trabalha são sergipanas?”), a conversão realizada foi: a resposta 1 (“não”) passou a corresponder a 3; a resposta 2 (“sim, algumas”) passou a ser 6; e a resposta 3 (“sim, várias”) passou a valer 10.

Decidiu-se calcular uma média ponderada para alcançar o índice, uma vez que algumas perguntas evidenciavam ter um peso maior na consideração de uma identidade sergipana, sob o ponto de vista da pesquisadora. Nesse sentido, as perguntas 1, 5, 10 e 12 apresentam peso 2 no cálculo realizado com cada um dos migrantes. A fórmula utilizada aparece a seguir, em que p se refere à “pergunta” ($p1$ = “pergunta 1”) e o valor do peso relativo antecede o sinal de multiplicação.

$$\frac{2xp1 + 1xp2 + 1xp3 + 2xp4 + 1xp5 + 1xp6 + 1xp7 + 1xp8 + 1xp9 + 2xp10 + 1xp11 + 2xp12 + 1xp13 + 1xp14}{\sum \text{pesos relativos} (= 18)}$$

A partir dessa fórmula, portanto, cada migrante recebeu um índice de vínculo, e a relação completa dos números pode ser vista a seguir:

Tabela 6: Relação dos valores do índice de vínculo com Sergipe para cada um dos migrantes

Rede	Informante	Índice de vínculo
1	ElianaL	7,05
	JoanaT	5,78
	JoaquimS	6,67
	JonasS	6,89
	JorgeN	6,17
	JulioL	6,72
	MartaL	6,39
	NilsaL	7,17
	ReginaL	6,28
	RitaL	8,17
	RobertoS	8,05
	RodrigoL	8,33
	RoseS	6,94
	RuthT	7,05
	TelmaN	6,27
	VivianeS	6,39
2	AlexandreS	7,05
	CarlaB	6,11
	EleonorB	7,78
	EmersonS	8,39
	JoãoS	7,8
	LeandroB	7,05
	LucasB	7,89
	LucianaM	5,11
	PedroB	6,61
	ReinaldoB	5,89
	VandaR	5,55

A tabela mostra que os migrantes que têm os maiores índices são EmersonS, LucasB, RitaL, RobertoS e RodrigoL. Surpreendentemente, EmersonS veio para São Paulo ainda muito jovem, em torno dos 7 anos de idade, o que poderia significar uma ligação afetiva não tão forte com o estado nordestino, mas, durante a entrevista, sua grande afeição por Sergipe e sua vontade de morar lá um dia se destacaram, o que justifica seu alto índice de vínculo com Sergipe. Os valores obtidos por LucasB e RodrigoL, por sua vez, não causaram estranhamento, porque foi possível perceber, ao longo das entrevistas, a forte ligação que eles têm com Sergipe: seja pelos recorrentes telefonemas que fazem aos seus familiares, seja pela frequência com que visitam seu estado natal ou ainda pelo desejo de retorno a seu lugar de origem. O caso da RitaL também não surpreendeu, pois ela mantém um forte desejo de retornar a Sergipe, em algum momento da vida, assim como RobertoS.

Os menores valores, por outro lado, são os de LucianaM e VandaR, o que significaria que elas são as que menos se identificam com Sergipe. De fato, VandaR pareceu ser a informante que menos tem ligação com seu estado de origem, pois o contato dela com os familiares que ainda moram por lá é bastante raro e ela não demonstrou interesse em retornar um dia. O baixo índice de LucianaM se justifica: i) pelo pouco contato (esporádicos telefonemas) que ela tem com os familiares residentes em Sergipe; ii) por ela não ter uma vizinhança sergipana; e iii) também por pouco visitar seu estado de origem.

8.3 Índice de integração à rede

O índice de integração à rede foi criado com o objetivo de operacionalizar o número de contatos que os integrantes das redes têm entre si. Logo após a entrevista sociolinguística, o migrante informava quem eram seus 10 contatos mais frequentes em seu dia a dia, se familiares ou amigos. Tanto os nomes dessas pessoas quanto a origem delas eram anotados, para que fosse possível mapear a rede de contatos de todos os migrantes. O objetivo central dessa pesquisa, como já foi dito, é justamente averiguar se existe alguma correlação entre a taxa de acomodação dos migrantes sergipanos aqui entrevistados com sua rede de contatos, portanto, a criação de tal índice se coloca como essencial. A hipótese formulada para essa variável é que quanto mais o migrante estiver integrado à sua própria rede, menor é sua taxa de acomodação, porque mais contatos com sergipanos ele tem.

O cálculo realizado para o desenvolvimento do índice se deu da seguinte maneira: 1) contagem do número de sergipanos, também pertencentes à rede entrevistada, que o migrante citou; 2) contagem do número de vezes que o migrante foi citado (caso quem o citou não tenha sido indicado pelo informante no passo 1)⁴⁸; 3) soma desses números; 4) divisão entre o número obtido no passo 3 e o número de informantes que a rede contém. Por exemplo, ReginaL citou apenas 1 migrante sergipano com o qual ela tem contato rotineiramente, a saber, JulioL (ele também a citou de volta, mas apenas 1 direção foi contada) e outro migrante (RodrigoL) a citou como um contato frequente, somando, assim, 2 laços; esse número foi dividido por 16,

⁴⁸ Por exemplo, supondo que o migrante A tenha citado B e que B também tenha citado A, esse laço entre eles é contado apenas uma única vez (e não duas vezes), para cada um dos migrantes A e B.

pois a rede 1 contém 16 informantes. ReginaL, portanto, apresenta um índice de integração à rede igual a $2/16$, ou seja, 0,125. Tal índice, então, pode ir de 0 a 1.

Tabela 7: Relação dos valores do índice de integração à rede para cada migrante

Rede	Informante	Índice de integração
1	ElianaL	0,3125
	JoanaT	0,187
	JoaquimS	0,0625
	JonasS	0,375
	JorgeN	0,1875
	JulioL	0,1875
	MartaL	0,5
	NilsaL	0,125
	ReginaL	0,125
	RitaL	0,4375
	RobertoS	0,3125
	RodrigoL	0,375
	RoseS	0,25
	RuthT	0,3125
	TelmaN	0,25
	VivianeS	0,1875
2	AlexandreS	0,363
	CarlaB	0,727
	EleonorB	0,818
	EmersonS	0,454
	JoãoS	0,363
	LeandroB	0,181
	LucasB	0,545
	LucianaM	0,181
	PedroB	0,454
	ReinaldoB	0,181
	VandaR	0,454

Entre os indivíduos da rede 1, os mais integrados são MartaL e RitaL, com os índices 0,5 e 0,4375, respectivamente. Isso significa que são elas as que mantêm contato com o maior número de pessoas da própria rede. JoaquimS, por sua vez, é o que mantém menos laços com os migrantes de sua própria rede, mas isso não significa que o contato que ele tem com outros nordestinos (fora da rede entrevistada) também seja baixo. A maior parte da rede 1 é formada por pessoas de uma mesma família, contudo, esse não é o caso de JoaquimS, e isso explica, em parte, sua pouca integração à rede.

Quanto à rede 2, as mais integradas são EleonorB e CarlaB, com os índices 0,727 e 0,818, respectivamente. EleonorB foi a primeira pessoa da família a migrar para São Paulo e ela serviu como apoio para os demais que migraram depois. Nesse sentido, é compreensível que seu papel na família tenha uma importância muito significativa e seu alto índice se explica pelas várias relações estabelecidas pelos familiares em relação a ela. CarlaB, por morar na mesma casa que a sogra (cf. seção 1.1.2 desse mesmo capítulo) e por ser uma pessoa dinâmica, também estabelece um número alto de vínculos com os familiares de seu marido. Vale destacar que foi ela que auxiliou a pesquisadora na etapa de contatar os indivíduos para realizarem a entrevista sociolinguística. Dentre os menos integrados da rede 2 estão LucianaM e ReinaldoB, os quais não residem próximo ao restante da família. Enquanto a maioria dos integrantes da rede mora um próximo do outro (na mesma rua ou no mesmo bairro), eles dois estão um pouco distantes, em outra cidade. Esse pode ser o motivo pelo qual seus índices são bastante baixos.

8.4 Outras variáveis sociais

Justamente por a pesquisa ter como foco o papel das redes sociais no processo de acomodação dialetal, não se levaram em conta outras variáveis sociais no momento de construção da amostra, isto é, não havia uma preocupação em entrevistar o mesmo número de mulheres e homens, a mesma quantidade de pessoas mais jovens e mais velhas, nem indivíduos mais ou menos escolarizados. Por conta disso, a amostra de migrantes sergipanos não tem um número balanceado de pessoas em relação a tais categorias sociais. No entanto, as análises desenvolvidas procuraram incluir esses aspectos, dentro das possibilidades do *corpus*, com o intuito de verificar se existe alguma correlação com as taxas de acomodação. Portanto, as variáveis (i) sexo/gênero; (ii) faixa etária; (iii) escolaridade; e (iv) proporção de vida em São Paulo também foram incluídas nas análises.

Inúmeros trabalhos de sociolinguística testam a variável social *sexo/gênero* dos falantes, inspirados pela publicação de Labov em 1972. Um de seus resultados mostrou que as mulheres são mais suscetíveis do que os homens aos padrões de prestígio. Segundo Labov (2001), as mulheres tendem a preferir o emprego de uma variante mais prestigiada em casos de mudança vinda de cima (*change from above*), enquanto que,

nos casos de mudança vinda de baixo (*change from below*), elas lideram a propagação de uma forma não padrão. Mais especificamente no contexto de acomodação dialetal, dentro do Brasil, Bortoni-Ricardo (2011 [1985]) verificou que as mulheres produziam com menos frequência determinadas variantes prestigiadas (como a concordância verbo-nominal com a 1ª e a 3ª pessoas do plural) por conta de seu pouco contato com a cultura dominante fora da esfera privada. No presente estudo, não se espera o mesmo resultado obtido por Bortoni-Ricardo, porque a configuração das redes é distinta entre um trabalho e outro (nem todas as migrantes sergipanas são donas de casa, e muitas delas têm vários contatos fora do círculo familiar). A hipótese aqui é que as mulheres estejam mais acomodadas, isto é, estejam produzindo com mais frequência que os homens as variantes paulistanas, justamente porque estas são as que têm mais prestígio em São Paulo.

Analisar a possível correlação da faixa etária com os padrões linguísticos de um determinado grupo de falantes também é algo bastante frequente nos estudos de sociolinguística. Através dessa variável, é possível averiguar se a variação em foco é estável ou é indício de uma mudança em progresso (LABOV, 2001). Para um estudo de acomodação dialetal como este, afirmar que a fala dos migrantes mais velhos corresponde à fala de anos atrás não é plausível, justamente porque se trata de migrantes que, hipoteticamente, estão mudando a sua pronúncia na nova localidade. Dessa maneira, a intenção em testar essa variável não está na justificativa de verificar se existe uma mudança aparente, mas apenas de observar se há diferenças entre os sujeitos mais velhos e os mais novos. Baseando-se em estudos como os de Labov em Martha's Vineyard (2008 [1972]) e em Nova Iorque (2008 [1966]) e o de Marques (2006) no Rio de Janeiro, a hipótese aventada é que os mais novos estejam mais acomodados que os mais velhos, em razão de tais pesquisas indicarem que os jovens tendem a privilegiar as pronúncias mais inovadoras. No caso de uma pesquisa sobre a fala de migrantes, a variante inovadora é a que se observa no dialeto da nova localidade.

Alves (1979) analisou as atitudes de 116 migrantes nordestinos (baianos e pernambucanos) residentes em São Paulo em relação às pronúncias paulista, baiana e pernambucana. Sua intenção era descobrir se esses migrantes tinham uma atitude mais positiva ou negativa em relação à fala paulista. Por meio de uma amostra estratificada por algumas variáveis, entre elas, o *nível social* do participante (alto ou baixo), Alves “constatou que os falantes de nível socioeconômico baixo têm atitudes positivas quanto às variedades paulistas, ao passo que os falantes de nível alto tendem a atitudes mais

favoráveis quanto às variedades nativas” (OUSHIRO, 2016: 6). Ademais, ela também aventou a hipótese de que os falantes de nível baixo tenderiam a “se camuflar linguisticamente” (OUSHIRO, 2016: 6) ao apropriar-se das características linguísticas de São Paulo. No entanto, essa indagação ficou como algo a ser estudado posteriormente. A presente pesquisa, inspirada nessa hipótese, testa a possível correlação entre a escolaridade dos migrantes sergipanos e suas taxas de acomodação, com a expectativa de que os menos escolarizados (correspondentes aos falantes de *nível baixo* de Alves (1979)) estejam mais acomodados à fala paulistana, justamente por questão de insegurança linguística, em relação aos mais escolarizados.

A variável *proporção de vida em São Paulo* segue a mesma lógica depreendida com a idade do migrante, portanto, espera-se que o informante que tenha vivido a maior parte da sua vida em São Paulo apresente uma acomodação maior à pronúncia paulistana. O cálculo dessa variável é realizado por meio da divisão entre o número de anos que o falante está morando em São Paulo e sua idade:

$$\text{proporção de vida em SP} = \frac{\text{número de anos que está em São Paulo}}{\text{idade do migrante}}$$

Tabela 8: Relação dos valores de proporção de vida em São Paulo para cada migrante

Rede	Informante	Proporção de vida em SP
1	ElianaL	0,7
	JoanaT	0,62
	JoaquimS	0,62
	JonasS	0,5
	JorgeN	0,63
	JulioL	0,6
	MartaL	0,62
	NilsaL	0,45
	ReginaL	0,63
	RitaL	0,63
	RobertoS	0,45
	RodrigoL	0,57
	RoseS	0,5
	RuthT	0,66
	TelmaN	0,66
	VivianeS	0,75
2	AlexandreS	0,44
	CarlaB	0,4
	EleonorB	0,62

EmersonS	0,7
JoãoS	0,41
LeandroB	0,9
LucasB	0,71
LucianaM	0,67
PedroB	0,78
ReinaldoB	0,49
VandaR	0,71

A escolha pela proporção e não apenas pelo número de anos que o falante está na nova cidade se deu porque o número de anos pode dar uma impressão errônea acerca do migrante. Por exemplo, vamos imaginar duas pessoas com idades diferentes, uma com 18 anos e outra com 40, sendo que a primeira migrou há 9 anos e a segunda há 20. Dessa maneira, a impressão que temos é que quem está há 20 anos em São Paulo, possui uma maior probabilidade de estar mais acomodada⁴⁹ do que a que migrou há apenas 9. No entanto, não percebemos, somente por estes números, que quem está em São Paulo há 9 anos só viveu em Sergipe também durante 9 anos, ou seja, um período menor que o do outro migrante. Em resumo, é possível dizer que comparar tais pessoas a partir da perspectiva da proporção de vida significa levar em conta tanto os anos vividos no estado natal quanto os vividos no estado atual.

⁴⁹ Hipoteticamente falando, sem levar em consideração o peso de outras variáveis.

Capítulo 4:

A fala de migrantes sergipanos em São Paulo: aspectos quantitativos acerca de suas vogais médias pretônicas

A partir das 27 entrevistas sociolinguísticas realizadas com migrantes sergipanos residentes em São Paulo e em sua região metropolitana, este capítulo traz diferentes recortes de análises quantitativas. Em um deles, apenas a amostra dos sergipanos é levada em conta, porque o principal objetivo da pesquisa é descrever a fala dos migrantes e não a dos paulistanos e nem a dos sergipanos que ainda residem em Sergipe. No outro recorte, por sua vez, em situações de comparação, as amostras SP2010 e SE-2012 são incluídas nos testes estatísticos. O primeiro se refere aos aspectos linguísticos e sociais levando-se em conta a amostra como um todo, sem considerar as redes como grupos distintos. As variáveis linguísticas foram discutidas no capítulo anterior e as sociais são as prototípicas de um estudo laboviano, a saber: sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. O modo como a amostra dos migrantes foi coletada impossibilita uma análise mais acurada de tais aspectos sociais (uma vez que o principal interesse da pesquisa é averiguar a importância das redes sociais na variação da fala desses migrantes e não o papel de tais categorias macrosociais); no entanto, alguns modelos foram criados com o intuito de testar correlações entre essas categorias mais abrangentes e a variável em foco.

O segundo recorte de análises diz respeito justamente à relevância das redes sociais dos migrantes e do sujeito no padrão de variação de sua fala. Nessa etapa, portanto, as redes são consideradas nos modelos estatísticos, assim como os indivíduos (cujas análises são apresentadas no capítulo 5). Nesse sentido, os testes estatísticos mostram se, de fato, uma rede mais aberta ou mais fechada tende a estar correlacionada com a produção de vogais mais altas ou mais baixas na fala dos migrantes aqui entrevistados e, também, se as características individuais dos mesmos são relevantes para compreender esse fenômeno.

1. Análises das variáveis linguísticas

O capítulo anterior discutiu cinco variáveis que, hipoteticamente, são preditoras do abaixamento da vogal média pretônica:

- i) F1 normalizado da vogal da sílaba seguinte à pretônica (variável numérica);
- ii) contexto fônico precedente (dental-alveolar, labial, velar, palatal, sibilante e vibrante);
- iii) contexto fônico seguinte (dental-alveolar, labial, velar, palatal, sibilante e vibrante);
- iv) distância em relação à vogal tônica (1 a 5 sílabas, também numérica);
- v) tipo da sílaba pretônica (CV, CCV, CCVs, CVr, CVs).

Com o objetivo de testar a relevância de cada uma dessas variáveis linguísticas, criaram-se modelos de regressão linear, tanto para a vogal /e/ quanto para /o/. A regressão linear pode ser definida como um método que permite modelar e explicar a relação entre uma variável dependente, por um lado, e uma ou mais variáveis independentes, por outro⁵⁰ (Levshina, 2015). Nos modelos, podem ser incluídas diversas variáveis independentes, de modo que se verifique o melhor modelo explicativo dos padrões de variação. Nesse sentido, e a partir de um modelo de regressão linear em que o informante e o item lexical foram incluídos como variáveis aleatórias⁵¹, calcularam-se as estimativas, os erros padrões e os valores de significância das variáveis linguísticas elencadas acima.

Nos modelos a seguir, apenas os dados dos migrantes são analisados, tal como se observou anteriormente. Primeiramente, apresentam-se os resultados obtidos para a vogal /e/, a partir de um modelo em que todas as variáveis linguísticas acima foram incluídas:

⁵⁰ “Regression analysis is a method that allows one to explain and model the relationship between the response (dependent) variable, on the one hand, and one or more explanatory (independent) variables, on the other hand” (LEVSHINA, 2015: 139).

⁵¹ Segundo Levshina (2015) e Oushiro (2017b), os efeitos aleatórios são os agrupados da população utilizada na amostra. Ou seja, se outros informantes e outras palavras estivessem sendo testados nesses modelos, seus efeitos poderiam não ser os mesmos que os que estão sendo apresentados aqui. Em outras palavras, pode-se dizer que os efeitos fixos são os que podem ser replicados entre as diferentes pesquisas (como valor de F1, tipo de sílaba, etc.) e os aleatórios são aqueles que mudam de estudo para estudo (informante, palavra, etc.).

Tabela 9: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica na fala dos migrantes da amostra SESP-2016, de acordo com as variáveis linguísticas (N = 3119)⁵²

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
(Intercept)	298,743	7,685	38,872	< 0,001 ***
F1.SIL.SEG	0,264	0,016	16,784	< 0,001 ***
CONT.PREClabial	3,042	2,469	1,232	0,219
CONT.PRECpalatal.sibilante	-3,996	2,727	-1,465	0,144
CONT.PRECvelar	0,938	6,349	0,148	0,883
CONT.PRECvibrante	4,065	2,708	1,501	0,134
CONT.SEGlabial	-4,578	3,281	-1,395	0,175
CONT.SEGpalatal.sibilante	-10,041	2,983	-3,366	< 0,001 ***
CONT.SEGvelar	-4,210	3,100	-1,358	0,175
CONT.SEGvibrante	0,565	3,242	0,174	0,862
DIST.TONICA	-2,305	1,366	-1,687	0,092 .
ESTR.SIL.PRETCCVs	11,099	10,048	1,105	0,269
ESTR.SIL.PRETCV	3,225	3,066	1,052	0,293
ESTR.SIL.PRETCVr	1,035	4,265	0,243	0,808
ESTR.SIL.PRETCVs	-0,451	5,151	-0,088	0,930

Na primeira coluna da Tabela 9, aparecem as variantes das variáveis fixas (isto é, os níveis do *Contexto fônico precedente*, do *Contexto fônico seguinte*, da *Distância em relação à vogal tônica*, e assim por diante⁵³), sendo que *Intercept* é o termo que se refere ao valor de referência estabelecido nessa análise, que é o valor de F1 estimado para a vogal /e/ pretônica quando existe uma consoante dental-alveolar em seu contexto precedente e seguinte, quando o F1 da vogal da sílaba seguinte é igual a zero, quando está a 1 sílaba de distância da tônica e se encontra numa sílaba do tipo CCV⁵⁴. Esse valor – 298,743 Hz⁵⁵ – aparece na primeira linha da segunda coluna da tabela, que traz as estimativas de F1, em Hz, obtidas pelo modelo para cada uma das variantes. Nesse sentido, a estimativa de valor médio de F1 da vogal /e/ para os migrantes sergipanos é de 301,785 Hz (298,743 + 3,042) quando ela está numa sílaba, do tipo CCV, em que o contexto fônico precedente é labial, o seguinte é dental-alveolar, está a 1 sílaba de distância da tônica e quando o F1 da vogal da sílaba seguinte é igual a zero⁵⁶ (observar

⁵² Os resultados das Tabelas 9, 11, 12 e 14 foram extraídos de modelos que seguem essa configuração: $\text{lmer}(F1.NORM \sim F1.SIL.SEG + CONT.PREC + CONT.SEG + DIST.TONICA + ESTR.SIL.PRET + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), \text{data} = \text{vogal.e/o.redes})$.

⁵³ A variável F1 da vogal da sílaba seguinte não tem seus níveis discriminados na tabela porque se trata de uma variável numérica.

⁵⁴ Isso foi automaticamente estabelecido pela plataforma R, por ordem alfabética e numérica. Nesse sentido, a consoante dental-alveolar é tomada como referência porque a letra “d” vem antes de “l” (de labial); o número 1, da distância em relação à tônica, vem antes do 2; e assim sucessivamente.

⁵⁵ É importante lembrar que essa estimativa se refere a um valor normalizado e que foi calculada a partir da soma de uma série de variáveis (como a própria tabela mostra). Nesse sentido, não é correto interpretar esse número como um valor de formante correspondente a /i/.

⁵⁶ Note-se que, em relação ao valor do *intercept*, apenas uma variante mudou, a saber, “labial” como contexto precedente.

a terceira linha). Todas as linhas que aparecem abaixo do *intercept* devem ser lidas (e somadas) em relação a ele. A segunda linha traz a estimativa para o F1 da vogal da sílaba seguinte e, em termos numéricos, esse resultado pode ser lido do seguinte modo: a cada unidade de *F1 da vogal da sílaba seguinte* (ou seja, 1 Hz), estima-se que o valor de *F1 da vogal pretônica* aumente em 0,264 Hz (a relação é de adição e não de subtração porque o coeficiente é positivo e não negativo). Na terceira coluna aparece o valor do erro padrão, “uma medida de dispersão que dá indícios de quão precisa é a estimativa. Quanto maior o valor do erro padrão, maior é a variabilidade nas medições” (OUSHIRO, 2016: 42). O valor de *t*, por sua vez, que aparece na quarta coluna, é utilizado para calcular o valor de significância (*p*), que por sua vez mede a probabilidade de se observar tais valores estimados no caso de a hipótese nula⁵⁷ ser verdadeira (OUSHIRO, 2016). Geralmente, o valor de 0,05 (isto é, 5%) é estabelecido para rejeitar ou aderir à hipótese nula nas análises em ciência humanas (GRIES, 2013): quando *p* é menor que 0,05, a hipótese nula é rejeitada (ou seja, no nosso caso, é muito baixa a probabilidade de observar tais valores se a hipótese nula fosse verdadeira, ou, em outras palavras, é muito baixa a probabilidade de que os valores observados sejam produto da aleatoriedade).

A Tabela 9 indica, então, que há uma correlação entre o valor normalizado de F1 da vogal da sílaba seguinte e o da vogal /e/ pretônica, o que, de certo modo, era esperado, pois é indicativo de harmonia vocálica – um processo fonológico que, tal como se revê no capítulo 1, é linguisticamente relevante para a pronúncia de vogais pretônicas, de maneira geral. Quanto mais alto é o valor de F1 da vogal da sílaba seguinte mais alto será o valor de F1 da vogal pretônica /e/. Chega-se a essa conclusão, portanto, ao se observar o valor de *p*, na última coluna da segunda linha ($p < 0,001$).

⁵⁷ A hipótese nula, no nosso caso, significa que não há diferenças significativas entre os valores médios de F1 da vogal /e/ a depender das diferentes variantes linguísticas.

Figura 13: Gráfico de efeitos sobre a relação entre os valores normalizados de F1 da vogal pretônica e os da vogal da sílaba seguinte

A Figura 13 ilustra, portanto, a harmonia vocálica observada entre a vogal pretônica /e/ e a vogal da sílaba seguinte: a reta inclinada mostra que quanto maior o valor⁵⁸ de F1 da vogal da sílaba seguinte (eixo *x*), maior será o F1 da vogal pretônica (eixo *y*). No eixo *x* também aparece a concentração dos dados: as riscas verticais estão majoritariamente entre os 300 e 450 Hz, valores fora dos quais aparecem os casos que se podem chamar de “valores atípicos”.

O modelo (Tabela 9) mostra ainda que existe diferença entre o valor de referência (consoante dental-alveolar) e a palatal sibilante, em termos de segmento seguinte à vogal: o valor de F1 da pretônica tende a ser menor quando ela é seguida por uma consoante palatal sibilante (como em “*dẽcente*”). O fato de o contexto adjacente à vogal ter correlação com a variação de F1 da vogal pretônica converge com os resultados de Oushiro (2016), mas no caso dos paraibanos em São Paulo, são as vibrantes que favorecem o abaixamento de /e/, em contexto precedente.

Finalmente, no que diz respeito a esse modelo, constatamos que nem a distância da pretônica em relação à sílaba tônica, nem a estrutura da sílaba pretônica são variáveis preditoras da variação de F1 da pretônica /e/ na fala desses migrantes sergipanos.

Nesse primeiro modelo, a interação entre o contexto precedente e o seguinte não foi incluída, mas seu teste não deixa de ser interessante para a proposta de análise que aqui está sendo desenvolvida. Sendo assim, outro modelo foi criado com a inclusão de

⁵⁸ Sempre que F1 for mencionado no texto, a referência é em relação ao seu valor normalizado, mesmo que não esteja escrito explicitamente. Com exceção da seção 2, e somente dela, desse mesmo capítulo, alguns valores não normalizados são apresentados em gráficos específicos.

tal interação; mas, antes disso, foi necessário averiguar se havia ortogonalidade entre as variáveis:

Tabela 10: Cruzamento entre as variáveis “Contexto fônico precedente” e “Contexto fônico seguinte” em relação à vogal /e/

		Contexto Seguinte				
		Dental-alveolar	Labial	Palatal-sibilante	Velar	Vibrante
Contexto Precedente	Dental-alveolar	18	164	98	140	138
	Labial	88	10	246	136	772
	Palatal-sibilante	60	91	38	224	257
	Velar	0	6	41	0	21
	Vibrante	74	93	200	182	3
<i>Depois da recategorização</i>						
Contexto Precedente	Dental-alveolar	117	179	196	311	-
	Labial	461	10	246	535	-
	Palatal-sibilante	114	91	38	427	-
	Velar	63	84	143	85	-
	Vibrante	-	-	-	-	-

A Tabela 10 mostra que, no *corpus*, não existem palavras cujo contexto fônico precedente à vogal média pretônica /e/ é preenchido por uma velar e o seguinte por uma dental-alveolar, assim como não há vocábulos em que a vogal pretônica é antecedida e seguida por uma velar. Com o intuito de eliminar essas células vazias, optou-se por recategorizar o grupo das vibrantes, de modo que a variante aspirada passou a ser classificada como velar e a vibrante anterior (tepe) foi colocada no grupo das dentais-alveolares. A nova configuração ainda não é a ideal, pois algumas células têm um número muito superior de dados em relação a outras, mas essa foi a melhor organização possível dentro dos limites do *corpus*.

Tabela 11: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica na fala dos migrantes da amostra SESP-2016, de acordo com as variáveis linguísticas e com interações (N = 3119)⁵⁹

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
(Intercept)	301,797	7,375	40,922	< 0,001	***
F1.SIL.SEG	0,261	0,016	16,669	< 0,001	***
CONT.PREClabial	3,912	4,193	0,933	0,351	
CONT.PRECpalatal.sibilante	1,935	5,003	0,387	0,699	
CONT.PRECvelar	8,992	5,716	1,573	0,116	
CONT.SEGlabial	-2,521	4,462	-0,565	0,572	

⁵⁹ Os modelos com interação seguem a fórmula: $\text{lmer}(F1.NORM \sim F1.SIL.SEG + \text{CONT.PREC} * \text{CONT.SEG} + \text{DIST.TONICA} + \text{ESTR.SIL.PRET} + (1|\text{INFORMANTE}) + (1|\text{PALAVRA}), \text{data} = \text{vogal.e/o.redes})$.

CONT.SEGpalatal.sibilante	-9,976	4,183	-2,385	0,017	*
CONT.SEGvelar	0,890	4,217	0,211	0,832	
DIST.TONICA	-2,389	1,360	-1,756	0,080	.
ESTR.SIL.PRETCCVs	13,335	10,089	1,322	0,186	
ESTR.SIL.PRETCV	-0,840	3,023	-0,278	0,781	
ESTR.SIL.PRETCVr	2,339	4,109	0,569	0,570	
ESTR.SIL.PRETCVs	-4,740	5,925	-0,800	0,424	
CONT.PREClabial:CONT.SEGlabial	-14,289	12,087	-1,182	0,238	
CONT.PRECPalatal.sibilante:CONT.S EGlabial	-1,677	7,824	-0,214	0,830	
CONT.PRECvelar:CONT.SEGlabial	-5,328	7,602	-0,701	0,484	
CONT.PREClabial:CONT.SEGpalatal. sibilante	7,012	5,841	1,200	0,231	
CONT.PRECPalatal.sibilante:CONT.S EGpalatal.sibilante	-8,857	7,824	-1,132	0,258	
CONT.PRECvelar:CONT.SEGpalatal. sibilante	-2,760	7,271	-0,380	0,704	
CONT.PREClabial:CONT.SEGvelar	-4,538	5,449	-0,833	0,405	
CONT.PRECPalatal.sibilante:CONT.S EGvelar	-11,330	6,254	-1,812	0,071	.
CONT.PRECvelar:CONT.SEGvelar	-6,990	7,366	-0,949	0,343	

Com a inclusão das interações entre as variáveis *Contexto fônico precedente* e *Contexto fônico seguinte*, os resultados não mudam para a vogal /e/, em relação ao primeiro modelo: apenas a variante palatal-sibilante em contexto seguinte (e a dental-alveolar em contexto precedente) tende a baixar o valor de F1 da vogal (tornando-a mais alta), em palavras como, por exemplo, “dezembro” e “descendo”. Quanto ao abaixamento de /e/, somente o valor de F1 da vogal da sílaba seguinte tem um papel relevante nos dois modelos.

Em relação à vogal /o/, a Tabela 12 mostra que, aqui também, há correlação entre o valor de F1 da vogal pretônica e o valor de F1 da vogal da sílaba seguinte (tal como no caso da vogal /e/: quanto mais alto é o F1 da vogal seguinte, mais alto é o F1 da vogal pretônica /o/).

Tabela 12: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes da amostra SESP-2016 de acordo com as variáveis linguísticas (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
(Intercept)	274,112	14,088	19,457	< 0,001	***
F1.SIL.SEG	0,329	0,025	12,880	< 0,001	***
CONT.PREClabial	0,713	3,777	0,189	0,850	
CONT.PRECpalatal.sibilante	-11,066	4,760	-2,324	0,020	*
CONT.PRECvelar	6,344	3,947	1,607	0,109	
CONT.PRECvibrante	2,706	7,133	0,379	0,704	
CONT.SEGlabial	9,948	4,051	2,455	0,014	
CONT.SEGpalatal.sibilante	-0,173	5,184	-0,033	0,973	
CONT.SEGvelar	12,105	4,590	2,637	0,009	**
CONT.SEGvibrante	13,622	3,980	3,423	0,001	***
DIST.TONICA	-3,199	2,353	-1,359	0,175	
ESTR.SIL.PRETCCVs	17,526	35,347	0,496	0,620	
ESTR.SIL.PRETCV	5,300	7,751	0,684	0,494	
ESTR.SIL.PRETCVr	3,349	8,757	0,382	0,702	
ESTR.SIL.PRETCVs	13,688	11,018	1,242	0,215	

Diferentemente do que se observou para /e/, há diferença significativa entre o valor de referência (dental-alveolar, pelo critério alfabético) e a palatal sibilante, em termos de segmento precedente à pretônica /o/: diante de uma palatal sibilante, a tendência é que o valor de F1 diminua (como em “*isolado*”). Já em relação ao contexto seguinte, existe diferença significativa entre a dental-alveolar e a velar, e entre a dental-alveolar e a vibrante: quando seguida por consoantes velares ou vibrantes, tendem a aumentar o valor de F1 da pretônica /o/ (como em “*tocar*” e “*adorava*”).

Assim como no caso de /e/, as variáveis *Distância da tônica* e *Estrutura da sílaba pretônica* não se correlacionam à variação da pronúncia da pretônica /o/ na fala desses migrantes sergipanos. Isso significa que não faz diferença para a variação da pronúncia de /o/ pretônico a sua distância da sílaba tônica, nem o tipo de sílaba na qual se encontra. Tais resultados também convergem com as análises de Oushiro (2016).

Nesse primeiro modelo, bem como vimos no caso de /e/, a interação entre o contexto fônico precedente e o seguinte não foi incluída. Outro modelo, portanto, foi criado com a inclusão dessa interação; novamente, foi necessário averiguar se havia ortogonalidade entre as variáveis.

Tabela 13: Cruzamento entre as variáveis “Contexto fônico precedente” e “Contexto fônico seguinte” em relação à vogal /o/

		Contexto Seguinte				
		Dental-alveolar	Labial	Palatal-sibilante	Velar	Vibrante
Contexto Precedente	Dental-alveolar	41	111	7	61	348
	Labial	93	14	37	22	486
	Palatal-sibilante	27	28	6	29	55
	Velar	74	89	174	7	70
	Vibrante	18	59	13	33	1
<i>Depois da recategorização</i>						
Contexto Precedente	Dental-alveolar	75	157	17	413	-
	Labial	485	14	37	116	-
	Palatal-sibilante	72	28	6	39	-
	Velar	108	102	177	57	-
	Vibrante	-	-	-	-	-

No caso de /o/, não há células vazias, mas há apenas uma palavra cujos contextos precedente e seguinte à vogal pretônica são preenchidos por uma vibrante. Além disso, outras células têm poucos dados (números em vermelho). Assim como no caso de /e/, recategorizou-se o grupo das vibrantes, de modo que a variante aspirada foi colocada no grupo das velares e o tepe no grupo das dentais-alveolares. Na segunda parte da tabela, ainda vemos que algumas células têm um baixo número de ocorrências, mas, dentro das circunstâncias, a recategorização proporciona um cenário mais plausível para as análises.

Tabela 14: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica na fala dos migrantes da amostra SESP-2016, de acordo com as variáveis linguísticas e com interações (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
(Intercept)	271,946	13,009	20,904	< 0,001	***
F1.SIL.SEG	0,335	0,026	13,014	< 0,001	***
CONT.PREClabial	12,486	5,939	2,102	0,036	*
CONT.PRECpalatal.sibilante	7,209	8,006	0,900	0,369	
CONT.PRECvelar	13,811	6,812	2,028	0,043	*
CONT.SEGlabial	5,394	6,723	0,802	0,423	
CONT.SEGpalatal.sibilante	17,274	11,052	1,563	0,119	
CONT.SEGvelar	18,503	6,500	2,846	0,005	**
DIST.TONICA	-2,426	2,378	-1,020	0,308	
ESTR.SIL.PRETCV _s	0,932	36,174	0,026	0,979	
ESTR.SIL.PRETCV	2,311	5,396	0,428	0,668	
ESTR.SIL.PRETCV _r	5,376	6,531	0,823	0,411	
ESTR.SIL.PRETCV _s	12,789	9,712	1,317	0,189	
CONT.PREClabial:CONT.SEGlabial	16,750	14,882	1,125	0,261	
CONT.PRECpalatal.sibilante:CONT.	-8,723	11,525	-0,757	0,449	

SEGlabbial					
CONT.PRECvelar:CONT.SEGlabial	2,633	9,178	0,287	0,774	
CONT.PREClabbial:CONT.SEGpalatal.sibilante	-23,544	13,308	-1,769	0,077	.
CONT.PRECpalatal.sibilante:CONT.SEGpalatal.sibilante	-68,736	20,601	-3,337	< 0,001	***
CONT.PRECvelar:CONT.SEGpalatal.sibilante	-23,522	7,936	-2,020	0,044	*
CONT.PREClabbial:CONT.SEGvelar	-26,677	13,204	-2,964	0,003	**
CONT.PRECpalatal.sibilante:CONT.SEGvelar	-29,179	11,205	-2,604	0,010	**
CONT.PRECvelar:CONT.SEGvelar	-19,058	9,434	-2,020	0,044	*

Os resultados da Tabela 14 diferem um pouco do primeiro modelo para a vogal /o/. Com a recategorização das variáveis, algumas variantes que antes não se revelaram significativas para a variação da pronúncia de /o/, agora o são. Quando o contexto fônico precedente à vogal é uma labial ou uma velar (e o seguinte é uma dental-alveolar, lembrando-se do *intercept*), a tendência é que /o/ seja mais baixo (valor de F1 mais alto), por exemplo, em palavras como “*morar*” e “*coração*”, respectivamente. A variante palatal-sibilante, em contexto precedente, não se mostra significativamente relevante, dessa vez ($p = 0,369$). Em relação ao contexto seguinte, são as velares que tendem a baixar a vogal (em palavras como “*tocar*” e “*local*”, por exemplo). Quanto aos casos de interação, 5 deles são relevantes para a variação na pronúncia de /o/, de modo que tais casos favorecem a produção de valores mais baixos de F1 (e não de valores mais altos). Contudo, a estimativa para a vogal /o/ quando tanto o contexto fônico precedente quanto o seguinte têm uma palatal-sibilante foi obtida a partir de um baixíssimo número de palavras (apenas 6), de modo que o erro padrão é elevado (20,601). O mesmo ocorre quando o contexto precedente é uma palatal-sibilante e o seguinte é uma velar: há apenas 39 palavras com essa estrutura e isso pode estar influenciando sua estimativa (-29,179 em relação ao *intercept*). Em suma: nenhuma interação está correlacionada ao abaixamento da vogal pretônica /o/ na fala desses migrantes.

De maneira geral, esses resultados indicam que os padrões para a pronúncia de /o/ são um pouco mais complexos, linguisticamente, do que aqueles observados para a pronúncia de /e/ – visto que há mais fatores linguísticos preditores da variação nesse caso. Entretanto, viu-se que, para ambas as vogais, o F1 da pretônica se harmoniza com o F1 da sílaba seguinte – o que parece ser o padrão mais geral, considerando-se o tamanho da amostra de falantes.

1.2 Sexo/gênero, Faixa etária e Escolaridade

As variáveis sociais *Sexo/gênero*, *Faixa etária* e *Escolaridade* não estratificaram a amostra, dado o interesse central na pesquisa: verificar se há ou não correlação entre a configuração das redes sociais dos migrantes e o padrão de variação na sua fala. No entanto, tais análises não deixam de ser pertinentes para o processo de acomodação dialetal dos migrantes, tal como se discutiu, no capítulo 2, quando da descrição das pesquisas sobre o tema. Dessa forma, testes foram feitos no sentido de averiguar possíveis correlações entre essas variáveis e a pronúncia das vogais médias pretônicas na fala dos migrantes sergipanos.

Para *Faixa etária*, criaram-se 2 grupos, pois a maioria dos falantes da amostra se concentra na faixa dos 40 anos de idade. Agrupar os migrantes dessa maneira pareceu a maneira mais conveniente de testar essa variável.

Em relação a *Escolaridade*, apenas uma informante tem formação no ensino superior (CarlaB); obviamente, não faria sentido propor um “grupo” com apenas um falante e ela foi inserida naquele dos que têm ensino médio completo.

Tabela 15: Distribuição dos migrantes de acordo com as variáveis *Escolaridade* e *Faixa Etária*

Variável	Variantes	Informantes	N
Escolaridade	Fundamental I	ElianaL; JoanaT; JoaquimS; JonasS; JorgeN; JulioL; LucasB; LucianaM; RobertoS; RoseS; RuthT; TelmaN; VandaR	13
	Fundamental II	EleonorB; JoãoS; PedroB; ReginaL; ReinaldoB; RitaL; VivianeS	7
	Médio (e Superior)	AlexandreS; CarlaB; EmersonS; LeandroB; MartaL; NilsaL; RodrigoL	7
Faixa etária	50 anos ou menos	AlexandreS; CarlaB; EmersonS; JoãoS; JorgeN; LeandroB; LucasB; MartaL; PedroB; ReginaL; ReinaldoB; RitaL; RodrigoL; RuthT; VivianeS	15
	Mais de 50 anos	EleonorB; ElianaL; JoanaT; JoaquimS; JonasS; JulioL; LucianaM; NilsaL; RobertoS; RoseS; TelmaN; VandaR	12

Os resultados extraídos dos modelos estão nas Tabelas 16 e 17 (para /e/ e /o/, respectivamente), que mostram não haver correlação entre sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, de um lado, e a abertura dessas vogais.

Tabela 16: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes de acordo com as variáveis macrosociais (N = 3119)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<i>(Intercept)</i>	-	-	-	-
Sexo/Gênero				
Masculino	0,134	1,866	0,072	0,943
Faixa Etária				
50 anos ou +	2,902	1,792	1,620	0,118
Escolaridade				
Fundamental II	0,082	2,152	0,038	0,970
Médio	-2,97	2,237	-1,330	0,197

Intercept = feminino, menos de 50 anos e fundamental I, respectivamente.

Tabela 17: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com as variáveis macrosociais (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<i>(Intercept)</i>	-	-	-	-
Sexo/Gênero				
Masculino	3,194	2,892	1,105	0,281
Faixa Etária				
50 anos ou +	-0,816	2,962	-0,275	0,785
Escolaridade				
Fundamental II	-1,697	3,595	- 0,472	0,642
Médio	0,779	3,694	0,211	0,835

Intercept = feminino, menos de 50 anos e fundamental I, respectivamente.

Vale questionar, contudo, se na comparação de uma rede com a outra, a relevância do sexo do falante pode ser importante para compreender seu comportamento linguístico⁶⁰. As Tabelas 18 e 19 mostram, então, que não há diferença significativa entre uma mulher da rede 1 e da rede 2, tampouco entre um homem da rede 1 e um da rede 2, tanto para /e/ quanto para /o/, pois observamos os valores 0,188 e 0,387 de *p*, respectivamente, na quarta linha, onde há estimativa das interações testadas. Resumidamente falando, quando se faz o cruzamento da variável *rede* com *sexo/gênero*, os resultados obtidos mostram que essa interação não é relevante.

⁶⁰ Mais detalhes sobre o comportamento das redes são descritas na seção 3 desse capítulo.

Tabela 18: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes de acordo com a variável sexo/gênero e a interação entre rede e sexo (N = 3119)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<i>(Intercept)</i>	310,201	9,811	31,617	< 0,001 ***
REDE 2	2,931	3,606	0,813	0,425
SEXO Masculino	2,991	2,893	1,034	0,311
SEXOMasculino:REDE2	-6,531	-1,356	-1,356	0,188

Modelo: F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + SEXO * REDE + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.e.redes)

Tabela 19: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com a variável sexo/gênero e a interação entre rede e sexo (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<i>(Intercept)</i>	261,746	12,701	20,609	< 0,001 ***
REDE 2	-1,142	4,250	-0,269	0,791
SEXO Masculino	-0,259	3,501	-0,074	0,942
SEXOMasculino:REDE2	5,087	5,745	0,885	0,387

Modelo: F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + SEXO * REDE + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.o.redes)

Uma série de estudos já realizados (CHAMBERS, 1995; LABOV, 2001; CHESHIRE, 2002) mostrou que as mulheres tendem a favorecer o uso das formas mais prestigiadas na comunidade. Na presente pesquisa, pode-se pensar que o prestígio está relacionado à pronúncia menos aberta das vogais, pois esse é o padrão dos falantes paulistanos. Por outro lado, em estudos sobre migrantes, os resultados podem ser diversos. Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), por exemplo, constatou que as mulheres tendem a manter a pronúncia de origem, uma vez que elas ficam mais tempo em casa, desempenhando tarefas domésticas, enquanto os homens interagem mais com os nativos da nova localidade e, desse modo, entram em contato, mais frequentemente, com uma nova pronúncia. Pereira (2010) e Oushiro (2016), por outro lado, não verificaram correlação entre o padrão de fala dos migrantes e a variável sexo/gênero. O resultado dessas últimas pesquisas converge com o que aqui se constata em relação aos migrantes sergipanos. Uma pergunta que pode ser feita é acerca do significado social das vogais /e/ e /o/ para os migrantes sergipanos: será que realmente a pronúncia menos fechada dessas vogais é vista como algo mais prestigiado pelos migrantes e, portanto, se mostra como algo a ser adquirido? Ou, antes, será que os migrantes percebem que, de fato, existe variação na pronúncia de tal segmento na fala dos indivíduos a depender da região onde moram? O capítulo 5, mais adiante, discute com mais detalhes esses aspectos.

No que concerne às outras variáveis sociais, os resultados observados no presente estudo se assemelham também aos de Pereira (2010), que não verificou correlação entre a pronúncia das vogais médias e a faixa etária ou a escolaridade dos informantes.

2. Análises com as amostras paulistana e sergipana

A Figura 14 mostra o posicionamento acústico das cinco vogais pretônicas de ambas as redes de migrantes, da amostra de Sergipe e da amostra paulistana. Os valores de F1 encontram-se no eixo y e os de F2 no eixo x, em ordem decrescente, de modo a possibilitar a visualização do quadro vocálico tal como se convencionou (IPA, 2005/2015). É possível observar a relação entre F1 e a altura da vogal, tal como se reviu no capítulo 1 – as mais altas – /i/ e /u/ – têm valores de F1 mais baixos, enquanto as mais baixas apresentam valores de F1 mais altos. As vogais anteriores – /i/ e /e/ – apresentam também valores de F2 mais altos.

Figura 14: Médias de F1 e de F2 das vogais pretônicas das duas redes e das amostras de Sergipe e de São Paulo

O gráfico das médias não normalizadas permite visualizar uma distribuição variável entre os padrões de acomodação das redes 1 e 2. A linha azul (rede 2), no gráfico à esquerda, está localizada mais acima, comparativamente às outras. As médias obtidas para a rede 1 (linha vermelha) são muito parecidas com aquelas verificadas na

amostra de Sergipe (linha verde), o que poderia indicar que os padrões dos migrantes de tal rede não são muito diferentes dos sergipanos que não saíram do Nordeste. No entanto, o gráfico com as medidas normalizadas não permite dizer que de fato existe uma grande diferença entre as duas redes. Diante da distribuição no gráfico normalizado, as hipóteses discutidas no capítulo 3 parecem não se confirmar, pois as médias da rede 1 e da rede 2 não são muito distintas umas das outras. Esperava-se algo semelhante ao que se observa no gráfico não normalizado: médias de F1 menores para a rede 2, indicando um distanciamento da fala sergipana, e médias de F1 para os integrantes da rede 1 próximas às médias da amostra sergipana, o que indicaria semelhança entre sergipanos que migraram para São Paulo e os que permanecem em Sergipe.

Nessa primeira figura, cotejar os dados normalizados e não normalizados visa a mostrar que a interpretação da variação pode ser muito diferente em cada caso. No entanto, tal como se discutiu no capítulo anterior, os foneticistas (Barbosa & Madureira, 2015; Adank *et al.*, 2004, por exemplo) sugerem enfaticamente que, no tratamento da variação dialetal, trabalhe-se com medidas que passaram por uma normalização. Dessa forma, desse ponto em diante, apresentam-se resultados baseados apenas em valores normalizados, inclusive nas análises estatísticas. Adicionalmente, apresentam-se os resultados dos testes estatísticos referentes às médias não normalizadas no Anexo D.

A Figura 14 mostra as médias de cada amostra, mas visualmente apenas não é possível afirmar se as diferenças entre as amostras são significativas ou não. Com o intuito de investigar tais possíveis diferenças, alguns modelos estatísticos foram criados.

Tabela 20: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica nas três amostras (N = 3952)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)	
Informante como variável aleatória					
(Intercept)	391,914	4,076	96,142	< 0,001	***
SE-2012	8,697	5,652	1,539	0,146	
SESP-2016	3,420	4,129	0,828	0,420	
Informante não incluído como variável aleatória					
(Intercept)	391,701	1,705	229,705	< 0,001	***
SE-2012	8,829	2,126	4,153	< 0,001	***
SESP-2016	3,266	1,674	1,951	0,051	.

Modelos: lmer(F1.NORM ~ AMOSTRA + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data=vogal.e)
lmer(F1.NORM ~ AMOSTRA + (1|PALAVRA), data=vogal.e)

A Tabela 20 apresenta os resultados de dois modelos de regressão linear para a vogal pretônica /e/: em um primeiro momento, as variáveis *Informante* e *Item Lexical* são incluídas como efeitos aleatórios; no segundo caso, apenas o *Item Lexical* se mantém como variável aleatória. De modo esperado, a média para a vogal /e/ dos sergipanos (SE-2012) é maior que a dos paulistanos, nos dois casos, justamente porque aqueles tendem a baixar mais a vogal média pretônica. A estimativa para os migrantes se mantém menor que a dos não migrantes e maior que a dos paulistanos nos dois modelos também. Contudo, vemos que não é significativa a diferença entre as estimativas da amostra paulistana e da dos sergipanos que não migraram (vê-se que o valor de p é 0,146) no modelo em que *Informante* é incluído como variável aleatória. Por outro lado, quando tal variável é retirada do teste estatístico, a diferença entre os paulistanos e os sergipanos não migrantes passa a ser significativa. Esse resultado mostra que a maior parte da variação se deve aos indivíduos e não ao seu local de origem, ou seja, os sujeitos da amostra SE-2012 não representam fielmente a fala dos sergipanos.

A diferença entre as médias de F1 para paulistanos e migrantes sergipanos também não é significativa nos dois casos ($p = 0,420$ e $p = 0,0512$, respectivamente), ou seja, tais migrantes, de maneira geral, se assemelham aos paulistanos, ou, da maneira como estamos elaborando as hipóteses e discussões nessa dissertação, a fala dos sergipanos se acomodou (no sentido de se assemelhar) à pronúncia paulistana da vogal /e/. Tal resultado, portanto, é mais certo que o da amostra SE-2012, justamente porque o valor de significância não se altera a depender da inclusão ou não da variável aleatória.

A Tabela 21 apresenta os valores obtidos pelos modelos de regressão linear para a vogal /o/, seguindo os mesmos critérios de /e/: o primeiro com *Informante* sendo incluída como variável aleatória e o segundo sem essa inclusão. No primeiro caso, nem a estimativa para os sergipanos que não migraram, nem a dos migrantes apresentam diferença significativa em relação à estimativa para os paulistanos. Por outro lado, quando *Informante* deixa de ser incluída como uma variável aleatória, os resultados mudam e ambas as amostras passam a ser consideradas significativamente distintas de SP2010. Diante disso, dois pontos ficam claros: i) as amostras SE-2012 e SP2010 precisam ser ampliadas para que a fala dos sergipanos e dos paulistanos seja representada com maior fidelidade; ii) a variação observada dentro do grupo dos migrantes se deve mais aos informantes e suas particularidades. Com esses modelos

(para /e/ e /o/), portanto, já se pode dizer que o processo de acomodação ocorre de maneira distinta para tais vogais.

Tabela 21: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica nas três amostras (N = 2509)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)	
<i>Informante como variável aleatória</i>					
(<i>Intercept</i>)	398,672	6,462	61,697	< 0,001	***
SE-2012	6,184	9,153	0,676	0,510	
SESP-2016	11,938	6,582	1,814	0,091	.
<i>Informante não incluído como variável aleatória</i>					
(<i>Intercept</i>)	398,619	2,148	185,569	< 0,001	***
SE-2012	6,253	3,083	2,028	0,043	*
SESP-2016	11,287	2,171	5,198	< 0,001	***

Modelos: lmer(F1.NORM ~ AMOSTRA + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data=vogal.o)
 lmer(F1.NORM ~ AMOSTRA + (1|PALAVRA), data=vogal.o)

A Figura 15 traz os quadros vocálicos para mulheres e homens separadamente. Constata-se que as médias de F1 para as mulheres migrantes (rede 1 e rede 2) são menores que as médias para as paulistanas, o que significaria que as migrantes estariam produzindo valores de F1 mais baixos que os das próprias paulistanas. No entanto, devido ao pequeno número de informantes paulistanas utilizadas para essa comparação (apenas 3, tal como vimos no capítulo 3), deve-se considerar que a média das paulistanas, separadamente, não é representativa do padrão da fala das mulheres que nasceram e cresceram na cidade de São Paulo. Também como observamos no capítulo 3, o número de homens paulistanos utilizado para comparar com os sergipanos migrantes não é amplo, trata-se de apenas 4. Contudo, diferentemente do que é constatado através do gráfico das mulheres, os homens migrantes apresentam médias maiores em relação aos paulistanos (gráfico da direita), o que poderia ser interpretado como uma acomodação menor à fala paulistana.

Figura 15: Comparação das médias de F1 e de F2 das vogais pretônicas separadas por sexo/gênero e por amostras

Pelo fato de que os valores dos formantes foram normalizados, de acordo com o método Lobanov, por haver um pequeno número de informantes das amostras SP2010 (4 homens e 3 mulheres) e SE-2012 (3 homens e 3 mulheres), e, ainda, por conta dos resultados dos modelos lineares apresentados acima (Tabela 20 e Tabela 21), decidiu-se que os dados de mulheres e de homens serão considerados, daqui em diante, conjuntamente. Isso significa que nos próximos gráficos e modelos de regressão linear, as análises não separam mulheres e homens.

3. As redes

Até o momento, constatou-se que não é significativa a diferença entre as amostras paulistana e migrante para a vogal /e/ e que, por outro lado, a depender de como o modelo de regressão é criado (com ou sem *Informante* como variável aleatória), é significativa a diferença entre as mesmas para a vogal /o/. O passo seguinte, então, é investigar se há diferenças na produção dessas vogais a depender das redes, ou seja, de sua configuração. De acordo com as hipóteses que aventamos anteriormente, a rede chamada aberta revelaria maior acomodação ao padrão paulistano, ao passo que a fechada se afastaria de tal padrão e, portanto, estaria acomodando-se em menor grau ou simplesmente estaria mantendo o padrão sergipano.

A Tabela 22 resume um modelo de regressão linear para a vogal /e/ quando se comparam as duas redes com a amostra paulistana (o valor de referência – *intercept*). As diferenças entre as estimativas desses grupos são pequenas (3,672 e 2,678, respectivamente), de modo que os informantes da rede 2 tendem a produzir pretônicas /e/ como ligeiramente mais altas que os da rede 1. As diferenças entre as redes e SP2010 não são estatisticamente significativas ($p = 0,409$ e $p = 0,553$) e, portanto, as redes 1 e 2 não se distinguem quanto à taxa de acomodação em relação à vogal média anterior. Sendo assim, entende-se que o fato de uma rede ser mais aberta ou mais fechada não faz diferença no processo de acomodação dessa vogal.

Tabela 22: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 3454)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
(<i>Intercept</i>)	392,163	4,214	93,063	< 0,001 ***
Rede 1	3,672	4,330	0,848	0,409
Rede 2	2,678	4,421	0,606	0,553

Modelo: lmer(F1.NORM ~ REDE2 + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data=vogal.e2)

A Tabela 23 revela que, para a vogal /o/, é significativa a diferença entre as estimativas dos valores médios de F1 para a rede 2 em relação à amostra paulistana ($p = 0,048$). No sentido oposto do que se constatou acima para a vogal /e/, aqui é a rede 1 que tende a pronunciar a vogal /o/ como ligeiramente mais alta (a estimativa de F1 para a rede 2 é 3,295 mais alta que a da rede 1). Diferentemente também do que vimos para /e/, no processo de acomodação dialetal para a vogal posterior pretônica, interessa se o sujeito pertence a uma rede fechada ou aberta, pois os integrantes da rede mais aberta tendem a produzir vogais mais abertas. Nesse sentido, o teste confirma justamente o oposto do que foi aventado pela hipótese inicial: os sujeitos menos acomodados à pronúncia paulistana da vogal /o/ são os da rede 2 e não os indivíduos da rede mais fechada (rede 1).

Tabela 23: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 2272)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
(<i>Intercept</i>)	397,854	6,317	62,984	< 0,001 ***
Rede 1	11,218	6,522	1,720	0,109
Rede 2	14,513	6,686	2,171	0,048 *

Modelo: lmer(F1.NORM ~ REDE2 + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data=vogal.o2)

O que se viu aqui, em resumo, é que tal como foram coletados os dados, não se pode dizer que: i) as redes se diferenciam, no que diz respeito a valores médios de F1

para /e/; ii) os migrantes da rede 2, quanto à vogal /o/, estão menos acomodados em relação aos da rede 1. Diante desse cenário, o próximo passo é averiguar a relevância das variáveis sociais descritas no capítulo 3, de modo a compreender se o índice de vínculo com Sergipe, a proporção de vida em São Paulo e o índice de integração à rede dos migrantes dão pistas acerca do padrão de variação de sua fala.

4. Índice de vínculo com Sergipe

Como vimos no capítulo 3, calcularam-se índices de vínculo com Sergipe a partir de uma média ponderada, de acordo com as respostas dos migrantes às questões do questionário (ver Anexo B) que lhes foi apresentado ao final de suas respectivas entrevistas. Quanto maior esse índice, maior a identificação do migrante com Sergipe. Verificou-se que a grande maioria dos migrantes entrevistados obteve um índice entre 6 e 8 (19 migrantes dentre os 27). O interesse dessa escala é verificar, através de um modelo de regressão, se há correlação entre tal índice e a realização das pretônicas /e/ e /o/ como mais, ou menos, baixas. Assim, se tal modelo fosse criado considerando-se que a grande parte dos dados (os índices calculados) se concentra num pequeno intervalo (6 e 8) e uma pequena parte se concentra em outro, os resultados obtidos seriam questionáveis.

Figura 16: Organização dos migrantes em relação ao índice de vínculo com Sergipe

Os sujeitos circulados na Figura 16 são aqueles que têm um índice entre 6 e 8. Para equilibrar essa distribuição desigual, decidiu-se reagrupar os migrantes em duas categorias de vínculo, de acordo com a Tabela 24:

Tabela 24: Agrupamento dos migrantes de acordo com seu índice de vínculo com Sergipe

Conjunto	Índices	Migrantes	N
1	De 5,11 a 6,94	JoanaT; JoaquimS; JonasS; JorgeN; JulioL; MartaL; ReginaL; RoseS; TelmaN; VivianeS; CarlaB; LucianaM; PedroB; ReinaldoB; VandaR	15
2	De 7,05 a 8,39	ElianaL; NilsaL; RitaL; RobertoS; RodrigoL; RuthT; AlexandreS; EleonorB; EmersonS; JoãoS; LeandroB; LucasB	12

Ainda assim, há menos migrantes na categoria 2 (que agrupa aqueles cujo índice é o mais alto), mas, pelo menos dessa forma, tem-se uma melhor distribuição de migrantes nas duas categorias. Antes dessa recategorização, dois modelos de regressão foram criados para testar a variável como um índice numérico. Esses modelos incluem também as variáveis linguísticas que estão correlacionadas à variação na pronúncia dessas vogais⁶¹ (analisadas na seção 1 desse capítulo), pois os melhores modelos são aqueles que incluem todas as principais variáveis correlacionadas ao fenômeno em estudo⁶². As Tabelas 25 e 26 mostram, portanto, que o índice de vínculo com Sergipe não é uma variável significativa para os valores de F1 tanto de /e/ quanto de /o/.

Tabela 25: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica nas duas redes em relação ao índice de vínculo com Sergipe (N = 3119)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
(Intercept)	405,223	8,223	49,280	< 0,001 ***
INDICE.VINCULO	- 0,666	1,032	- 0,646	0,525

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + INDICE.VINCULO + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data=vogal.e.redes)

⁶¹ Vimos que tais variáveis eram o *F1 da vogal da sílaba seguinte* e os *contextos fônicos precedente e seguinte*.

⁶² Nas tabelas que vêm a seguir, optou-se por não incluir as estimativas das variáveis linguísticas porque elas já foram apresentadas anteriormente.

Tabela 26: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica nas duas redes em relação ao índice de vínculo com Sergipe (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)
(<i>Intercept</i>)	409,198	12,898	31,726	< 0,001 ***
INDICE.VINCULO	0,414	1,679	0,247	0,807

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + INDICE.VINCULO + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data=vogal.o.redes)

A partir da recategorização, criaram-se modelos de regressão linear – para /e/ e outro para /o/ – a fim de testar se há diferença significativa entre os grupos (1 e 2).

A Tabela 27 traz os resultados obtidos por dois modelos para a vogal /e/. No primeiro, o valor de *intercept* corresponde ao grupo de migrantes recategorizados como pertencentes ao nível 1 de vínculo com Sergipe. A diferença entre os conjuntos é bastante pequena e, como se pode ver, não é significativa. No segundo, a comparação é feita com a estimativa dos paulistanos (o *intercept*, nesse caso), com o objetivo de investigar se a diferença continua sendo não significativa. Notamos que os dois grupos aparecem como acomodados à fala paulistana (os valores de *p* ultrapassam os 5%). Desse modo, compreende-se que o índice de vínculo com Sergipe não tem efeito na variação da pronúncia de /e/ - em termos de valores de F1, como temos visto ao longo do capítulo. Isso significa, de acordo com a hipótese aventada nesse trabalho, que o fato desses migrantes se identificarem mais, ou menos, com Sergipe (ou com São Paulo) não tem efeito no seu grau de acomodação à fala paulistana no que toca a /e/.

Tabela 27: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes de acordo com o índice de vínculo com Sergipe (N = 3119)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)
Sem incluir SP2010				
(<i>Intercept</i>)	298,734	6,864	43,519	< 0,001 ***
INDICE.VINCULO 2	-2,542	2,142	-1,187	0,246
Com a inclusão de SP2010⁶³				
(<i>Intercept</i>)	392,164	4,163	94,213	< 0,001 ***
INDICE.VINCULO 1	3,857	4,287	0,900	0,382
INDICE.VINCULO 2	2,515	4,342	0,579	0,571

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + INDICE.VINCULO + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA)⁶⁴, data = vogal.e.redes)

Em relação à vogal /o/, os resultados estão resumidos na Tabela 28. Assim como para /e/, os modelos indicam que não existe uma diferença significativa entre os

⁶³ Nos modelos em que a amostra paulistana é incluída, as variáveis linguísticas deixam de ser incluídas, pois não existe um interesse em descrever os padrões linguísticos dos paulistanos para o presente estudo.

⁶⁴ O *Informante* e o *Item lexical* são incluídos no modelo como efeitos aleatórios.

diferentes grupos de migrantes, definidos com base no seu índice de vínculo com Sergipe. Além disso, não há um grupo que esteja mais ou menos acomodado à fala paulistana, pois as estimativas dos dois são interpretadas como estatisticamente semelhantes à amostra SP2010.

Tabela 28: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com o índice de vínculo com Sergipe (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)	
Sem incluir SP2010					
(Intercept)	273,057	10,839	25,192	< 0,001	***
INDICE.VINCULO 2	0,012	2,658	0,005	0,996	
Com a inclusão de SP2010					
(Intercept)	397,865	6,602	60,262	< 0,001	***
INDICE.VINCULO 1	12,520	6,845	1,829	0,089	.
INDICE.VINCULO 2	12,432	6,916	1,798	0,094	.

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + INDICE.VINCULO + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.o.redes)

Diante desses resultados, decidiu-se testar, separadamente, uma das perguntas do questionário sobre o vínculo do migrante com Sergipe. Tal questão é a número 2, na qual o participante deveria se dar uma nota a respeito do quanto ele se considera paulistano. Essa pergunta foi escolhida porque há uma grande variação nas respostas dos migrantes: as notas atribuídas foram de 1 até 10 para esse quesito. Pelo fato de que algumas notas em específico foram dadas por um número maior de migrantes, optou-se novamente por agrupá-los em três conjuntos diferentes, como a Tabela 29 a seguir ilustra:

Tabela 29: Agrupamento dos migrantes de acordo com a pergunta “o quanto se considera paulistano?”

Conjunto	Notas atribuídas	Migrantes	N
1	De 1 a 4	NilsaL; RitaL; RobertoS; RodrigoL; JoanaT; JulioL; JoãoS; AlexandreS; EmersonS	9
2	5 e 6	EleonorB; JonasS; LeandroB; MartaL; RoseS; PedroB; ReginaL; ReinaldoB	8
3	De 7 a 10	LucianaM; ElianaL; RuthT; VandaR; CarlaB; LucasB; JoaquimS; JorgeN; TelmaN; VivianeS	10

O conjunto 1 engloba os migrantes que se deram as menores notas, ou seja, eles se consideram pouco paulistano. Os participantes do conjunto 3, por sua vez, são aqueles que se consideram muito paulistano, pois se deram entre 7 e 10. A hipótese aqui é que os que se consideram mais paulistanos tendem a apresentar valores menores de F1 tanto para /e/ quanto para /o/.

Tabela 30: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes de acordo com as notas para paulistano (N = 3454)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)	
Sem incluir SP2010					
(Intercept)	300,895	9,204	32,691	< 0,001	***
Conjunto 2	1,790	2,541	0,704	0,490	
Conjunto 3	1,137	2,449	0,464	0,648	
Com a inclusão de SP2010					
(Intercept)	392,175	4,214	93,059	< 0,001	***
Conjunto 1	2,342	4,444	0,527	0,606	
Conjunto 2	4,283	4,481	0,956	0,355	
Conjunto 3	3,332	4,456	0,748	0,467	

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + PAULISTANO + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.e.redes)

Tabela 31: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com as notas para paulistano (N = 2272)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)	
Sem incluir SP2010					
(Intercept)	271,459	10,676	25,427	< 0,001	***
Conjunto 2	0,492	3,367	0,146	0,885	
Conjunto 3	-0,159	3,240	-0,049	0,961	
Com a inclusão de SP2010					
(Intercept)	397,863	6,782	58,667	< 0,001	***
Conjunto 1	12,560	7,188	1,747	0,102	
Conjunto 2	13,121	7,280	1,802	0,093	.
Conjunto 3	11,915	7,199	1,655	0,120	

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + PAULISTANO + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.o.redes)

As Tabelas 30 e 31, referentes às vogais /e/ e /o/, respectivamente, revelam que não existe uma diferença significativa entre os migrantes que se atribuíram uma nota maior, mediana e menor no quesito “o quanto se consideram paulistanos”. Esse resultado se repete nos testes em que a amostra SP2010 foi incluída, o que significa que as estimativas dos diferentes conjuntos não são significativamente distintas da fala paulistana.

Em suma, a orientação identitária do migrante não importa tanto para o padrão de variação de sua fala – pelo menos não para esse grupo de sergipanos e a partir dos índices baseados no questionário aplicado. Esses resultados divergem daqueles obtidos por Carmichael (2014), em seu estudo sobre os processos de variação linguística na região de Nova Orleans depois da destruição causada pelo furacão Katrina, em 2005. Vimos no capítulo 2 que o propósito dela foi investigar se o deslocamento das pessoas teria impulsionado mudanças em seus padrões de fala. Sua conclusão foi que o que importava mais para compreender a variação na fala desses sujeitos era sua “orientação identitária em relação a Nova Orleans” (MENDES, 2017: 121). Em outras palavras, seus dados indicaram “que o movimento físico por lugares diferentes afeta padrões de variação menos do que a relação de identificação de um falante com um lugar” (CARMICHAEL, 2014: 286 apud MENDES, 2017: 121).

Na contramão do que foi concluído por Carmichael, os resultados obtidos com os migrantes sergipanos se somam àqueles obtidos por Bieler da Silva (2015), que também consideramos no capítulo 2, em sua análise de /r/ em Itanhandu (uma cidade sul-mineira, cujos falantes migram para as capitais São Paulo e Rio de Janeiro e, em muitos casos, voltam para sua cidade natal depois de um tempo). Em seu estudo, a autora verificou que não há correlação, na fala dos itanhanduenses, entre a variável *Identificação com Itanhandu* e a pronúncia variável de /r/ (que inclui as variantes tepe e fricativa, além da pronúncia retroflexa, que é “própria” do local, por assim dizer). A autora não elaborou um “índice de itanhanduêsidade” para seus informantes, do modo como se fez aqui, mas os separou em dois grupos a partir da identificação que os sujeitos afirmam ter com sua cidade natal (como vimos no capítulo 2). De um lado, há aqueles que se identificam com a cidade mineira e dela dizem não pretender sair (ou se dela já haviam saído, a ela desejavam retornar). De outro lado, estão aqueles que não se identificam com Itanhandu e que de lá dizem pretender sair (ou, se de lá já saíram, preferiam não ter retornado). Bieler da Silva (2015) esperava que os indivíduos do segundo grupo pronunciassem a coda /-r/ mais frequentemente como tepes e fricativas (as variantes não prototípicas do dialeto sul-mineiro), mas não foi esse o padrão que observou. A variável mais relevante foi o *Tempo fora cidade*, já que importava mais a exposição do informante em relação a outros dialetos.

Os resultados aqui também fazem refletir acerca de como o índice de vínculo com Sergipe foi desenvolvido no presente estudo: será que as perguntas colocadas no questionário de fato são relevantes para determinar o grau de identificação de um

migrante com o seu local de origem? Será que é viável falar em grau de identificação a partir de cálculos matemáticos? O propósito foi tentar lidar com questões subjetivas a partir de um olhar mais objetivo (através de uma média ponderada), no entanto, o que se coloca como reflexão é se efetivamente uma temática tão sutil pode ser abordada por meio de aparatos matemáticos. Uma alternativa interessante seria incluir no questionário perguntas acerca de hábitos cotidianos dos migrantes, como tipo de comida que gosta, preferências musicais, etc., com o intuito de acessar informações que também estão relacionadas ao cultivo de uma rotina mais ou menos sergipana.

5. Proporção de vida em São Paulo

No capítulo 3, vimos que a grande maioria dos migrantes da amostra em foco tem praticamente a mesma proporção de vida em São Paulo – cálculo esse realizado pela divisão entre o número de anos que os sujeitos moram em São Paulo e sua idade. Assim, da mesma forma que foi necessário reagrupar os migrantes de acordo com seu índice de vínculo com Sergipe, no intuito de tornar factível uma análise estatística, o procedimento com a variável *Proporção de vida em São Paulo* foi semelhante. Já se comentou que a amostra não foi construída levando em conta o tempo de vida do migrante em São Paulo, mas essa é uma variável que interessa testar, em termos de correlação com a pronúncia das vogais médias pretônicas. Por meio dela, é possível ter o controle tanto dos anos que o migrante passou fora de São Paulo quanto dos anos que ele reside aqui (dessa perspectiva vem a preferência pela proporção de vida em vez do número de anos em que o falante mora em São Paulo⁶⁵).

A proporção, primeiramente, como vimos no capítulo 3, foi calculada a partir da razão entre a quantidade de anos que a pessoa está morando em São Paulo e sua idade; por exemplo, ReginaL reside em São Paulo há 31 anos e tem 49 de idade, de modo que sua proporção de vida em São Paulo é 0,63 (31/49).

Tabela 32: Agrupamento dos migrantes de acordo com sua “Proporção de vida em São Paulo”

Grupo	Proporções	Informantes	N
1	De 0,34 a 0,57	AlexandreS; CarlaB; JoãoS; JonasS; NilsaL; ReinaldoB; RobertoS; RodrigoL; RoseS	9
2	De 0,6 a 0,67	EleonorB; JoanaT; JoaquimS; JorgeN; JulioL; LucianaM; MartaL; ReginaL; RitaL; RuthT; TelmaN	11

⁶⁵ Cf. capítulo 3.

3	De 0,7 a 0,9	ElianaL; EmersonS; LeandroB; LucasB; PedroB; VandaR; VivianeS	7
---	--------------	---	---

A Tabela 32 mostra que os migrantes foram divididos em 3 grupos, de forma que cada um, ainda que tenham poucos informantes cada, tem quantidades comparáveis de pessoas. O maior conjunto é o 2, com 11 informantes, e se somarmos esse número à quantidade de sujeitos do grupo 3, vemos que dois terços dos migrantes da amostra estão em São Paulo mais da metade da vida.

Tabela 33: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /e/ pretônica na fala dos migrantes, de acordo com sua proporção de vida em São Paulo (N = 3119)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)	
Sem incluir SP2010					
(Intercept)	312,763	9,742	32,105	< 0,001	***
PROP.SP2	1,437	2,221	0,647	0,524	
PROP.SP3	-5,471	2,487	-2,200	0,038	*
Com a inclusão de SP2010					
(Intercept)	392,194	3,572	109,798	< 0,001	***
PROP.SP1	3,755	3,773	0,995	0,338	
PROP.SP2	5,365	3,745	1,433	0,175	
PROP.SP3	-0,534	3,855	-0,139	0,892	

Modelo: $\text{lmer}(F1.NORM \sim F1.SEG.NORM + \text{CONT.PREC} + \text{CONT.SEG} + \text{PROP.SP} + (1|\text{INFORMANTE}) + (1|\text{PALAVRA}), \text{data} = \text{vogal.e.redes})$

Os modelos para a vogal /e/ (Tabela 33) apontam para dois aspectos: enquanto que o primeiro mostra que existe uma diferença significativa entre o grupo 1 (valor do *intercept*) e o 3, o segundo diz que nenhum dos grupos se distancia significativamente da estimativa da amostra paulistana. O segundo modelo, então, esclarece que não importa se o migrante está em São Paulo a maior parte da sua vida ou não, pois todos os grupos estão acomodados à variante paulistana, em menor ou maior grau. A diferença só é significativa dentro da própria amostra dos migrantes sergipanos, de maneira que os sujeitos do grupo 3 (os que estão em São Paulo a maior parte de sua vida) tendem a produzir a vogal /e/ relativamente mais alta.

Já os modelos para a vogal /o/ revelam o oposto do que vimos para a vogal /e/: sem a inclusão da amostra paulistana, observa-se que não existe uma diferença significativa entre os grupos; contudo, quando a comparação é feita com SP2010, o teste assinala que os indivíduos dos grupos 1 e 3 não estão acomodados à vogal /o/ paulistana ($p = 0,049$, $p = 0,031$, respectivamente). Para esse segundo modelo, portanto, o grupo 2 é o mais acomodado. Tal resultado diverge da hipótese formulada a respeito dessa

variável, pois se esperava que o grupo 3, o que está em São Paulo a maior parte da vida, fosse o mais acomodado⁶⁶.

Tabela 34: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /o/ pretônica na fala dos migrantes de acordo com sua proporção de vida em São Paulo (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)	
Sem incluir SP2010					
(Intercept)	263,458	12,749	20,666	< 0,001	***
PROP.SP2	-3,517	2,946	-1,194	0,246	
PROP.SP3	1,056	3,294	0,321	0,751	
Com a inclusão de SP2010					
(Intercept)	397,857	5,865	67,841	< 0,001	***
PROP.SP1	13,841	6,271	2,207	0,049	*
PROP.SP2	9,165	6,181	1,483	0,166	
PROP.SP3	15,594	6,373	2,447	0,031	*

Modelo: $\text{lmer}(\text{F1.NORM} \sim \text{F1.SEG.NORM} + \text{CONT.PREC} + \text{CONT.SEG} + \text{PROP.SP} + (1|\text{INFORMANTE}) + (1|\text{PALAVRA}), \text{data} = \text{vogal.o.redes})$

Por sua vez, a diferença significativa entre o grupo 1 e a estimativa dos paulistanos, no segundo modelo, é um resultado dentro do esperado, justamente porque são os migrantes com menos tempo em São Paulo. Essa tendência é comparável aos resultados de Bieler da Silva (2015) porque a variação do /r/ em coda na fala dos itanhanduenses, como já vimos, estava correlacionada ao tempo de exposição dos informantes a outros dialetos que não o de Itanhandu. Marques (2006), no que diz respeito aos migrantes paraibanos no Rio de Janeiro, também concluiu que a variável *Tempo de moradia* na nova cidade é um importante fator para compreender a acomodação das vogais pretônicas.

A partir desses resultados, e por conta do que reportam os estudos sobre a fala de migrantes (Marques, 2006; Martins, 2008; Oushiro, 2016; etc.), decidiu-se analisar a variável “Idade de migração”, com o intuito de verificar se existe alguma correlação entre a idade do migrante quando ele saiu de seu lugar de origem e os valores de F1 de suas vogais pretônicas. Do mesmo modo como foi aventado para a variável “Proporção de vida em São Paulo”, espera-se que os sujeitos que migraram mais cedo tendam a apresentar valores menos baixos de F1.

⁶⁶ Contudo, um ponto deve ser destacado: no capítulo 5, cujo tema recai na descrição das estimativas de cada indivíduo, dois casos específicos são descritos: os de LeandroB e PedroB, os quais pertencem ao grupo 3 da variável *Proporção de vida em São Paulo*. Tais casos podem explicar melhor o motivo de esse grupo aparecer como o menos acomodado à fala paulistana.

Tabela 35: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos migrantes de acordo com a idade de migração (N = 3119)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
(Intercept)	393,608	4,089	96,259	< 0,001 ***
IDADE.MIGRACAO	0,343	0,122	2,812	0,009 **

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + IDADE.MIGRACAO + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.e.redes)

Tabela 36: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com a idade de migração (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
(Intercept)	416,697	6,014	69,286	< 0,001 ***
IDADE.MIGRACAO	- 0,232	0,221	- 1,049	0,304

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + IDADE.MIGRACAO + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.o.redes)

A Tabela 35 revela que a cada unidade da variável “Idade de migração”, isto é, a cada 1 ano, o valor de F1 da vogal /e/ pretônica do migrante tende a aumentar 0,343 Hz. Em outras palavras, isso significa que existe diferença significativa na pronúncia de /e/ entre aqueles que chegaram com menos idade a São Paulo e aqueles que migraram mais velhos, de modo que os primeiros pronunciam vogais menos baixas. Quanto aos valores de /o/ (Tabela 36), vê-se que não existe uma diferença significativa entre os que migraram com menos idade e os que migraram mais velhos.

6. Índice de integração à rede

Igualmente no que concerne ao índice de integração à rede, os migrantes da amostra foram reagrupados – de acordo com a Tabela 37. Vimos, no capítulo 3, que esse índice consiste no grau que cada migrante está conectado a sua rede: quanto maior o índice, com mais pessoas, de sua própria rede, ele mantém contato. A hipótese, nesse sentido, é de que quanto mais ele interage com seus conterrâneos, maior é sua tendência de abrir as vogais. Tal como também se discute no capítulo 3, não há uma distribuição uniforme dos informantes ao longo dessa escala de índices: a grande maioria deles apresenta um valor menor que 0,5.

Tabela 37: Reagrupamento dos migrantes de acordo com seu *Índice de integração à rede*

Grupo	Índice de integração à rede	Informantes	N
--------------	------------------------------------	--------------------	----------

1	De 0,062 a 0,187	JoanaT; JoaquimS; JorgeN; JulioL; LeandroB; LucianaM; NilsaL; ReginaL; ReinaldoB; VivianeS	10
2	De 0,25 a 0,375	AlexandreS; ElianaL; JoãoS; JonasS; RobertoS; RodrigoL; RoseS; RuthT; TelmaN	9
3	De 0,437 a 0,818	CarlaB; EleonorB; EmersonS; LucasB; MartaL; PedroB; RitaL; VandaR	8

O grupo 3 tem migrantes cujos índices variam num intervalo relativamente grande, mas manter esses informantes num mesmo grupo justifica-se pela necessidade de não se criar grupos muito menores – a fim de tornar factível tal análise. Os migrantes que pertencem ao conjunto 1 são os menos integrados às suas respectivas redes, enquanto que os do grupo 3 são os mais integrados, ou seja, são aqueles que mantêm contato com várias pessoas de sua rede. Espera-se, portanto, que os sujeitos menos integrados apresentem valores de F1, tanto para /e/ quanto para /o/, menores que os dos indivíduos mais integrados.

Os resultados extraídos dos modelos para a vogal /e/ (Tabela 38) revelam que não há diferença significativa entre os migrantes mais e menos integrados à sua respectiva rede. As estimativas para os três grupos são muito próximas entre si, o que significa que não faz diferença, para o padrão de variação em relação a /e/, se o falante tem mais ou menos contatos com sergipanos dentro de sua própria rede. Esse resultado é verificado nos dois modelos: sem e com a inclusão da amostra paulistana.

Tabela 38: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogais /e/ pretônicas dos migrantes de acordo com o índice de integração à rede (N = 3119)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)	
Sem incluir SP2010					
(Intercept)	298,744	6,973	42,840	< 0,001	***
Indice.Integracao 2	-1,080	2,647	-0,408	0,687	
Indice.Integracao 3	-2,094	2,290	-0,779	0,444	
Com a inclusão de SP2010					
(Intercept)	392,161	4,228	92,744	< 0,001	***
Indice.Integracao 1	4,129	4,442	0,930	0,367	
Indice.Integracao 2	3,738	4,494	0,832	0,418	
Indice.Integracao 3	1,828	4,494	0,407	0,690	

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + IND.INTEG + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.e.redes)

Os resultados para a vogal /o/ estão na Tabela 39. Mais uma vez, os modelos mostram que não há diferença significativa entre as estimativas dos três grupos e nem em relação à estimativa dos paulistanos. Não importa, então, para a realização de /o/

como uma vogal mais ou menos alta, se o migrante está menos ou mais integrado à sua rede.

Tabela 39: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para a vogal /o/ pretônica dos migrantes de acordo com o índice de integração à rede (N = 1926)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)	
Sem incluir SP2010					
(Intercept)	272,660	10,938	24,926	< 0,001	***
Indice.Integracao 2	1,217	3,270	0,372	0,713	
Indice.Integracao 3	0,232	2,285	0,071	0,944	
Com a inclusão de SP2010					
(Intercept)	397,866	6,782	58,668	< 0,001	***
Indice.Integracao 1	12,370	7,180	1,723	0,107	
Indice.Integracao 2	13,123	7,242	1,812	0,091	.
Indice.Integracao 3	12,027	7,243	1,661	0,119	

Modelo: lmer(F1.NORM ~ F1.SEG.NORM + CONT.PREC + CONT.SEG + IND.INTEG + (1|INFORMANTE) + (1|PALAVRA), data = vogal.o.redes)

No trabalho de Bortoni-Ricardo (2011 [1985]), o índice de integração foi tomado como “um indicador do processo de transição do migrante de uma rede isolada de parentes e conhecidos na sua vivência no ambiente da pré-geração para uma rede integrada mais heterogênea” (p. 187), ou seja, quanto mais alto tal índice, mais adiantado o migrante estaria nesse processo de transição e, como consequência, mais difuso estaria seu dialeto rural porque ele estaria empregando formas urbanas com mais frequência. Na presente pesquisa, por outro lado, essa relação é inversa, pois a hipótese que aqui se aventa é que quanto mais o informante estiver integrado à rede, ou seja, quanto mais se comunica com outros sergipanos, menos ele ou ela tenderá a se acomodar à fala paulistana. Ou seja: enquanto que Bortoni-Ricardo estudou uma comunidade que ainda estava se formando a partir de intensos fluxos migratórios, o presente estudo se volta para um contexto urbano já consolidado.

Bortoni-Ricardo verificou que havia correlação entre o índice de integração e as diversas variáveis linguísticas na fala de seus migrantes: os sujeitos mais integrados usavam, com maior frequência, as variantes urbanas, de modo que sua hipótese foi confirmada. Diferentemente do que foi atestado aqui, o índice de integração não está correlacionado à variação na pronúncia tanto de /e/ quanto de /o/, o que significa que a hipótese aventada não corresponde aos resultados obtidos.

7. Sinopse dos resultados

Em resumo, vimos que a principal variável linguística correlacionada aos padrões de acomodação dos migrantes é o valor de F1 da vogal da sílaba seguinte. Quanto às variáveis sociais canônicas de uma pesquisa variacionista (*Sexo/gênero*, *Faixa etária* e *Escolaridade*), observamos que nenhuma delas está correlacionada aos valores de F1 das vogais pretônicas. No tocante aos índices criados para testar as diferentes variáveis - o grau de identificação com Sergipe, a proporção de vida em São Paulo e o número de contatos sergipanos -, viu-se que apenas a *proporção de vida em São Paulo* se mostrou relevante para os valores de F1 de /o/, pois os migrantes do grupo que têm as menores proporções têm abaixado menos tal vogal, em direção à pronúncia paulistana. Quanto à *idade de migração*, observou-se que quanto mais novo o sujeito tenha migrado, menores são seus valores de F1 para a vogal /e/. Diante desse conjunto de análises, surge a necessidade de averiguar o padrão de cada um dos informantes, com o objetivo de identificar se há migrantes que estão muito distantes da média do grupo.

Capítulo 5:

Análises no nível do indivíduo

No presente capítulo, o quadro vocálico e a média dos valores de F1 (tanto para a vogal /e/ quanto para /o/) de cada um dos migrantes são apresentados. Como, no capítulo anterior, apenas duas variáveis sociais dentre as testadas foram interpretadas como significativamente correlacionadas aos valores de F1 das vogais (uma para /e/ e outra para /o/), surge a necessidade de olhar para a média de cada um dos informantes, com vistas a identificar quais são os mais e os menos acomodados em relação à fala paulistana. O capítulo é finalizado com a análise mais detalhada de dois sujeitos específicos.

1. Os informantes de ambas as redes

A Figura 17 traz os quadros vocálicos (no Anexo E, eles estão em uma escala maior) das mulheres da rede 1 em comparação com os paulistanos (tal como se indicou anteriormente, no capítulo 4, nos gráficos da Figura 17 e seguintes, utilizam-se as médias das mulheres e dos homens paulistanos em conjunto, uma vez que a normalização neutraliza as diferenças entre os sexos. Os migrantes, contudo, foram separados em grupos menores, simplesmente no sentido de facilitar a visualização da variação entre indivíduos). A fim de facilitar a visualização das linhas e da altura das vogais, apresentam-se dois gráficos: o primeiro traz as médias para ReginaL, ElianaL, MartaL, RitaL e RuthT; o segundo, as médias para RoseS, JoanaT, TelmaN, VivianeS e NilsaL. Em ambos os gráficos, SP2010 é representada na cor preta.

Figura 17: Médias normalizadas de F1/F2 das mulheres da rede 1 em comparação com a média paulistana

Considerando-se a vogal /e/, apenas a média para ReginaL aparece visivelmente mais alta que a média dos paulistanos (ou seja, por ela, /e/ é realizado como uma vogal mais baixa, na média). Já em relação a /o/, a variação é maior: RitaL, JoanaT, TelmaN, VivianeS e NilsaL apresentam médias maiores que a dos paulistanos, ou seja, /o/ é realizado como uma vogal mais baixa por um número maior de migrantes sergipanas. Dessa forma, parece que as migrantes da rede 1 estão mais acomodadas à pronúncia paulistana da vogal anterior do que à da vogal posterior.

Tabela 40: Estimativas (em Hz) de valores médios de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica na fala das mulheres da rede 1 (N = 1118)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
(Intercept)	392,030	1,698	230,833	< 0,001	***
ElianaL	2,209	3,374	1,654	0,513	
JoanaT	4,117	3,649	1,128	0,259	
MartaL	2,715	3,625	0,749	0,454	
NilsaL	0,807	2,839	0,284	0,776	
ReginaL	12,958	3,196	4,354	< 0,001	***
RitaL	-2,534	3,227	-0,793	0,428	
RoseS	1,140	3,044	0,375	0,708	
RuthT	0,890	2,943	0,303	0,715	
TelmaN	2,826	3,880	0,728	0,466	
VivianeS	-1,284	3,337	-0,385	0,700	

Modelo: lmer(F1.NORM ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.e)

A Tabela 40 expõe as estimativas obtidas pelo modelo de regressão linear⁶⁷ para a vogal /e/ das informantes da rede 1. O valor de referência (*Intercept*) foi estabelecido como a média paulistana. Vê-se, portanto, que apenas a diferença entre a média para ReginaL e a paulistana é significativa, tal como a Figura 17 fez parecer. Isso significa que, com exceção de ReginaL, a pronúncia de /e/ por parte de todas as outras informantes da rede 1 se assemelha, na média, à pronúncia paulistana. Em outras palavras, a pronúncia da pretônica /e/ na fala das migrantes da rede 1 se acomoda à paulistana na maioria dos casos.

Passando para os homens da rede 1, os quadros vocálicos para cada um desses indivíduos estão representados na Figura 18. Como os homens são menos numerosos que as mulheres dessa rede (6, no total), estão todos dispostos num mesmo gráfico. Em relação à vogal /e/, apenas RobertoS tem uma média ligeiramente mais alta que a dos paulistanos. Já com respeito a /o/, todos os migrantes apresentam uma média maior em relação aos paulistanos.

Figura 18: Médias normalizadas de F1/F2 das vogais pretônicas para os homens da rede 1 em comparação com a média paulistana

⁶⁷ É importante destacar que o modelo foi criado com a inclusão de todos os 27 informantes migrantes. Os resultados estão sendo apresentados separadamente para facilitar a visualização das informações.

A Tabela 41 mostra que a pronúncia de /e/ na fala de quatro desses indivíduos (JorgeN, JulioL, RobertoS e RodrigoL) se assemelha à paulistana. A diferença entre as médias dos outros dois (JoaquimS e JonasS) e a média paulistana é significativamente diferente, o que indica não acomodação à fala paulistana por parte de um terço desses indivíduos. Contudo, tal como se disse anteriormente, o que está em foco aqui não é a diferença entre homens e mulheres, mas sim a diferença entre os valores médios de F1 para cada indivíduo e a média paulistana. Assim, considerando-se que o total de migrantes da rede 1 é 16, esse conjunto de análises mostra que, para a pretônica /e/, a maioria desses migrantes (13) se aproxima da fala paulistana.

Tabela 41: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos homens da rede 1 em comparação com os paulistanos (N = 693)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
(Intercept)	392,023	1,698	230,833	< 0,001	***
JoaquimS	8,381	3,268	2,565	0,010	*
JonasS	6,931	3,139	2,208	0,027	*
JorgeN	1,198	3,089	0,388	0,698	
JulioL	6,126	3,254	1,882	0,060	.
RobertoS	8,197	4,680	1,751	0,080	.
RodrigoL	0,854	2,462	0,347	0,728	

Modelo: lmer(F1.NORM ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.e)

No que toca à vogal /o/, as estimativas do modelo de regressão resumido na Tabela 42 revelam um padrão praticamente oposto ao que se verificou para /e/. Aqui, vemos que é significativa a diferença entre as médias para quase todas as migrantes e a média paulistana. Ou seja, a fala da maioria das mulheres da rede 1 não se acomoda à pronúncia paulistana. É interessante notar que ReginaL também é uma exceção aqui: seu valor médio de F1 para /o/ se assemelha ao dos paulistanos. Entretanto, na presente análise, ReginaL está acompanhada por MartaL, cujo valor médio de F1 para /o/ também é próximo da média dos paulistanos.

Tabela 42: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica das mulheres da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 789)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
(Intercept)	398,726	2,124	187,765	< 0,001	***
ElianaL	8,830	4,095	2,156	0,031	*
JoanaT	31,255	7,113	4,394	< 0,001	***
MartaL	3,079	4,079	0,755	0,450	

NilsaL	10,692	4,456	2,399	0,016	*
ReginaL	-1,071	4,548	-0,235	0,813	
RitaL	15,023	4,293	3,500	< 0,001	***
RoseS	18,572	5,557	3,342	< 0,001	***
RuthT	7,730	3,748	2,063	0,039	*
TelmaN	22,121	5,491	4,029	< 0,001	***
VivianeS	14,360	5,182	2,771	0,006	**

Modelo: lmer(F1.NORM ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.o)

Dessa forma, podemos entender que há bastante semelhança entre as mulheres da rede 1: quando se trata da pretônica /e/, sua fala se aproxima da paulistana – com uma exceção (ReginaL); quando se trata da pretônica /o/, sua fala se distancia da paulistana – com duas exceções (ReginaL e MartaL). Pensando, portanto, no conjunto de 10 mulheres da rede 1, podemos falar em acomodação à fala paulistana na pronúncia de /e/, mas não na de /o/.

Para a vogal /o/, de maneira semelhante ao que se verificou para o conjunto de mulheres, a Tabela 43 mostra que é menor o número de homens (2 de 6 – JorgeN e RobertoS) cujos valores médios de F1 não são significativamente diferentes da média paulistana. Assim, a pronúncia de /o/ para a maioria desses indivíduos não se assemelha à paulistana. Considerando-se, portanto, o total de indivíduos (10 mulheres e 6 homens), pode-se inferir que sua pronúncia de /o/ não se acomoda à paulistana: para 12 desses indivíduos, as médias dos valores de F1 para /o/ são mais altas (portanto, pronúncia mais baixa) do que a média paulistana.

Tabela 43: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos homens da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 415)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)
(Intercept)	398,726	2,124	187,765	< 0,001 ***
JoaquimS	15,060	5,340	2,820	0,005 **
JonasS	12,729	4,834	2,633	0,008 **
JorgeN	5,697	4,718	1,207	0,227
JulioL	10,497	4,719	2,224	0,026 *
RobertoS	11,610	6,716	1,729	0,084 .
RodrigoL	11,236	3,362	3,342	< 0,001 ***

Modelo: lmer(F1.NORM ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.o)

Algumas considerações acerca de RobertoS precisam ser feitas: concernente à estimativa de /o/, ele aparece com uma diferença de 11,61 Hz em relação aos paulistanos, o que poderia ser interpretado como algo significativamente diferente da fala paulistana, no entanto, o modelo interpreta esse valor como algo não significativo.

Esse resultado possivelmente é produto do baixo número de dados para esse informante. Observa-se que o erro padrão obtido para ele (a saber, 6,716), pelo modelo, é maior que o dos outros migrantes, o que indica a impossibilidade de realizar um cálculo mais apurado e definitivo em seu caso. De acordo com Gries (2013)⁶⁸, quanto maior o erro padrão, menor a probabilidade de a estimativa ser uma medida confiável e quanto maior o tamanho da amostra, menor será o erro padrão calculado. Por esses motivos, portanto, não é possível afirmar que RobertoS está de fato acomodado à fala paulistana em relação à vogal /o/.

Em linhas gerais, percebemos até o momento que a maioria dos integrantes da rede 1, a mais fechada em relação à 2, está acomodada à vogal /e/ paulistana (12 migrantes) enquanto que uma minoria se assemelha à pronúncia da vogal posterior paulistana (apenas 3 sujeitos).

Tabela 44: Resumo dos resultados para os migrantes da rede 1

Informantes	Acomodação à pronúncia paulistana (com base em valores médios de F1)	
	/e/	/o/
ElianaL	✓	X
JoanaT	✓	X
MartaL	✓	✓
NilsaL	✓	X
ReginaL	X	✓
RitaL	✓	X
RoseS	✓	X
RuthT	✓	X
TelmaN	✓	X
VivianeS	✓	X
JoaquimS	X	X
JonasS	X	X
JorgeN	✓	✓
JulioL	✓	X
RobertoS	✓	?
RodrigoL	✓	X

Justamente pelo fato de a rede 1 ser mais fechada, esperava-se um resultado próximo do que é observado para a vogal /o/: poucas pessoas acomodadas, pois esses

⁶⁸ “[T]he larger the standard error of a mean, the smaller the likelihood that that mean is a good estimate of the population mean, and that the larger sample size *n*, the smaller the standard error becomes” (GRIES, 2013: 128).

sujeitos interagem menos frequentemente com paulistanos e paulistas. Por outro lado, a acomodação de quase todos os falantes em relação a /e/ surpreende pelo mesmo motivo. O passo seguinte é observar as estimativas dos integrantes da rede 2 e averiguar se os resultados seguem a mesma direção.

O quadro vocálico da Figura 19 traz as médias das migrantes da rede 2 em comparação com a média paulistana. Devido ao fato de que o número de mulheres em cada rede não é igual, não é possível afirmar se o padrão verificado na rede 2 é semelhante ou não ao da rede 1.

Figura 19: Médias normalizadas de F1/F2 das vogais pretônicas das mulheres da rede 2 em comparação com a média paulistana

A Tabela 45 resume o modelo de regressão linear para a vogal /e/ das mulheres da rede 2, em relação aos paulistanos (valor do *intercept*). EleonorB e LucianaM apresentam médias significativamente diferentes da paulistana, enquanto CarlaB e VandaR têm médias semelhantes à paulistana. Assim, para /e/, há acomodação nos dois últimos casos, mas não nos dois primeiros.

Tabela 45: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica das mulheres da rede 2 em comparação com os paulistanos (N = 495)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
(Intercept)	391,875	1,7112	228,945	< 0,001 ***
CarlaB	2,730	2,543	1,074	0,283
EleonorB	10,885	2,934	3,710	< 0,001 ***
LucianaM	11,142	3,425	3,253	0,001 **
VandaR	-1,605	2,993	-0,536	0,592

Modelo: lmer(F1.NORM ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.e)

Os quadros vocálicos dos homens da rede 2 estão na Figura 20. Visualmente, percebemos que existe uma maior variação entre os valores de /o/ do que entre as médias de /e/. Concernente à vogal /o/, todos os migrantes têm uma produção mais frequente de F1 mais alto.

Figura 20: Médias normalizadas de F1/F2 das vogais pretônicas dos homens da rede 2 em comparação com os paulistanos

O modelo de regressão linear mostra que apenas JoãoS tem uma média de F1 para /e/ significativamente diferente da paulistana. O baixo número de ocorrências obtidas para AlexandreS impediu a realização de um teste mais assertivo: é possível notar que a diferença relativamente grande entre a sua estimativa e a dos paulistanos (10,386 Hz) não é interpretada como algo significativo (observa-se também que o erro padrão calculado para os seus dados é o maior do grupo)⁶⁹.

⁶⁹ O caso dele se compara ao que foi descrito para o informante RobertoS da rede 1.

Tabela 46: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica dos homens da rede 2 em comparação com os paulistanos (N = 813)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-<i>t</i>	Significância (<i>p</i>)	
<i>(Intercept)</i>	392,023	1,712	228,945	< 0,001	***
AlexandreS	10,386	5,675	1,830	0,067	.
EmersonS	4,055	3,866	1,049	0,294	
JoãoS	6,930	2,766	2,505	0,012	*
LeandroB	-6,396	3,342	-1,914	0,056	.
LucasB	2,834	2,789	1,016	0,309	
PedroB	-2,376	3,051	-0,779	0,436	
ReinaldoB	4,415	2,577	1,713	0,087	.

Modelo: lmer(F1.NORM ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.e)

As estimativas para a vogal /o/ das mulheres da rede 2 estão na Tabela 47. Dessa vez, são as médias de EleonorB e LucianaM que estão mais próximas da paulistana, justamente o contrário do que acontece com as médias da vogal /e/. Caso semelhante ocorreu com uma das integrantes da rede 1 (ReginaL), pois ela não se acomodou à vogal /e/ mas sim à /o/, diferentemente das outras migrantes de sua rede.

Tabela 47: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica das mulheres da rede 2 em comparação com os paulistanos (N = 277)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-<i>t</i>	Significância (<i>p</i>)	
<i>(Intercept)</i>	398,726	2,124	187,765	< 0,001	***
CarlaB	16,870	3,872	4,357	< 0,001	***
EleonorB	1,612	4,095	0,394	0,694	
LucianaM	-2,322	3,970	-0,585	0,559	
VandaR	10,096	4,420	2,284	0,022	*

Modelo: lmer(F1.NORM ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.o)

Já para /o/, com exceção de AlexandreS e EmersonS, todos os outros migrantes dessa rede apresentam uma média de F1 significativamente diferente da paulistana, tal como mostra a Tabela 48. Note-se que a estimativa para AlexandreS, mais uma vez, não foi considerada significativamente diferente dos paulistanos por conta do elevado erro padrão calculado pelo modelo de regressão linear⁷⁰. Como já vimos anteriormente, tal resultado é produto do baixo número de ocorrências extraído em seu caso⁷¹.

⁷⁰ Ver nota 69.

⁷¹ Muitas ocorrências tiveram que ser excluídas do *corpus* porque haviam sido calculadas equivocadamente pelo *script* do VowelAnalyzer.

Tabela 48: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /o/ pretônica dos homens da rede 2 em comparação com os paulistanos (N = 445)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
<i>(Intercept)</i>	398,726	2,124	187,765	< 0,001	***
AlexandreS	15,355	10,337	1,485	0,137	
EmersonS	9,698	5,408	1,793	0,073	.
JoãoS	9,474	3,744	2,530	0,011	*
LeandroB	27,739	5,015	5,531	< 0,001	***
LucasB	16,914	4,831	3,501	< 0,001	***
PedroB	18,591	4,149	4,481	< 0,001	***
ReinaldoB	16,148	4,451	3,628	< 0,001	***

Modelo: lmer(F1.NORM ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.o)

A Tabela 49 organiza os informantes das duas redes, no que diz respeito à acomodação (✓) ou não (X) de cada um deles à pronúncia paulistana das pretônicas /e/ e /o/ – de acordo com os resultados obtidos pelos modelos de regressão linear anteriormente descritos.

Tabela 49: Resumo dos resultados dos modelos de regressão linear

Rede 1			Rede 2		
Informante	Acomodação à pronúncia paulistana (com base em valores médios de F1)		Informante	Acomodação à pronúncia paulistana (com base em valores médios de F1)	
	/e/	/o/		/e/	/o/
ElianaL	✓	X	CarlaB	✓	X
JoanaT	✓	X	EleonorB	X	✓
JoaquimS	X	X	LucianaM	X	✓
JonasS	X	X	VandaR	✓	X
JorgeN	✓	✓	AlexandreS	?	?
JulioL	✓	X	EmersonS	✓	✓
MartaL	✓	✓	JoãoS	X	X
NilsaL	✓	X	LeandroB	✓	X
ReginaL	X	✓	LucasB	✓	X
RitaL	✓	X	PedroB	✓	X
RobertoS	✓	?			
RodrigoL	✓	X			
RoseS	✓	X			
RuthT	✓	X			
TelmaN	✓	X			
VivianeS	✓	X			

Dos 6 falantes que se acomodaram a /o/, 3 deles não se acomodaram a /e/, a saber, ReginaL, EleonorB e LucianaM. Todas são mulheres e fazem parte do conjunto 2 da variável *Proporção de vida em São Paulo*. Tanto ReginaL quanto LucianaM são do conjunto 1 em relação ao índice de vínculo com Sergipe e são pessoas pouco integradas às suas respectivas redes. Quanto aos informantes que não se acomodaram a /e/, com exceção de LucianaM, notamos que eles chegaram a São Paulo já adultos, com 18 anos de idade ou mais. Parece, então, que a idade de migração desempenha um papel importante, pelo menos em relação a essa vogal, no processo de acomodação dialetal.

No tocante a JorgeN, MartaL e EmersonS, os três migrantes que se acomodaram tanto em relação a /e/ quanto a /o/, vimos que eles moram em São Paulo mais da metade de suas vidas, nenhum deles, portanto, pertence ao grupo 1 da variável *Proporção de vida em São Paulo*. Nesse sentido, é válido dizer que é necessário ter contato com o novo dialeto por um período considerável de tempo para que o processo de acomodação dialetal aconteça (nesse caso, os migrantes em questão estão mais da metade de suas vidas residindo em São Paulo).

Vimos no capítulo 3 que JorgeN mora em São Paulo há mais de 30 anos. Ele é casado também com uma sergipana e tem três filhos, um nascido em São Paulo e dois em Sergipe (um deles não é fruto da relação com VivianeS e não mora com o pai; a menina nasceu em Sergipe e mudou, junto com os pais, para São Paulo com poucos meses de vida). Ele trabalha como mecânico industrial e gosta bastante dessa área. A maioria dos seus colegas de profissão é nordestina e seu círculo social é formado majoritariamente por nordestinos. Por outro lado, JorgeN está há 19 anos sem visitar Sergipe e não tem vontade de voltar a morar lá um dia. Em relação ao seu modo de falar, ele diz que é inevitável mudar um pouco o sotaque, justamente por conta do contato que faz com paulistas e pelo número de anos longe de seu estado natal:

(11)

D1: “mas na sua opinião você acha que você mudou... o seu jeito de falar nesses... anos que você está aqui em São Paulo?”

S1: “sim não não cem por cento mas eu creio que uns sessenta por cento eu mudei um pouco”

D1: “você mudou?”

S1: “mudou... a gente tenta eh a gente tem que... tentar né se esforçar um pouco”

D1: “mas você mudou com consciência... porque você quis ou”

S1: “não po/... coisa da/ da/ da convivência... da convivência no/ o dia a dia né?”

D1: “uhum”

S1: “que a gente... eh você vai... conversando conversando e você vai mudando tudo o sotaque né” (SESP-2016-M49-JorgeN)

MartaL, surpreendentemente, mantém mais contato diário com nordestinos, em sua maioria. Dentre aquelas pessoas que ela indicou como as mais presentes no seu dia a dia, apenas duas são de São Paulo, as outras são sergipanas, pernambucanas ou baianas. Comparada às irmãs, MartaL é a que fica menos tempo em casa durante a semana, pois ela trabalha numa creche de segunda a sexta-feira. Nesse ambiente, ela interage com outras funcionárias e com os pais das crianças que cuida (apesar de esse contato ser efêmero). Suas médias, portanto, podem ser justificadas pelo seu modo de vida mais dinâmico (e não tão fechado como o de suas irmãs). No entanto, e diferentemente do que os modelos de regressão linear mostram, MartaL acredita que sua fala não mudou desde que chegou a São Paulo:

(12)

D1: “você acha que você mudou o seu jeito de falar desde que você chegou de Sergipe?”

S1: “não eu não mudei não” (...)

D1: “você continua?”

S1: “é... eu acho que eu não mudei não” (SESP-2016-F47-MartaL)

JoaquimS e JonasS, por outro lado, não apresentam médias próximas às dos paulistanos e, nesse sentido, aparecem como os migrantes menos acomodados da rede 1 às variantes paulistanas.

Apesar de estar em São Paulo há mais de trinta e cinco anos, JoaquimS ainda produz vogais médias pretônicas mais abertas. Ele é metalúrgico e trabalha numa empresa em que a maioria dos empregados é nordestina. Seu círculo de amizade também é majoritariamente formado por nordestinos (cearenses, alagoanos, pernambucanos, etc.). Vimos no capítulo 3 que ele é casado com uma baiana e tem dois filhos que nasceram já em São Paulo (um de 25 e outro de 22 anos). JoaquimS tem orgulho do patrimônio que conquistou aqui e não deseja retornar para Sergipe para morar, contudo, a cada dois anos ele visita seus familiares que ainda moram por lá. Convém dizer que ele acredita que os paulistanos são preguiçosos para trabalhar e que foram os nordestinos que construíram a cidade paulistana:

(13)

S1: “a m/ cem por cento do paulista que eu conheço aí tudo... paga aluguel pro nordestino... porque não tem coragem de trabalhar... tem/ não tem coragem de trabalhar não tem coragem de comprar um terreno... e pra construir... tem muitos/ tem muito mesmo paulistano que... que paga aluguel paga aluguel pra mim ou pra outro e tudo...” (SESP-2016-M61-JoaquimS)

Seu contato regular com nordestinos e seu orgulho por ser trabalhador (o que o diferencia, em seu ponto de vista, dos paulistanos, portanto) intensificam uma identidade sergipana, o que converge com sua frequente produção de vogais mais abertas.

Relatamos no capítulo 3 que JonasS, por sua vez, mora em São Paulo há aproximadamente 25 anos e antes de se mudar para cá, viveu durante 15 anos no Paraná, onde trabalhou como agricultor em plantações de algodão e de milho. Ele saiu do Nordeste em busca de uma vida melhor, assim como a maioria dos migrantes. Já em São Paulo, trabalhou como operador de injetora e como metalúrgico, sempre cercado por outros nordestinos. Hoje é aposentado por conta de um problema de saúde. É casado com uma baiana e tem duas filhas nascidas em São Paulo. Durante a entrevista, ele revelou que deseja voltar a morar em Sergipe um dia:

(14)

D1: “você tem vontade de voltar a morar lá?... em definitivo ou não?”

S1: “se eu pudesse sim”

D1: “é?”

S1: “se eu pudesse sim... que na verdade São Paulo... eh... é um lugar assim... as pessoa que vinha pra cá... pra poder trabalhar ganhar seu dinheiro... fazer a vida... tudo bem... mas hoje se for pra você viver... e não e não... não trabalhar... ter de que viver... lá é melhor” (SESP-2016-M50-JonasS)

Seu círculo social formado em grande parte por nordestinos e o desejo de regressar para seu estado de origem podem dar pistas que esclareçam sua produção mais frequente de vogais pretônicas mais baixas.

Quanto aos migrantes da rede 2, apenas AlexandreS e EmersonS aparecem como os mais acomodados à fala paulistana tanto em relação à vogal anterior quanto à posterior. Como já foi mencionado anteriormente, o resultado obtido para os dados do AlexandreS não pode ser tomado como definitivo, uma vez que muitos erros de medição foram encontrados e estes tiveram que ser excluídos do *corpus*. Por esse motivo, o número de ocorrências extraído da sua fala e analisado pelo teste estatístico foi muito baixo. Nesse sentido, afirmar que de fato AlexandreS está mais acomodado à pronúncia de São Paulo é precipitado.

O migrante EmersonS, por sua vez, mora em São Paulo a maior parte de sua vida, pois ele chegou aqui ainda muito novo (por volta dos 7 anos de idade). Embora ele tenha um alto índice de vínculo com Sergipe (cf. capítulo 3), o que significa que ele se

identifica mais com seu estado natal do que com São Paulo, o fato de ele viver há mais tempo no Sudeste parece ter influenciado mais suas taxas de acomodação.

JoãoS é o único integrante da rede 2 que não se acomodou a nenhuma das duas vogais. Ele, junto com AlexandreS, é o migrante que está há menos tempo morando em São Paulo. Ademais, sua rede social é formada em grande parte por nordestinos: colegas de trabalho e os próprios familiares. O relativo pouco tempo na cidade paulistana (em comparação aos outros sujeitos) e a frequente interação com nordestinos convergem com suas baixas taxas de acomodação.

JoaquimS e TelmaN, da rede 1, e EleonorB e VandaR, da rede 2, são os migrantes mais velhos de toda a amostra. Nenhum deles está acomodado a ambas as vogais, ou a acomodação se deu para /e/, ou para /o/, ou para nenhuma das duas. Vale destacar que todos eles estão em São Paulo há mais de 30 anos, um tempo bastante considerável para que ocorresse a acomodação. Seguindo uma questão levantada por Oushiro (2017a), podemos pensar se esses sujeitos mais velhos não estariam “retornando” à variante prototípica de seu local de origem. Para responder, seriam necessárias gravações longitudinais, em que os informantes tivessem sido gravados em diferentes épocas, o que não é o caso deste estudo. Contudo, é um questionamento que pode ser levado em consideração em pesquisas futuras.

A pronúncia mais aberta de /e/ e de /o/, em posição pretônica, dos sergipanos, em relação aos paulistanos, não aparenta ser um traço saliente para os migrantes, pois, em nenhuma das entrevistas, essa variável foi mencionada como um diferenciador entre os dialetos:

(15)

D1: “você acha que o paulistano fala diferente do sergipano?”

S1: “ah fala... fala tão bonito... eu que queria falar igual eles... queria saber falar... fala muito bonito viu?” (SESP-2016-F44-RuthT)

(16)

D1: “eh e como que fala o paulistano?”

S1: “ah minha filha... eu não vo/ eu não sei falar paulista... e eu falo arrastado aí não dá nem pra... ah tem outra/ tem outro sotaque né?... paulista do/ do/ do/ do sergipano do baiano é diferente a gente fala arrastado e eles já não fala” (SESP-2016-F46-RitaL)

(17)

D1: “como que você acha que o paulistano fala?”

S1: “ixe agora onde é que eu vou achar um/ um paulista...”

D1: *risos*

S1: “ah é que o sergipano assim ele fala arrastado”

D1: “uhn”

S1: “né o paulista não fala... não é?... paulista fala bo/”

D1: “é essa sua impressão?”

S1: “é... o/ o sergipano fala arrastado você percebe se ti/ está no meio de um sergipano nordestino você já vê que ele está falando arrastadinho e o paulista não né?” (SESP-2016-F56-JoanaT)

Os migrantes entrevistados tendem a revelar impressões sobre o falar “arrastado” dos sergipanos. Nesse sentido, parece que neles existe uma percepção acerca da diferença prosódica entre os dialetos e não sobre a produção das vogais pretônicas. É possível dizer que a acomodação ou não à fala paulistana, no que toca às vogais, ocorre em um nível de baixa consciência (LABOV, 2008 [1972]), pois os informantes não apresentam um discurso metalinguístico acerca de tal variável e nem ponderações positivas ou negativas sobre esse traço linguístico.

Alguns aspectos das vidas dos migrantes que se acomodaram às duas vogais (EmersonS, JorgeN e MartaL) e dos que não se acomodaram (JoãoS, JoaquimS e JonasS) foram descritos, nos parágrafos anteriores, com o intuito de compreender tais resultados, pois a análise desses indivíduos a partir de critérios mais gerais não explica muito suas taxas de acomodação. Isso significa que só uma investigação individual mais profunda parece poder dar conta do que eles estão “fazendo” com essas vogais, no “trabalho sociolinguístico” que eles desenvolvem nas suas vidas.

2. LeandroB e PedroB

No modelo de regressão linear gerado para testar as diferenças entre cada um dos informantes em relação aos paulistanos, para a vogal /o/, vimos que LeandroB e PedroB (ambos integrantes da rede 2), entre outros migrantes, não estão acomodados à fala paulistana e, além disso, suas médias de F1 estão entre as maiores. No entanto, pode-se dizer que esses migrantes não soam sergipanos, diferentemente do que se poderia supor a partir dos resultados obtidos pelo teste estatístico. Junte-se a isso o fato de que LeandroB e PedroB têm um contato frequente com paulistanos e paulistas: o primeiro, por conta do seu círculo de amizades; o segundo, devido à sua profissão de taxista (ele circula bastante pelos bairros de São Paulo e deve conversar frequentemente com paulistanos). Por conta desses três fatores – (i) têm médias relativamente altas de F1 para a vogal /o/; (ii)

não soam sergipanos; (iii) têm bastante contato com paulistanos – parece interessante analisar a fala de ambos mais atentamente.

São várias as questões que se apresentam a partir de casos como esses: i) seus valores de F1 seriam mais altos ou mais baixos a depender do assunto que desenvolvem ao longo da entrevista?; ii) esses valores variariam individualmente de acordo com diferentes posições ou posturas⁷² (KIESLING, 2009) tomadas ao longo da conversa com a documentadora?; iii) a pronúncia das vogais médias pretônicas é suficiente para classificar esses migrantes como falantes que soam pouco ou muito sergipanos? Responder a todas essas questões não está no escopo do presente trabalho, mas alguns encaminhamentos na direção de respostas a elas podem começar a ser desenvolvidos aqui.

Numa tentativa de explorar a primeira das perguntas – sobre se o tópico discursivo tem alguma correlação com os valores de F1 das vogais médias dos falantes, dois gráficos foram criados para visualizar sua variação no decorrer das entrevistas de LeandroB e de PedroB.

Primeiramente, a Figura 21 apresenta os dados de LeandroB: o eixo *x* traz o tempo da entrevista, em segundos, enquanto *y* mostra F1, em Hz. Tal eixo está invertido, para que as vogais mais baixas apareçam na parte inferior do gráfico. Os pontos azuis espalhados na figura representam cada valor de F1 das vogais /o/ pretônicas extraídas da entrevista de LeandroB; os pontos verdes representam os valores de /e/. O círculo preto destaca uma concentração de vogais mais baixas tanto da linha vermelha quanto da azul (em sua maioria). Esse aglomerado é diferente daquele que se observa entre os segundos 500 e 1500: no trecho destacado com o círculo, há apenas duas ocorrências que estão acima da linha da média do falante; já entre 500 e 1500s, é maior o número de casos desse tipo. A partir dos 1500 segundos, aproximadamente, os valores de /o/ pretônico de LeandroB se mantêm maiores que a média dos paulistanos (ou, dito de outro modo, abaixo da linha vermelha).

⁷² No sentido de “*stance*”.

Figura 21: Valores normalizados de F1 das vogais /e/ e /o/ ao longo da entrevista de LeandroB

Do intervalo entre os 1500 e 2000 segundos da entrevista de LeandroB (aproximadamente 10 minutos), transcreve-se aqui o trecho seguinte:

(18)

D1: “você consegue reconhecer [se uma pessoa é nordestina]?”

S1: “talvez pelo/ pelo diálogo... assim de cara não... assim alguns... tem gente que tem cara de *nordestino*”

D1: “tem gente que tem cara?”

S1: “eu acho”

D1: “o quê que indica na cara?”

S1: “ai eu não sei é o/ o/ o... não sei tem gente que a gente olha fala assim “esse tem cara de nordestino”⁷³” (risos)

D1: “sério?”

S1: “eu acho tem algumas pessoas você olha você/ sei lá formato da cabeça sei lá o rosto (risos)... e às vezes eu conheço assim mais pelo diálogo... agora quando eu converso com as pessoas não sei pessoal... me confunde com carioca porque acha que eu puxo um pouco no sotaque⁷⁴ do 's' e do 'r'”

D1: “olha”

S1: “mas quando eu converso... não/ é me/ é meio difícil alguém... dizer que eu sou *nordestino* por ter sido criado aqui... não tenho sotaque de *nordestino*”

D1: “tá”

S1: “mas quan/ às vezes quando eu estou conversando com as pessoas eles perguntam se eu sou carioca”

D1: “uhum... tá... então/ mas você quando conversa com alguém... consegue identificar se ela é nordestina?”

S1: “sim”

D1: “falando?”

S1: “sim às vezes no/ no... no modo da pessoa falar... dá... dá pra perceber por sotaque”

⁷³ Essa ocorrência não aparece no gráfico da Figura 21 porque a palavra não foi pronunciada por inteiro pelo falante, por esse motivo, optou-se por excluí-la da tabela de dados.

⁷⁴ Todas as ocorrências de “sotaque” não são levadas em conta nas análises, uma vez que nenhum dos informantes faz o abaixamento desse /o/ pretônico.

D1: “uhum... você acha que paulista fala diferente de nordestino?”
 S1: “acho”
 D1: “é?”
 S1: “acho”
 D1: “qual é a diferença?”
 S1: “ah o puxado na/ nas palavras sabe?”
 D1: “quem puxa?”
 S1: “***nordestino***”
 D1: “nordestino?”
 S1: “é”
 D1: “e você gosta como o paulista fala?”
 S1: “não tenho nada contra (risos)... acho que cada um... foi... viveu assim e cada um tem o seu modo de falar que nem... muita gente tem preconceito de ***nordestino***... às vez pelo modo mesmo de eles falar mas... não... não tenho preconceito nenhum não... (eu acho que)”
 D1: “então não tem nenhum sotaque que você não gosta?”
 S1: “não... eu acho que... cada um tem o sotaque que foi... viveu... com a sua... turma com a sua terra na sua cultura e... e acho que todo tem que ser respeitado”
 (...)
 S1: “mas eu não tenho nada contra não... nem posso ter porque sou ***nordestino*** vou”

No excerto em (18), desenvolve-se o tópico acerca do julgamento, por parte do próprio falante, de como reconhecer um nordestino e das diferenças entre as pronúncias paulista e nordestina⁷⁵. Todas as palavras em negrito e itálico (***nordestino***) incluem-se no círculo preto da Figura 21, momento em que as vogais /o/ são pronunciadas como mais baixas (ou seja, com valores de F1 mais altos). Constata-se, assim, que é justamente no momento em que LeandroB é incentivado a opinar sobre as diferenças dialetais entre o Nordeste e São Paulo, bem como sobre a sua percepção em relação ao seu próprio modo de falar, que suas pretônicas /o/ são produzidas com valores de F1 mais altos, concomitantemente a uma ausência de casos em que tais vogais fossem produzidas como mais altas (isto é, com valores mais baixos de F1).

Apesar de ter chegado a São Paulo com apenas 5 anos de idade e morar aqui, portanto, há mais de 40 anos⁷⁶, LeandroB deseja um dia voltar a residir no Nordeste, mais especificamente em Maceió, onde mora um amigo que lhe é muito próximo. Durante a entrevista, ele diz que gosta muito das praias de lá e que, todo ano, no período de suas férias, visita a capital alagoana. Apesar de a maioria de seus contatos ter nascido em São Paulo e de ele se engajar com as atividades culturais da cidade paulistana, sua conexão com a região nordestina parece ser bastante forte e significativa. Ele destaca que os sergipanos (e o restante dos nordestinos) são bastante receptivos, de modo que ele se sente muito confortável quando visita amigos e familiares. Ele contrasta tal

⁷⁵ Ver no Anexo A que a parte 6 do roteiro leva o migrante a se posicionar sobre esses aspectos.

⁷⁶ Essas informações estão no capítulo 3.

receptividade com a dos paulistanos, ao afirmar que estes são mais frios. LeandroB ainda comenta acerca da fartura que geralmente é servida a visitas nas casas dos nordestinos. É notável, assim, que seu ponto de vista em relação a essa cultura é bastante positivo. A materialização disso, portanto, se dá na produção de /o/ mais baixo, em sua maioria, na palavra “nordestino”.

É intrigante observar que LeandroB não acredita que sua pronúncia seja igual à nordestina por ter sido criado em São Paulo; porém, é justamente nesse momento da conversa que suas realizações de /o/ são baixas e sem coocorrências de pronúncias mais altas. Em princípio, ele apresenta uma postura de afastamento em relação à identidade sergipana; no entanto, um pouco depois, LeandroB diz que não pode ter preconceito com um nordestino, já que ele também o é. Esse exemplo serve para ilustrar a questão da fluidez da identidade e dos discursos por vezes inconsistentes das pessoas que, em certos momentos, aproximam-se de certas características identitárias e, em outros, afastam-se delas.

LeandroB não desenvolve um discurso metalinguístico acerca da pronúncia das vogais médias pretônicas e alega que a diferença entre os dialetos de São Paulo e de Sergipe está no “puxado” das palavras. Ele destaca, dessa forma, um traço prosódico como o diferenciador dos dialetos e, nessa perspectiva, talvez sua fala não se aproxime, de fato, do falar sergipano. Vimos no final da seção anterior que esse mesmo discurso é compartilhado por outros migrantes da amostra, de modo que a pronúncia das vogais pretônicas parece não ser reconhecida como o traço “mais sergipano” ou, de modo mais geral, o “mais nordestino” na opinião deles.

A seguir, a Figura 22 mostra, para PedroB, um padrão bastante diferente daquele de LeandroB, no que diz respeito à variação nos valores de F1 ao longo da entrevista. Lembre-se que ambos fazem parte da rede 2, que vivem em São Paulo há bastante tempo e que, no geral, não soam sergipanos (mas apresentaram médias de F1 distantes da paulistana). Contudo, aqui também vemos uma concentração de valores altos de F1, identificadas por um círculo preto. Essas ocorrências são destacadas (**negrito e itálico**) no trecho a seguir.

Figura 22: Valores normalizados de F1 das vogais /e/ e /o/ ao longo da entrevista de PedroB

(19)

D1: “agora uma pergunta quando você conhece uma pessoa aqui de São Paulo você sabe reconhecer se ela é de Sergipe ou não?”

S1: “talvez pelas palavras... pelo jeito de conversar a maioria do **nordestino** a gente já sabe se é **nordestino** ou não mas... quando é um sergipano... a/ as conversa... e tem um palavreado que o sergipano fala muito... que a gente falou aquela palavra a gente já sabe que é sergipano... eu não vou falar aqui porque é meio que palavrão né então”

D1: “ah mas se você quiser falar não tem importância (risos)... que palavra que é?”

S1: “ah pode?... ah o sergipano sergipano fala muito ‘fio do cabrunco’ (risos)... falou ‘fio do cabrunco’ é... é sergipano que fala muito essa palavra”

D1: “e sergipano não é nordestino em geral?”

[a tia de PedroB, que está na cozinha, fala algo referente ao palavrão] (risos)

S1: “é não é um palavrão mas é um nome feio né ‘fio do cabrunco’ é o sergipano fala mui/ é só sergipano que fala essa palavra”

(...)

D1: “e você acha que o sergipano é diferente em relação às pessoas de outros estados nordestinos? se ele é diferente do cearense do alagoano... pernambucano”

S1: “é cada cada... cada estado do **Nordeste**... tem as suas diferenças... tem o seu jeito de ser entendeu?... então eula/ eu acho que cada **nordestino** tem um jeitinho diferente um do outro... uma boa parte fala errado... né?... fala palavras errado que fala palavra que nem existe... então cada um... tem suas diferenças né?”

D1: “tá”

S1: “poucas pessoas percebe que eu sou **nordestino**... no táxi por exemplo mesmo às vez a pessoa está conversando comigo não sei o quê”

D1: “uhn”

S1: ““ô... você nasceu aonde? você nasceu em São Paulo?” falei “não... sou de Aracaju Sergipe”... “ah nossa nem parece... você não fala arrastado” não sei o quê... “uai eu falo um pouquinho... às vez eu falo meio arrastado sim”... eh... “ah mas você mora há quanto tempo em São Paulo?” “ah eu moro há trinta e seis anos”... “ah então você já é quase um paulista” não sei o quê... mas as tradições a gente não esquece”

D1: “uhum... já te reconheceram como nordestino?... ou não?”

S1: “como assim?”

D1: “a/ a/ você começou a falar e a pessoa falou “ah você não é daqui”... ou nunca te (xxx)”

S1: “ah já já”

D1: “já aconteceu?”

S1: “já no táxi mesmo... mas tem muitos **nordestinos**/ que nem eu peguei uma sergipana esses dias... na Carlos Weber lá na Leopoldina foi... acho que no final de semana eu estava trabalhando final de semana passado no domingo eu fui trabalhar... aí eu peguei uma moça e ela começou a falar assim meio arrastado... tal não sei o quê... aí eu não sei o quê que eu falei falei “ah lá na minha cidade Aracaju” aí pronto... ela virou mó amiga minha”

D1: (risos)

S1: ““ah você é de Aracaju? da minha terra/ eh nós somos conterrâneo” não sei o quê... eu levei ela... deixa eu tentar lembrar... não lembro eu peguei na Carlos Weber e levei num lugar acho que foi num shopping... shopping Iguatemi?... não lembro... e ela bateu mó papo tudo falou “nossa você... não parece muito que é da minha terrinha não”... ela só tinha dois anos aqui... e ela vai viaja direto pra lá porque eh através do trabalho dela... que ela foi transferida pra cá mas ela vai pra lá direto se eu não me engano ela trabalha até na **Petrobrás**... em Aracaju tem muita coisa da **Petrobrás**”

D1: “tá... e você gosta como paulistano fala? paulista fala?”

S1: “é o paulista o que eu não gosto do paulista é que tem muito paulista que... desclassifica muito **nordestino** é que eu não gosto muito do/ é que hoje/ hoje em dia acabou mais isso... hoje

em dia o povo paulista tem vontade de conhecer o *Nordeste* muita gente quando viaja... viaja pro *Nordeste* pra Salvador pra *Fortaleza* e tal... Maceió tem uns lugar muito bonito no *Nordeste*”

D1: “uhum”

S1: “só que... na época... há trinta e seis anos atrás quando eu cheguei em São Paulo eu obser/ eu observava que o pessoal... pra... tudo o pessoal é baiano... é baiano você nem é da Bahia... os cara te chama de baiano... “e aí bahia?” não sei o quê tem cara que até às vez me chama de Bahia... falei “que bahia o quê meu? você quer... chama eu de Sergipe então... eu não sou da Bahia”... eu não gosto quando o cara “ô bahia ô bahia”... entendeu?”

(...)

S1: “hoje eu vejo que... eu acho que oitenta por cento... das pessoas que... que vivem em São Paulo são tudo do *Nordeste*”

D1: “uhum”

S1: “a maio/ você é paulista né?”

D1: “sou”

S1: “então... se/ sua mãe seu pai é paulista?”

D1: “sergipano”

S1: “então... vocês são de Sergipe... então assim... se numa casa tem cinco pessoas... três é *nordestino* ou dois é *nordestino* que é o pai e mãe o resto é tudo de São Paulo”

D1: “uhum”

S1: “então se você pôr numa balança tem mais *nordestino* do que... paulista” (...)

Semelhantemente a LeandroB, o trecho da entrevista com PedroB em que se concentram as ocorrências destacadas é aquele em que a documentadora convida o falante a relatar como ele é visto pelas pessoas com as quais conversa, o que pensa das diferenças entre os dialetos, como acredita que ele fala e afins. A grande maioria das palavras em destaque diz respeito a “nordestino” (e suas variações), assim como no caso de LeandroB. Mais uma vez, portanto, verificamos que existe uma convergência, dentro de um tópico específico, entre o uso da palavra “nordestino”, na maioria dos casos, e a produção mais frequente de vogal /o/ baixa.

O capítulo 3 menciona que PedroB migrou ainda criança (com 10 anos de idade) para São Paulo e já está na capital paulista há mais de 35 anos. Durante a entrevista, ele não demonstra particular vontade de retornar a Sergipe, pois não sente muita falta de lá, e são poucas as lembranças que ele guarda da infância. Entretanto, ele esclarece que moraria em Aracaju ou em outras capitais nordestinas, por conta da melhor qualidade de vida, em comparação a São Paulo.

Assim como LeandroB, ele menciona que os nordestinos falam mais “puxado” que os paulistanos, embora não dê exemplos disso. PedroB também não desenvolve um discurso metalinguístico sobre as vogais pretônicas, mas compartilha da opinião de que os falares são diferentes em alguns aspectos (em relação a vocabulário ou a traços prosódicos). Apesar de não ser reconhecido pelas pessoas, em São Paulo, como alguém proveniente do Nordeste, PedroB busca reforçar sua origem sergipana: ele menciona que tenta convencê-las de que às

vezes ele fala “meio arrastado” (o que, em sua opinião, é um traço que diferencia a fala dos nordestinos em relação aos paulistas) e afirma que as tradições nunca são esquecidas, mesmo que esteja morando em outro estado há mais de três décadas. Existe, então, um esforço por parte de PedroB em demonstrar sua raiz nordestina e esse comportamento se realiza em sua produção linguística, no que toca à vogal /o/, através de realizações mais baixas, principalmente quando se trata da palavra “nordeste” (e suas derivações). Vale lembrar que para o caso de /e/, ele está acomodado.

Na sua fala, portanto, percebe-se que ser sergipano é muito mais do que falar de determinado modo, mas é também não se esquecer de algumas tradições, mesmo com o passar dos anos. Seu discurso remete ao conceito desenvolvido por Jonhstone (2004) (cf. capítulo 2) em relação a “lugar”: referir-se a um “lugar” pode significar mais do que abordar um ponto físico no mapa; pode ainda significar a rememoração de lembranças e de histórias sobre um espaço construído socialmente nas relações de pertencimento a um aspecto identitário.

Quando observamos os índices de vínculo de Sergipe de LeandroB e PedroB, verificamos que eles são medianos (7,05 e 6,61, respectivamente), na medida em que há informantes da mesma rede 2 cujos índices são maiores ou menores. É compreensível que a identidade sergipana de LeandroB e PedroB ficasse mais evidente quando os tópicos eram o modo de falar e a diferença entre as pessoas de distintos lugares do país. Eles, assim como todos os outros informantes entrevistados, estavam cientes de que o foco da entrevista eram a migração e o fato de serem sergipanos. É previsível, então, que determinadas características se sobrepusessem, mesmo que em situações pontuais, para destacar sua identificação com Sergipe.

A observação mais minuciosa desses dois casos serve para mostrar que a análise acurada dos próprios discursos dos falantes e de sua produção em determinadas partes da entrevista revela padrões de uso que o estudo através de médias não tem como mostrar. Numa continuação dessa averiguação, seria pertinente olhar para o padrão de outras variáveis, como a realização do /t/ na própria palavra “nordeste”, para verificar se o migrante pronuncia a variante paulistana (palatalizada) ou a sergipana (não palatalizada). Ou, ainda, a pronúncia do (-r): se realizou o tepe (prototípico de São Paulo) ou a variante aspirada. Em suma, um estudo futuro pode verificar o comportamento de outras variáveis, nesses mesmos trechos de entrevista, com o intuito de constatar se elas apresentam ou não um padrão semelhante ao que foi descrito para as vogais pretônicas.

A análise desses excertos de entrevista abre margem para a reflexão sobre uma outra maneira de investigar a fala de migrantes. Um encaminhamento futuro adicional é a realização de uma análise em que os dados dos trechos transcritos acima fossem excluídos, de maneira que se calculasse uma “média 2” para esses mesmos falantes. Com essa nova média, ficaria viável observar se a produção dos migrantes continuaria sendo significativamente diferente da média dos paulistanos. Seria interessante observar ainda se os falantes que mais se acomodaram à fala paulistana também abaixam mais suas vogais nessa mesma parte da entrevista (sobre avaliação de pronúncias e as diferenças regionais). Um falante que apresenta um padrão “mais acomodado” pode ter uma performance de “não acomodação” num trecho de entrevista como os transcritos anteriormente e, quando a pesquisa se atenta apenas para a média dos valores extraídos, perde-se de vista essa percepção.

Conclusão

Este estudo teve como objetivo central analisar os graus de acomodação de migrantes sergipanos que residem em São Paulo e que pertencem a redes sociais distintas, no que diz respeito à produção das vogais médias pretônicas /e/ e /o/. Os integrantes da rede 1 se caracterizam por uma mobilidade geográfica mais restrita, diferentemente dos sujeitos da rede 2, que são mais dinâmicos e têm mais contato com paulistanos e paulistas. Esperava-se, a partir dessa configuração, que os migrantes da rede 1 estivessem menos acomodados às vogais médias pretônicas dos paulistanos (ou seja, que ainda mantivessem maiores graus de abertura dessas vogais ou, em outros termos, valores maiores de F1). Entretanto, as análises quantitativas, sobretudo aquelas reportadas no capítulo 4, mostraram que essa hipótese não se confirma nos dados amostrados.

Ao comparar as médias de cada uma das amostras (a de migrantes, a paulistana e a sergipana), verificou-se que faz diferença incluir ou não os informantes como uma variável aleatória. Com a inclusão de tal variável, os modelos indicam que não existe uma diferença significativa entre as médias dos sergipanos que não migraram e as dos paulistanos, o que não seria de se esperar. Esse resultado muda quando o informante não é incluído como variável aleatória. Será interessante voltar a esse estudo com a inclusão de mais entrevistas do banco “Falares Sergipanos” e do SP2010, de modo a obter amostras mais representativas das falas sergipana e paulistana. Além disso, houve uma divergência também entre os paulistanos e os migrantes em relação à inclusão dessa variável: o modelo interpreta a diferença entre a média de /o/ dos paulistanos e a dos migrantes como algo significativo quando o informante não é incluído como uma variável aleatória, diferentemente do que acontece quando é feita essa inclusão. Esses resultados indicam que os falantes têm comportamentos diferentes e que um olhar mais detido a eles vem ao caso. Apesar de não ser algo realizado com frequência nos estudos de sociolinguística, Labov (2008 [1972]), em sua pesquisa sobre os habitantes de Martha’s Vineyard, já se detinha na análise mais detalhada de alguns falantes específicos cujos padrões se destacavam do resto dos indivíduos amostrados. A análise individualizada parece ser particularmente interessante em pesquisas sobre a fala de migrantes.

Os modelos de regressão linear também revelaram que as vogais /e/ e /o/ não funcionam da mesma maneira no processo de acomodação dialetal: a grande maioria dos migrantes se acomodou à fala paulistana no que diz respeito a /e/ (19 pessoas) e, em sentido

oposto, apenas uma minoria se acomodou à fala paulistana no que concerne à vogal /o/ (apenas 6 falantes).

Dentre as variáveis linguísticas independentes, os modelos de regressão revelaram que a mais pertinente para o padrão de variação na produção dessas vogais pelos migrantes sergipanos é o valor de F1 da vogal da sílaba seguinte: quando ela é baixa (F1 mais alto), a chamada “média” pretônica tende a ser mais baixa também, o que se configura como um caso de harmonia vocálica. As variáveis *distância da vogal tônica* e *estrutura da sílaba pretônica* não estão correlacionadas à variação nos valores de F1 da média pretônica.

É notável a variação entre os indivíduos: há aqueles que parecem acomodados à fala paulistana com respeito às duas vogais; outros que estão acomodados apenas no que toca à vogal /e/; outros que se assemelham aos paulistanos apenas com relação a /o/ e, ainda, aqueles que não se acomodaram à fala paulistana, para nenhuma das duas vogais. É importante ainda considerar que esses resultados assinalam que estudos anteriores sobre acomodação podem ter chegado às conclusões a que chegaram porque não levaram em conta a aleatoriedade do informante.

O presente estudo também se voltou para a questão da identidade (ECKERT, 2008, 2010) do migrante, com o intuito de investigar se uma orientação voltada mais para Sergipe ou mais para São Paulo poderia influenciar sua taxa de acomodação: aventou-se a hipótese de que os migrantes que tivessem uma maior identificação com Sergipe tenderiam a ter menores taxas de acomodação. A partir do que foi chamado “índice de vínculo com Sergipe”, testou-se a correlação entre a identificação do falante (um valor numérico que poderia oscilar entre 2,17 e 10) e suas médias de F1 para /e/ e para /o/. Os modelos de regressão linear não indicaram diferença significativa entre o grupo com os menores índices de vínculo com Sergipe e o grupo com os maiores índices. Diante disso, questiona-se se tal índice, tal como foi calculado, de fato se mostra como a melhor maneira de computar a identificação que o migrante tem com seu estado natal.

No que se refere às outras variáveis sociais (*proporção de vida em São Paulo, índice de integração à rede, idade de migração, sexo/gênero, idade e escolaridade do falante*), foi observada correlação entre a pronúncia de /o/ e a proporção de vida do migrante em São Paulo: quanto maior a proporção, menor o valor de F1 dessa vogal. A outra correlação verificada ocorreu entre a idade de migração do falante e a produção de /e/: os testes revelaram que os que migraram mais novos baixam a vogal menos frequentemente que aqueles que migraram mais velhos. O intuito crucial da pesquisa foi analisar a influência das redes dos informantes e, tal como se discutiu ao longo da dissertação, a amostra não foi

construída levando-se em consideração todas essas variáveis sociais. Alguns ajustes tiveram que ser realizados para que os modelos de regressão pudessem ser criados com o objetivo de testar a relevância delas, mas, para uma análise mais acurada, seria necessário ter um número maior de falantes para cada grupo das variáveis.

Analisou-se também a produção de LeandroB e PedroB ao longo de suas respectivas entrevistas. Esses dois migrantes apresentam os valores mais altos de F1 para a vogal /o/ (realizando-a como mais baixa, portanto), embora não soem sergipanos. Em momentos específicos de suas entrevistas, há uma concentração de vogais /o/ realizadas como mais baixas. Nesses trechos, esses falantes fazem julgamentos, conduzidos pela documentadora, acerca de sua própria fala e das pronúncias paulistana e sergipana, e seus valores de F1, para a vogal /o/, podem ter ficado mais elevados porque era propício destacar sua identidade sergipana no momento em que se fazia necessário abordar o tema das diferentes pronúncias brasileiras. Tais casos mostram que a identidade do falante deve ser interpretada como algo fluido e não fixo, justamente porque a postura dos sujeitos se altera a depender do assunto que ele desenvolve: em momentos específicos, eles podem querer dar maior destaque para determinado aspecto de sua identidade e em outros, esse aspecto pode ficar menos evidente.

Adquirir um novo dialeto não pressupõe a substituição do original, então, o migrante (sobretudo o “mais acomodado”, por assim dizer), conseqüentemente, tem mais opções de realização (mais do que o nordestino que não migrou e mais do que os paulistas/paulistanos), porque suas vogais podem ter ficado mais altas, no geral, ou passado a incluir, junto a realizações mais baixas, também realizações mais altas. Como a variável é numérica, há variação para todo mundo, mas o espectro de variação para o migrante é maior do que os dos outros. É por isso que uma análise de cada migrante, individualmente, vem ao caso: não só através de médias, mas através de uma visualização desse “gradiente de variação” (desde realizações mais baixas até realizações mais altas), para cada informante, ao longo da entrevista. É provável que haja momentos em que todos (mais ou menos acomodados, no geral) tenham gradientes às vezes menores, às vezes maiores, no decorrer de uma conversa. A limitação que o termo “acomodação” coloca é a pressuposição de uma expectativa de que a variação na fala do migrante poderia ser menor (mais parecida com a da comunidade de destino), quando, o que observamos, é uma variação maior.

Um questionamento que permanece com os resultados apresentados é sobre se as taxas de acomodação de cada um dos migrantes se revelariam as mesmas caso eles fossem gravados em outras situações interacionais. Apesar de o pesquisador tentar criar uma situação mais descontraída com os informantes, é inegável que uma entrevista sociolinguística faz com que

o sujeito preste um pouco mais de atenção à sua própria fala. Novos estudos, então, podem trazer resultados mais conclusivos caso trabalhem com amostras em que os falantes se gravem a si próprios, pois, desse modo, é viável fazer uma comparação entre os dados obtidos com um documentador e os obtidos com outros tipos de interação.

Viu-se, ainda, que a pronúncia das vogais médias pretônicas não é algo saliente para os migrantes, pois eles não mencionaram, em nenhuma das entrevistas, essa variável como uma das diferenciadoras entre os dialetos. Nesse sentido, a acomodação ou não à variante paulistana acontece em um nível de baixa consciência. Como uma continuação dessa pesquisa, seria pertinente verificar como se dá a acomodação prosódica dos migrantes, uma vez que na grande maioria dos casos, a prosódia é apontada como um elemento que varia entre as pronúncias brasileiras.

Também como possíveis direcionamentos futuros, pode-se refletir acerca de como funciona o padrão de outras variáveis linguísticas na fala de migrantes. Os sujeitos mais acomodados à vogal pretônica paulistana podem não revelar o mesmo padrão de acomodação quando se consideram outras variantes (por exemplo, a palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/)? O estudo aqui desenvolvido com as vogais é um bom começo para pesquisas futuras que incluam mais variáveis na pergunta sobre como se dá o processo de acomodação dialetal.

Referências bibliográficas

- ADANK, P.; SMITS, R.; HOUT, R. “A comparison of vowel normalization procedures for language variation research”. *Acoustical Society of America*, vol. 116, nº 5, 2004.
- ADANT, J. “Difusão dialetal: o caso dos alagoanos em Brasília”. In: TARALLO, F. (org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem prévia*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 1979. 226f.
- ARAUJO, A. S.; SANTOS, K. C.; FREITAG, R.. “Redes sociais, variação linguística e polidez: procedimentos de coleta de dados”. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.
URL: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-8cap>
- ASHBY, P. *Understanding phonetics*. London: Macmillan Company, 2011.
- AUER, P.; BARDEN, B.; GROSSKOPF, B. “Subjective and objective parameters determining ‘salience’ in long-term dialect accomodation”. *Journal of Sociolinguistics* 2/2. USA: Blackwell Publishers, 163-187, 1998.
- BAAYEN, R. H. *Analysing linguistic data: a practical introduction to Statistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BARBOSA, P. & MADUREIRA, S. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.
- BATTISTI, E. “Redes sociais, identidade e variação linguística”. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.
URL: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>
- BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A.; PIRES LUCAS, J. I.; BOVO, N. M. P. “Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes”. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, 2007.
- BIELER DA SILVA, M. E. *Entre duas metrópoles: (-r) em Itanhandu*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2015.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.

- BOERSMA, P. & WEENINK, D. “Praat: doing phonetics by computer.”, 2014. URL <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011 [1985].
- CALLOU, D. L.; LEITE, Y.; MORAES, J.; MACHADO, L. “Caracterização acústica das vogais no português brasileiro: sílabas pretônicas e tônicas”. In: HORA, D. da (org.). *Vogais no ponto mais oriental das Américas*. Ideia: João Pessoa, 2009.
- CÂMARA JR., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CAMPBELL-KIBLER, K. “Sociolinguistics and perception”. *Language and Linguistics Compass* 4(6), 377–389, 2010.
- CARDOSO, S. “As vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica”. In: AGUILERA, V. A. (org.) *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: UEL, 1999.
- CARMICHAEL, K. “*I never thought I had an accent until the hurricane*”: *Sociolinguistic variation in Post-Katrina Greater New Orleans*. Ph.D. Dissertation. The Ohio State University, 2014. 402 f.
- CARVALHO, J. G. H. “Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas E e O em sílaba átona”. *Estudos Linguísticos*, vol. 2. Coimbra: Atlântida, 1969.
- CAVALCANTE, R. *A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007.
- CHACON, K. A. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory. Linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.
- CHESHIRE, J. “Sex and gender in variationist research.” In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*, pp. 423-443. Malden: MA: Blackwell, 2002.

- COUPLAND, N. "Introduction". In: COUPLAND, N. *Style*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- CRISTÓFARO SILVA, T. C. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell Publishing, 2000.
- _____. "Variation and the indexical field." *Journal of Sociolinguistics*, vol. 12(4), 453–476, 2008.
- _____. "Three Waves of Variation Study: The emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation". *Annual Review of Anthropology*, 41. 87-100, 2012.
- _____. "Variation, meaning and social change". In: COUPLAND, N. *Sociolinguistics - Theoretical Debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- FERREIRA, C.; FREITAS, J.; MOTA, J.; ANDRADE, N.; CARDOSO, S.; ROLLEMBERG, V.; ROSSI, N. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- FREITAG, R. M. K. "Banco de dados Falares Sergipanos". *Working Papers em Linguística*, Santa Catarina, v. 14, p. 156-164, 2013.
- GILES, H. & BILLINGS, A. "Assessing language attitudes: Speaker evaluation studies". In DAVIES, A.; ELDER, C. *The Handbook of Applied Linguistics*. Oxford: Wiley, 2004.
- GILES, H.; TAYLOR, D. & BOURHIS, R. "Toward a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data." *Language in Society*, vol. 2, 177-192, 1973.
- GOLDMAN, J. P. "EasyAlign: an automatic phonetic alignment tool under Praat." In: *Proceedings of InterSpeech*, 2011.
URL: <http://latlcui.unige.ch/phonetique/easyalign.php>
- GOMES DA SILVA, F. *Alagoanos em São Paulo e a concordância nominal de número*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2014.
- GRIES, S. Th. *Quantitative Corpus Linguistics with R: a practical introduction*. New York and London: Routledge, 2009.

- GUY, G. “Introdução à análise quantitativa da variação linguística”. In: GUY, G. & ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de Análise*. Parábola editorial: São Paulo, 2007.
- HELLWIG, B. & GEERTS, J. “ELAN - Linguistic Annotator. Versão 5.0.0-alpha”, 2017. Disponível em <http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>.
- HILGERT, G. J. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogo entre informante e documentador*, vol. I. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo; Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.
- HOFFMAN, M. & Walker, J. A. “Ethnolects in the city: ethnic orientation and linguistic variation in Toronto English.” *Language Variation and Change*, vol. 22, 37- 67, 2010.
- IRVINE, J. T. ““Style” as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation”. In: ECKERT, P. and RICKFORD, J. R. (eds.) *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge University Press, 2001.
- KLUNCK, P. *Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUC-RS, 2007.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 1966.
- _____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- _____. *Principles of Linguistic Change: external factors*. Oxford & Cambridge: Blackwell, 2001.
- LEVSHINA, N. *How to do Linguistics with R: data exploration and statistical analysis*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2015.
- LOBANOV, B. M. “Classification of Russian vowels spoken by different listeners”. *J. Acoust. Soc. Am.*, v. 49, p. 606-608, 1971.
- MARQUES, S. M. O. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. 161f.
- MARROQUIM, M. *A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Editora Nacional, 1945.
- MARTINS, M. S. *A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. 146f.

- MENDES, R. B. “A terceira onda da Sociolinguística”. In: FIORIN, J. L. (org.). *Novos caminhos da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2017
- MENDES, R. B. & OUSHIRO, L. “O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro.” *Alfa*, vol. 56(3), 973-1001, 2012.
URL: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4942/4369>
- MILROY, L. *Language and social networks*. 2ª ed. Oxford: Blackwell, 1987 [1980].
- MILROY, L. & LLAMAS, C. “Social networks”. In: CHAMBERS, J.K., TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. (Eds.) *The Handbook of Language and Change*, pp. 409-427. Malden, MA: Blackwell, 2 ed., 2013 [2002].
- MIRANDA, I. & MEIRELES, A. “Análise acústico-comparativa de vogais brasileiras com vogais norte-americanas”. *Anais do I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos*, Vitória, ES, 2011.
- MITCHELL, J. C. “The concept and use of social networks”. In: MITCHELL, J. C. (org.). *Social Networks in Urban Situations*. Manchester: Manchester University Press, 1969.
- MORAES, J; CALLOU, D.; LEITE, Y. “Caracterização acústica das vogais tônicas do português culto”. In: KATO, M. (org.). *Gramática do português falado*. Vol. V. São Paulo: editora Unicamp, 2002.
- MOTA, J. *Vogais antes do acento em Ribeirópolis – SE*. 2v. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 1979.
- MOTA, J. & CARDOSO, S. “Variação fônica nas capitais brasileiras”. In: MARTINS, M. A. & ABRAÇADO, J. (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1922].
- NASCIMENTO, I. B. *O uso variável do pronome de segunda pessoa vocês/cês na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2011. 235f.
- OUSHIRO, L. *Uma análise variacionista para as interrogativas-Q*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2011. 160f.
- _____. “Tratamento de dados com o R para análises sociolinguísticas.” In: FREITAG, Raquel Meister Ko (Ed.), *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.
URL: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-10cap>

- _____. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São de Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2015a. 390f.
- _____. “silac: Silabificador, acentuador e transcritor fonológico do Português Brasileiro - v0.2.” Ms., 2015b. (script do R).
- _____. *A acomodação dialetal e a estabilidade de padrões sociolinguísticos na fala adulta*. Relatório Científico de Pós-Doutorado, UFRJ, 2016.
- _____. *Processos de acomodação dialetal na fala de nordestinos residentes em São Paulo*. Relatório científico de projeto regular, UNICAMP, 2017a.
- _____. *Introdução à estatística para linguistas (Version 1.0.1)*. Zenodo, 2017b. Disponível em: <http://doi.org/10.5281/zenodo.1133792>.
- _____. *silac: Transcritor fonológico do português*. Versão online (v0.5.1), 2018. Disponível em: oushiro.shinyapps.io/silac. Acesso em 03/09/2018.
- PEREIRA, R. C. M. *Uma análise variacionista das vogais médias pretônicas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.
- PODESVA, R.. *Three sources of stylistic meaning*. Washington D.C.: Georgetown University, 2007a.
- _____. “Phonation type as a stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona”. *Journal of Sociolinguistics* 11/4, 478-504, 2007b.
- R CORE TEAM. “R: A language and environment for statistical computing.” *R Foundation for Statistical Computing*, Vienna, Austria, 2017. URL: <http://www.R-project.org/>
- RICKFORD, J. R. & McNAIR-KNOX, F. “Addressee and topic-influenced style shift: a quantitative sociolinguistic study”. In: BIBER, D. & FINEGAN, E. (eds.). *Sociolinguistic Perspectives on Register*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1994.
- ROCHA, F. M. V. *O comportamento das vogais médias pretônicas na fala de Nova Iguaçu-RJ*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- ROCHA, R. S. *A negação dupla no português paulistano*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2013. 97f.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

- SANTANA, A. L. “Redes sociais de sergipanos: procedimentos de coleta”. In: *Anais - XXVI Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*. Recife: Pipa Comunicação, 2017.
- SANTOS, S. C. G. “Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal: um estudo da fala de migrantes paraibanos em São Paulo”. Ms. Qualificação de área - IEL/UNICAMP, 2017.
- SANTOS, W. S. *A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2014. 141f.
- SILVA, M. B. *As pretônicas no falar baiano*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.
- SOUZA, E. S. *Covariação na fala de migrantes baianos em São Paulo*. Apresentação realizada no III Mini Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Sociolinguística. Campinas: 2017.
- TAGLIAMONTE, S. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2011.
- TRUDGILL, P. “Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich”. *Language in Society*. Vol. 1, 179-95, 1972.
- TRUDGILL, P. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.
- VIEGAS, M. C. *Alçamento das vogais pretônicas*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1987.
- WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- YACONVENCO, L. C. *As vogais médias pretônicas na fala culta carioca*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

Anexos

Anexo A: Roteiro de perguntas

PARTE 1

- 01) onde você mora?
- 02) você gosta aqui do bairro? A vizinhança é tranquila?
- 03) quando você veio pra cá?
- 04) você tinha quantos anos na época?
- 05) por que que você veio pra São Paulo?
- 06) de onde você é?
- 07) você já conhecia alguém aqui?
- 08) vir aqui pra São Paulo já era uma coisa planejada?
- 09) logo que você veio, já tinha intenção de ficar por aqui mesmo?
- 10) como é que foi a infância lá?
- 11) (Se frequentou a escola, perguntar:) você estudou até que série lá?
- 12) você gostava de ir pra escola?

PARTE 2

- 13) você trabalha atualmente? gosta do seu emprego?
- 14) tem alguma outra coisa que você gostaria de fazer ou gostaria de ter algum outro emprego?
- 15) você é casado (a)?
- 16) tem filhos? (Se sim) todos nasceram aqui?
- 17) sua esposa/seu marido é daqui também?
- 18) (Se não for daqui) vocês vieram juntos ou um veio antes?
- 19) aqui em São Paulo, o que você acha desse bairro?
- 20) você sempre morou por aqui desde que você chegou?
- 21) (Se já morou em outros) e desses lugares que você morou, qual que você mais gostou?

PARTE 3

- 22) o que você costuma fazer quando tem tempo livre?
- 23) você costuma passear? Se sim, quais lugares você gosta de frequentar?
- 24) você acha que São Paulo oferece várias/boas opções de lazer? Ou você acredita que a cidade poderia ter mais opções?
- 25) pra você, qual o maior problema de São Paulo hoje? Por quê?
- 26) o que você acredita que o poder público poderia fazer para solucionar esse problema?
- 27) e qual é a melhor coisa que São Paulo oferece para as pessoas? Por quê?

PARTE 4

- 28) hoje você pensa em voltar pra Sergipe ou você já está definitivo aqui? Por quê?
- 29) você mantém contato com o pessoal de lá?
- 30) você costuma voltar?

- 31) (Se costuma voltar) como que vocês vão pra lá? De avião? De carro?
- 32) já fez essa viagem de ônibus também?
- 33) sua família que ficou lá em Sergipe vem pra cá às vezes?
- 34) alguém da sua família quer voltar pra Sergipe? Ou todos preferem continuar morando aqui em SP?
- 35) o que você percebe de diferente entre seu antigo bairro lá de Sergipe e aqui?
- 36) são quantos habitantes lá?
- 37) do que você mais sente falta de lá? Família? Comida? Clima?

PARTE 5

- 38) você tem família morando aqui em São Paulo também?
- 39) vocês costumam se ver, se reunir?
- 40) seus melhores amigos moram aqui no bairro ou a maioria é do seu trabalho?
- 41) você costuma conversar com seus vizinhos? Você gosta de conversar com eles? Costuma se reunir com eles com frequência?

PARTE 6

- 42) quando você conhece uma pessoa aqui em SP você sabe se a pessoa é de Sergipe ou se ela não é? você consegue reconhecer? (Se consegue) como?
- 43) e você consegue reconhecer quando uma pessoa é nordestina?
- 44) você acha que o sergipano é diferente em relação às pessoas dos outros estados nordestinos? O sergipano é diferente do baiano, por exemplo?
- 45) como é que fala o paulistano? você gosta do modo como o paulistano fala?
- 46) qual “sotaque” (pronúncia) que você mais gosta no Brasil?
- 47) você acha que você mudou seu jeito de falar desde que você chegou?
- 48) as pessoas reconhecem que você é de Sergipe?
- 49) você já sofreu algum tipo de preconceito por ser sergipano(a)?
- 50) você acha que o pessoal de São Paulo recebe bem os migrantes de outros estados? Ou você acredita que existe um nível alto de preconceito com os nordestinos em geral?
- 51) você tem bastante contato com paulistanos? E com pessoas de outros estados do Nordeste?
- 52) o que você percebe de diferente entre lá e aqui?

PARTE 7

- 53) quais são seus planos pro futuro?
- 54) se você ganhasse na Mega-Sena, o que você faria?
- 55) você já viajou pra outros lugares do Brasil? Quais?
- 56) vocês mantêm suas tradições? Existe alguma coisa que vocês faziam lá e que vocês fazem questão de continuar fazendo aqui?
- 57) você faria tudo de novo? Viria aqui pra São Paulo de qualquer jeito ou se você tivesse a cabeça de hoje, você acredita que faria diferente?

Anexo B: Questionário para a obtenção do índice de vínculo com Sergipe

01) Numa escala de 1 a 10, o quanto você se considera sergipano(a)? (1: não me considero sergipano; 10: me considero totalmente sergipano)

02) Numa escala de 1 a 10, o quanto você se considera paulista? (1: não me considero paulista; 10: me considero totalmente paulista)

03) Numa escala de 1 a 10, o quanto você acha que o nordestino é diferente do paulista? (1: pouco diferente; 10: muito diferente)

04) Numa escala de 1 a 10, o quanto você acha que seu jeito de falar é diferente das pessoas que nasceram em São Paulo? (1: nada diferente; 10: muito diferente)

05) Numa escala de 1 a 10, o quanto você acha que o jeito de falar do sergipano é diferente comparado ao jeito de falar do paulista? (1: nada diferente; 10: muito diferente)

06) A maioria dos seus amigos é sergipana?

1: nenhum amigo é sergipano; 2: poucos são sergipanos; 3: metade é; 4: a maioria é sergipana.

07) Você tem vizinhos sergipanos?

1: não; 2: sim

08) As pessoas com quem você trabalha são sergipanas?

1: não; 2: sim, algumas; 3: sim, várias.

09) As pessoas com quem você trabalha são nordestinas (as que não são sergipanas)?

1: não; 2: sim, algumas; 3: sim, várias.

10) Numa escala de 1 a 10, o quanto você acha que o sergipano sofre de preconceito em São Paulo? (1: não sofre preconceito; 10: sofre muito preconceito)

11) Numa escala de 1 a 10, o quanto você acha que o nordestino em geral sofre de preconceito em São Paulo? (1: não sofre preconceito; 10: sofre muito preconceito)

Anexo C: Transcrição na ferramenta ELAN

ELAN 5.0.0-alpha - SESP-2015-F49-ReginaL.eaf

Arquivo Editar Anotação Irãlha Tipo Buscar Visualizar Opções Janela Ajudar

Grade

Texto

Legenda

Lexicon

Comments

Reconhecedores

Metadados

Controles

▼ S1

> N.	Anotação	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
221 mas		00:13:36.690	00:13:36.492	00:00:00.802
222 já acostumei aqui		00:13:37.401	00:13:38.384	00:00:00.983
223 o calor de São Paulo é muito bom		00:13:38.486	00:13:40.010	00:00:01.524
224 é lá está muito calor em Sergipe lá não está chovendo não está uma seca danada lá		00:13:41.713	00:13:45.589	00:00:03.876
225 está mas aqui não se compara com lá não viu		00:13:46.996	00:13:49.096	00:00:02.100
226 lá está pior		00:13:50.379	00:13:51.019	00:00:00.640
227 todos os dias conversa		00:13:55.319	00:13:57.006	00:00:01.687
228 por telefone		00:13:57.447	00:13:58.465	00:00:01.018
229 com as minhas prima com as minhas cunhada minhas irmã		00:14:01.006	00:14:03.252	00:00:02.246
230 no whatsapp		00:14:03.440	00:14:04.456	00:00:01.016

00:13:37.401

Seleção: 00:13:37.401 - 00:13:38.384 983

⏮ ⏪ ⏩ ⏭ 🔍 ↺ ↻ ⏮ ⏪ ⏩ ⏭ 🔍 ↺ ↻

☐ Modo de Seleção ☐ Modo de Repetição (Loop)

▼ SESP-2015-F49...

13:32.000 00:13:33.000 00:13:34.000 00:13:35.000 00:13:36.000 00:13:37.000 00:13:38.000 00:13:39.000 00:13:40.000 00:13:41.000 00:13:42.000 00:13:43.000 00:13:44.000

13:32.000 00:13:33.000 00:13:34.000 00:13:35.000 00:13:36.000 00:13:37.000 00:13:38.000 00:13:39.000 00:13:40.000 00:13:41.000 00:13:42.000 00:13:43.000 00:13:44.000

13:32.000 00:13:33.000 00:13:34.000 00:13:35.000 00:13:36.000 00:13:37.000 00:13:38.000 00:13:39.000 00:13:40.000 00:13:41.000 00:13:42.000 00:13:43.000 00:13:44.000

13:32.000 00:13:33.000 00:13:34.000 00:13:35.000 00:13:36.000 00:13:37.000 00:13:38.000 00:13:39.000 00:13:40.000 00:13:41.000 00:13:42.000 00:13:43.000 00:13:44.000

D1 [981]

S1 [982]

Dados contextuais [81]

deu? lá é mais é bom porque tem a família por perto né minh

um

já acostumei aqui

o calor de São Paulo é mui

calor de São Paulo?

é lá está muito calor em Sergipe lá não e

[risos-S1]

Anexo D: Resultados dos modelos de regressão linear com a inclusão dos valores de F1 não normalizados

Tabela 50: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /e/ pretônica nas três amostras (N = 3952)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)
Informante como variável aleatória				
(<i>Intercept</i>)	469,59	51,81	9,064	< 0,001 ***
SE-2012	114,82	73,19	1,569	0,129
SESP-2016	74,73	52,74	1,417	0,169
Informante não incluído como variável aleatória				
(<i>Intercept</i>)	474,039	5,609	84,51	< 0,001 ***
SE-2012	111,507	7,044	15,83	< 0,001 ***
SESP-2016	74,209	5,589	13,28	< 0,001 ***
Modelos: lmer(F1 ~ AMOSTRA + (1 INFORMANTE) + (1 PALAVRA), data = vogal.e) lmer(F1 ~ AMOSTRA + (1 PALAVRA), data = vogal.e)				

Tabela 51: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica nas três amostras (N = 2509)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)
Informante como variável aleatória				
(<i>Intercept</i>)	493,68	58,47	8,444	< 0,001 ***
SE-2012	104,51	82,69	1,264	0,219
SESP-2016	98,14	59,54	1,648	0,112
Informante não incluído como variável aleatória				
(<i>Intercept</i>)	497,589	6,828	72,88	< 0,001 ***
SE-2012	101,428	9,953	10,19	< 0,001 ***
SESP-2016	97,992	7,021	13,96	< 0,001 ***
Modelos: lmer(F1 ~ AMOSTRA + (1 INFORMANTE) + (1 PALAVRA), data = vogal.o) lmer(F1 ~ AMOSTRA + (1 PALAVRA), data = vogal.o)				

Tabela 52: Estimativas (em Hz) de valores de F1 normalizados para vogal /e/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 3454)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)
(<i>Intercept</i>)	470,77	49,38	9,534	< 0,001 ***
Rede 1	88,58	50,81	1,743	0,094 .
Rede 2	49,72	51,80	0,960	0,347
Modelo: lmer(F1 ~ REDE2 + (1 INFORMANTE) + (1 PALAVRA), data = vogal.e2)				

Tabela 53: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica nas duas redes em comparação com SP2010 (N = 2272)

	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	Significância (<i>p</i>)
(<i>Intercept</i>)	491,25	56,79	8,651	< 0,001 ***
Rede 1	114,73	58,46	1,963	0,062 .
Rede 2	74,45	59,65	1,248	0,224
Modelo: lmer(F1 ~ REDE2 + (1 INFORMANTE) + (1 PALAVRA), data = vogal.o2)				

Tabela 54: Estimativas (em Hz) de valores médios de F1 não normalizados para vogal /e/ pretônica na fala das mulheres da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 1118)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<i>(Intercept)</i>	469,456	5,113	91,816	< 0,001 ***
ElianaL	165,678	10,191	16,257	< 0,001 ***
JoanaT	57,286	11,020	5,198	< 0,001 ***
MartaL	78,973	10,958	7,207	< 0,001 ***
NilsaL	131,933	8,565	15,403	< 0,001 ***
ReginaL	79,252	8,993	8,813	< 0,001 ***
RitaL	61,342	9,656	6,352	< 0,001 ***
RoseS	116,621	9,193	12,686	< 0,001 ***
RuthT	171,463	8,889	19,290	< 0,001 ***
TelmaN	74,482	11,725	6,353	< 0,001 ***
VivianeS	75,801	10,076	7,523	< 0,001 ***

Modelo: lmer(F1 ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.e)

Tabela 55: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /e/ pretônica dos homens da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 415)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<i>(Intercept)</i>	469,456	5,113	91,816	< 0,001 ***
JoaquimS	59,635	9,874	6,040	< 0,001 ***
JonasS	1,945	9,479	0,205	0,837
JorgeN	40,966	9,332	4,390	< 0,001 ***
JulioL	71,506	9,833	7,272	< 0,001 ***
RobertoS	118,905	14,142	8,408	< 0,001 ***
RodrigoL	60,179	7,435	8,094	< 0,001 ***

Modelo: lmer(F1 ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.e)

Tabela 56: Estimativas (em Hz) de valores médios de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica na fala das mulheres da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 789)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<i>(Intercept)</i>	493,538	6,418	76,906	< 0,001 ***
ElianaL	191,157	12,293	15,550	< 0,001 ***
JoanaT	137,694	21,294	6,466	< 0,001 ***
MartaL	73,330	12,232	5,995	< 0,001 ***
NilsaL	164,480	13,364	12,308	< 0,001 ***
ReginaL	32,190	13,658	2,357	0,018 *
RitaL	118,699	12,875	9,219	< 0,001 ***
RoseS	200,474	16,466	8,653	< 0,001 ***
RuthT	189,176	11,255	16,808	< 0,001 ***
TelmaN	142,484	16,466	8,653	< 0,001 ***
VivianeS	118,050	15,549	7,592	< 0,001 ***

Modelo: lmer(F1 ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.o)

Tabela 57: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica dos homens da rede 1 em comparação com SP2010 (N = 415)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)
<i>(Intercept)</i>	493,538	6,417	76,906	< 0,001 ***
JoaquimS	65,682	16,003	4,104	< 0,001 ***

JonasS	0,494	14,492	0,034	0,973	
JorgeN	44,027	14,140	3,114	0,002	**
JulioL	74,583	14,154	5,269	< 0,001	***
RobertoS	194,313	20,123	9,656	< 0,001	***
RodrigoL	73,254	10,087	7,262	< 0,001	***

Modelo: lmer(F1 ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.o)

Tabela 58: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /e/ pretônica das mulheres da rede 2 em comparação com SP2010 (N = 495)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
(Intercept)	469,456	5,113	91,816	< 0,001	***
CarlaB	74,826	7,615	9,826	< 0,001	***
EleonorB	138,448	8,778	15,772	< 0,001	***
LucianaM	149,318	10,246	14,573	< 0,001	***
VandaR	97,120	8,947	10,856	< 0,001	***

Modelo: lmer(F1 ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.e)

Tabela 59: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /e/ pretônica dos homens da rede 2 em comparação com SP2010 (N = 813)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
(Intercept)	469,456	5,113	91,816	< 0,001	***
AlexandreS	21,876	17,145	1,276	0,202	
EmersonS	-36,492	11,682	-3,124	0,002	**
JoãoS	83,048	8,357	9,938	< 0,001	***
LeandroB	1,077	10,087	0,107	0,915	
LucasB	16,590	8,423	1,969	0,049	*
PedroB	5,709	9,214	0,620	0,536	
ReinaldoB	98,956	7,779	12,721	< 0,001	***

Modelo: lmer(F1 ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.e)

Tabela 60: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica das mulheres da rede 2 em comparação com SP2010 (N = 277)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
(Intercept)	493,538	6,417	76,906	< 0,001	***
CarlaB	107,367	11,624	9,237	< 0,001	***
EleonorB	108,373	12,298	8,812	< 0,001	***
LucianaM	106,915	11,906	8,980	< 0,001	***
VandaR	139,988	13,269	10,550	< 0,001	***

Modelo: lmer(F1 ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.o)

Tabela 61: Estimativas (em Hz) de valores de F1 não normalizados para vogal /o/ pretônica dos homens da rede 2 em comparação com SP2010 (N = 445)

	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	Significância (p)	
(Intercept)	493,538	6,417	76,906	< 0,001	***
AlexandreS	68,733	30,995	2,218	0,267	*
EmersonS	-30,929	16,215	-1,907	0,056	.
JoãoS	77,379	11,229	6,891	< 0,001	***
LeandroB	52,786	15,040	3,510	< 0,001	***

LucasB	49,013	14,490	3,383	< 0,001	***
PedroB	37,562	12,445	3,018	0,002	**
ReinaldoB	113,753	13,347	8,523	< 0,001	***

Modelo: lmer(F1 ~ INFORMANTE + (1|PALAVRA), data = vogal.o)

Anexo E: Quadros vocálicos das migrantes da rede 1 em comparação com os paulistanos, em tamanho ampliado